



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM LETRAS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS



ELISÂNGELA CUSTÓDIO FAURA RETISINE

COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE (1993): UMA LEITURA DECOLONIAL

Dourados (MS)
23 de março de 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM LETRAS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS

UFGD
Universidade Federal
da Grande Dourados

ELISÂNGELA CUSTÓDIO FAURA RETISINE

COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE (1993): UMA LEITURA DECOLONIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras, área de Literatura e Práticas Culturais.

Orientadora: Profª. Dr.^a Leoné Astride Barzotto.

BANCA DE DEFESA

Prof.^a. Dr.^a. Leoné Astride Barzotto (UFGD) – Orientadora/Presidente

Prof.^a. Dr.^a. Alexandra Santos Pinheiro (UFGD) – Membro Titular

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior (UEMS) – Membro Titular

Prof.^a. Dr.^a. Denise Silva (UFGD) – Membro Suplente Interno

Prof. Dr. Eudes Fernando Leite (FCH-UFGD) – Membro Suplente Externo

Dourados (MS)
23 de março de 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R438c	<p>Retisine, Elisângela Custódio.</p> <p>Como água para chocolate (1993) : uma leitura decolonial. / Elisângela Custódio Faura. – Dourados, MS : UFGD, 2022.</p> <p>Orientadora: Prof. Leoné Astride Barzotto. Dissertação (Mestrado em Zootecnia) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Laura Esquivel. 2. Como água para chocolate. 3. Mulheres. I. Título.</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Leoné Astride Barzotto (UFGD) – Orientadora/Presidente

Prof.^a. Dr.^a. Alexandra Santos Pinheiro (UFGD) – Membro Titular

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior (UEMS) – Membro Titular

Prof.^a. Dr.^a. Denise Silva (UFGD) – Membro Suplente Interno

Prof. Dr. Eudes Fernando Leite (FCH-UFGD) – Membro Suplente Externo

RETISINE, Elisângela Custódio Faura. 2021. *Como água para chocolate* (1993): uma leitura decolonial. Texto para o Exame de Defesa de Dissertação (Mestrado em Letras – Área de Concentração: Literatura e Práticas Culturais) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.

RESUMO: O romance *Como água para chocolate* (1993), da escritora mexicana Laura Esquivel, traz como protagonista a personagem feminina Tita, que é a mais nova de três irmãs. A matriarca, mamãe Elena, é uma mulher extremamente rígida e se comporta na narrativa aos moldes do patriarcalismo vigente no início do século XX, na América Latina. Por ser a caçula, Tita é assombrada pela tradição mexicana e familiar, pela qual a filha mais nova não pode se casar, pois precisa cuidar dos genitores até a morte desses. Percorrendo esse fio condutor do romance, essa dissertação de mestrado visa desenvolver uma leitura decolonial da obra a fim de expor episódios que retratam e denunciam opressões ainda vigentes no sistema, tais como: patriarcalismo, exploração da população nativa com trabalhos domésticos não remunerados, uso da tradição para a manutenção do poder, colonialidade do ser, do saber e do poder, recursos socioculturais que representam a luta social da América Latina, como o realismo mágico, por exemplo, dentre outros aspectos que a literatura tem a capacidade de representar ao passo em que revela problemas tantos. Nesse contexto de investigação, com vistas a ter no texto literário um suporte de mudança social, serão analisados conceitos coerentes com a proposta decolonial de fazer/ler literatura latino-americana: o realismo mágico como forma de resistência aos ditames do poder ainda colonizador, colonialidades, fronteiras, tradições, manutenção cultural, exploração cultural, decolonialidade entre outros, de modo a cumprir o objetivo de analisar a tradição do patriarcalismo, via *corpus* selecionado, e seus desdobramentos, destacando a submissão da mulher inserida em tal contexto presente na família exposta na narrativa, com modos e valores, que são passados de geração em geração; apesar de não se tratar de uma pesquisa de caráter feminista exclusivamente, mas as questões da crítica feminista e do feminismo decolonial atuam como subtemas, uma vez que temos em destaque personagens mulheres. A metodologia de pesquisa a ser usada faz uma abordagem bibliográfica de fontes literárias e teórico-críticas como suporte para todas as reflexões que pretendemos e, para isso, usaremos intelectuais-chave para o contexto latino-americano, como: Quijano, Mignolo, Barzotto, Lugones, Schmidt, Santos, Maia, Figueiredo e tantos outros e outras, assim como seus conceitos e perspectivas atuais diante do papel de representatividade da literatura para as questões familiares, sociais e culturais dessa zona de contato intercambiante denominada América latina.

Palavras-chave: Laura Esquivel. *Como água para chocolate*. Decolonialidade. Tradição. Cultura.

RETISINE, Elisângela Custódio Faura. 2021. *Como água para chocolate* (1993): a decolonial reading. Text for the Dissertation Defense Exam (Master's in Letters – Area of Concentration: Literature and Cultural Practices) – Faculty of Communication, Arts and Letters, Federal University of Grande Dourados, Dourados, 2022.

ABSTRACT: The novel *Como Água para Chocolate* (1993), by the Mexican writer Laura Esquivel, features the female character Tita, who is the youngest of three sisters, as its protagonist. The matriarch, Mama Elena, is an extremely rigid woman and behaves in the narrative along the lines of the patriarchalism prevailing in the early 20th century in Latin America. As the youngest, Tita is haunted by Mexican and family tradition, for which the youngest daughter cannot marry, as she has to take care of her parents until their death. Following this thread of the novel, this master's dissertation aims to develop a decolonial reading of the work in order to expose episodes that portray and denounce oppressions still in force in the system, such as: patriarchy, exploitation of the native population with unpaid domestic work, use of tradition for the maintenance of power, coloniality of being, knowledge and power, sociocultural resources that represent the social struggle in Latin America, such as magical realism, for example, among other aspects that literature has the ability to represent while which reveals so many problems. In this context of investigation, with a view to having in the literary text a support for social change, concepts consistent with the decolonial proposal of making/reading Latin American literature will be analyzed: magical realism as a form of resistance to the dictates of still colonizing power, colonialities, borders, traditions, cultural maintenance, cultural exploitation, decoloniality among others, in order to fulfill the objective of analyzing the tradition of patriarchy, via selected corpus, and its consequences, highlighting the submission of women inserted in such a context present in the exposed family in the narrative, with modes and values, which are passed from generation to generation; although it is not exclusively a feminist research, the issues of feminist criticism and decolonial feminism act as sub-themes, since we have female characters in the spotlight. The research methodology to be used makes a bibliographical approach of literary and theoretical-critical sources as a support for all the reflections that we intend and, for that, we will use key intellectuals for the Latin American context, such as: Quijano, Mignolo, Barzotto, Lugones, Schmidt, Santos, Maia, Figueiredo and many others, as well as their current concepts and perspectives in the face of the representative role of literature for family, social and cultural issues of this interchangeable contact zone called Latin America.

Keywords: Laura Esquivel. *Como água para chocolate*. Decoloniality. Tradition. Culture.

Dedico este trabalho, aos meus pais e meu esposo, a minha Gatinha Nina, os quais contribuíram direta e indiretamente para a efetivação de um sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida e por me dar força e coragem, para após vinte anos fora da instituição educacional, poder retornar e concluir o Mestrado em Literatura e Estudos Regionais, Culturais e Interculturais na Universidade Federal da Grande Dourados.

À minha família que hoje faz parte desta história e me ajudaram a ter garra e determinação para concluir o Mestrado, pois, em parte, é por eles que sigo a construção de um futuro mais próspero e promissor. Em especial, minha mãe, quem mais me incentivou e indiretamente me ajudou a ingressar.

Aos demais professores do programa que tiveram toda a dedicação para que eu me tornasse uma boa profissional e que me fizeram crescer como sujeito mais crítico e assim refletir melhor sobre mim e minhas escolhas para poder ver a vida de uma maneira mais aberta. Em especial, eu quero agradecer à minha professora, amiga, parceira e orientadora, Dr^a. Leoné Astride Barzotto, professora dedicada, que me ensinou grande parte do que sei sobre Literatura e Estudos e Regionais, Culturais e Interculturais e, acima de tudo, uma pessoa que exercita a compaixão, pois não só foi professora, mas também, conselheira e educadora: sei que uma dedicatória nunca vai expressar meu agradecimento por tudo que me oportunizou. Obrigada pelas orientações de curso, estágio e de vida, sem você a caminhada não seria tão colorida e perfumada!

Agradeço a todos os colegas que compartilharam saberes e novos olhares e que de alguma maneira participaram da minha formação.

Por fim, agradeço muito à CAPES, pelo apoio financeiro, fundamental para o findar de
minha caminhada no mestrado da UFGD. .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I: À GUISA DE UM AMPARO CONCEITUAL LATINO-AMERICANO.....	14
1.1 O realismo mágico como potencialidade de resistência	14
1.2 A colonialidade do poder e seus desdobramentos	20
1.3 Em busca do feminismo decolonial	30
CAPÍTULO II: UM PANORAMA MULTICULTURAL	42
2.1 - A Cultura Mexicana e suas tradições	43
2.2 – O México e suas mulheres	48
2.3 – <i>Como água para chocolate</i>	56
CAPÍTULO III: UMA LEITURA DECOLONIAL DAS PERSONAGENS.....	61
3.1 – Mamãe Elena: na contramão da liberdade.....	66
3.2 – Rosaura: a desagradável manutenção do sistema	71
3.3 – Gertrudis: quebra de paradigmas sexuais	74
3.4 – Tita: uma culinária responsiva.....	77
PONDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

Primeiramente, sinto a necessidade de traçar uma pequena linha do tempo sobre o caminho que me trouxe até esta pesquisa de mestrado. Quando ingressei, em 1998, na primeira turma do curso de Letras da Faculdade de Letras, FINAV, na cidade de Naviraí-MS, com duração de três anos, sendo a primeira turma da área de Letras, um dos meus sonhos estava se tornando realidade! Como o campo de trabalho para professor estava muito difícil, eu demorei alguns anos para conseguir lecionar, mas como tudo tem seu tempo e a sua hora certa, em 2010, consegui um período em uma escola municipal e amei tudo em torno da experiência, apesar da grande dificuldade de acesso à escola, porém sinto que venci. Os anos foram passando e consegui aulas no estado e, assim, tudo foi se encaixando diante do que esperava para minha profissão.

No ano de 2019, estava na sala de tecnologia na escola em que lecionava, em uma das minhas horas-atividade, conversando com uma colega (que já era mestre pela UFGD). Para minha surpresa, ela me falou que estava aberto o processo seletivo e sugeriu que me inscrevesse e que tentasse entrar no mestrado de Letras da UFGD, (alguns meses antes havia falado para ela que era meu segundo sonho fazer um mestrado). Contudo, disse à colega que jamais conseguiria, pois estava afastada há uns vinte anos do mundo acadêmico. Depois disso, falei com meus pais, com meu marido e todos me deram a maior força para eu tentar, pois, segundo meus pais, sempre fui muito estudiosa. Foi o que fiz, tentei e deu certo, fiz todo o processo seletivo, nada fácil, mas venci essa etapa e fiquei tão feliz e, ao mesmo tempo, triste, porque sabia que não iria ser nada fácil, mas que se deu certo até ali é porque Deus tinha algo de bom para me mostrar. Eu me imaginava voltando para a vida de estudante com mais experiência de vida, sabendo o que realmente queria, fui realizar a matrícula e aquilo foi, para mim, algo tão maravilhoso que não me cabia de tanta felicidade.... Eu ia mesmo fazer mestrado na UFGD - um sonho se tornando realidade!

No início ao ano letivo, veio a Pandemia da Covid-19 e, como a maioria, achei que seriam alguns meses, mas foram quase os dois anos de mestrado, os quais, para mim, foram de muito aprendizado para toda minha vida; tive algumas perdas de familiares, foi um ano de muito sofrimento, entretanto, graças a Deus, tive força de prosseguir. Nesse contexto, conheci minha orientadora Leoné Astride Barzotto, primeiramente, através do WhatsApp e, então, pensei: “Meu Deus! Que mulher magnífica e inteligente”; temi não dar conta de acompanhá-la. Ao final, ela se mostrou uma pessoa maravilhosa que me ensinou muita coisa em dois anos e que irei levar para vida toda, com muita paciência e dedicação. Todos os outros professores

também são um encanto e amei todos, cada um com suas qualidades. Assim, fui realizando descobertas com a minha pesquisa, as quais jamais eu conheceria, não pertenciam ao meu mundo, tantas leituras, tantas escritas, tantas reescritas. Enfim, tudo contribuiu de forma significativa para o meu crescimento pessoal e intelectual.

No processo de seleção da Pós-Graduação, eu já fui ao encontro da escritora Laura Esquivel e sua história de vida e cheguei à obra *Como água para Chocolate*. Ao longo das disciplinas, fui me envolvendo cada vez mais com o romance e, então, o projeto partiu dessa identificação que foi apoiada pela minha orientadora.

Laura Esquivel nasceu em 1950, no México e ao longo de sua vida, tem atuado em diversas áreas artísticas, como o cinema, a televisão, onde trabalhou como roteirista, além do teatro e da literatura. No que se refere a esta última expressão artística, vale ressaltar ainda que ela é uma das escritoras mais conhecidas na América Hispânica e sua popularidade se deu pelas suas narrativas, principalmente pela adaptação de seu romance *Como água para Chocolate* (1993) para o cinema.

Ao destacar suas influências, é válido ressaltar o papel que as mulheres da família exerceram, especialmente quando elas se encontravam reunidas, na cozinha, para momentos de contação de histórias. Para Esquivel, esse ambiente familiar sempre trouxe uma memória afetiva e a cozinha se tornou um espaço de elo entre ela e a família. Essas influências também podem ser observadas em seu romance mais famoso.

Dado o exposto, eu não tive dúvidas que esse seria o tema da minha dissertação, pois a obra valoriza a emancipação das mulheres e a busca pelos seus sonhos, que é algo que também está acontecendo comigo. Apesar de vivermos em uma sociedade democrática, ainda há muito a ser conquistado pelas mulheres, pois elas são deixadas em segundo plano devido à uma cultura patriarcalista e machista que predomina até hoje na sociedade.

Nesse sentido, vi a possibilidade de abordar essa desigualdade social das mulheres na sociedade atual, não só pelo fato de Laura Esquivel ser uma mulher contemporânea da América Latina, mas também por ela retratar essa necessidade de apoiar as mulheres e ajudá-las a buscar a sua felicidade e se libertar dessa submissão causada por uma visão machista e conservadora, a qual coloca as mulheres como reprodutoras e servidoras do lar, tirando delas a oportunidade de entrar no mercado de trabalho e buscar sua independência, ou ainda, quando, no mercado de trabalho, são subjugadas a salários inferiores e não raro, mais carga laboral.

Nesse sentido, ao definir o objeto e o tema que seria o meu foco, iniciei os trabalhos de pesquisa consultando o sistema de dissertações da CAPES pelo título do romance, “Como

água para Chocolate”. Na sondagem, apareceram 9 publicações, sendo 8 em português e 1 em inglês. Destas opções, 3 não possuem acesso aos trabalhos e estão definidas como “Trabalho anterior à Plataforma Sucupira”.

No trabalho intitulado “Entre o banquete e o corpo: a carnavalização em *Como água para Chocolate*” de Vita (2016), a autora analisa os elementos simbólicos ressaltados por Mikhail Bakhtin como o banquete, a comida, a bebida, os atos de excretar, copular, parir bem como elementos como a água e o fogo. Ela possui caráter bibliográfico e oferece um “banquete metafórico que brinca com a relatividade da verdade, do impróprio entre outros aspectos essenciais da vida” (VITA, 2016). No caso do romance, *Como água para Chocolate*, a autora realiza as relações entre comida, corpo e desejo refletindo sobre como esta tríade influi e é vista na cultura ocidental. Apesar de não ter o mesmo foco, possui relação com a minha dissertação, pois ao interpretar criticamente o romance também é feita a análise da tríade: comida, corpo e desejo.

Na pesquisa “Real maravilhoso e Cinema: o universo ficcional de Gabriel Garcia Márquez revisitado nos filmes *Como água para Chocolate* e *A casa dos espíritos*”, de Alves (2014) inicia pelo conceito de Real Maravilhoso definido pelos principais estudiosos do tema e então destaca elementos significativos na escrita do colombiano Gabriel García Márquez. Para contemplar o estudo do conceito do Real Maravilhoso foram escolhidos para análise os filmes *Como água para Chocolate* e *A casa dos espíritos* que são adaptações das obras de Isabel Allende e Laura Esquivel, respectivamente, já que as escritoras utilizam muito este aspecto em seus livros. Apesar de utilizar outras obras e ser focado no filme, a análise do real maravilhoso de Laura Esquivel também está presente na minha dissertação.

No trabalho intitulado “*Como água para chocolate: da linguagem verbo-audiovisual ao ensino de língua estrangeira*” de Santos (2014), o foco é o uso de três sequências da adaptação do romance para filme com o texto original em língua espanhola. A proposta é apresentar uma comparação entre o gênero literário e o cinematográfico, observando as aproximações e afastamentos entre a obra original e sua adaptação para o cinema. Neste caso, a dissertação de Santos (2014) não possui as mesmas características da minha proposta, apesar de ser focada no mesmo romance.

No texto “A construção das subjetividades femininas em *Como água para Chocolate*, de Laura Esquivel” de Santos (2018) propõe a investigação da construção das subjetividades femininas no romance através do seu próprio discurso gastronômico. Para isso, aborda as vozes das mulheres no processo de reescrita da história, os movimentos de opressão e resistência na cozinha, as relações de afeto construídas pela comida e os diferentes lugares do

materno. A pesquisa de Santos (2018) é o que mais se aproxima da minha dissertação, pois também abordo todos estes itens ao longo do meu texto e utilizo estas reflexões construídas pelo autor na minha tese.

O texto de Dutra (2017), com o título “As tradições do patriarcalismo nas obras *A Casa de Bernarda Alba*, de Federico García Lorca e *Como água para Chocolate*, de Laura Esquivel” contribuíram muito para as minhas reflexões tanto que a autora é citada ao longo da dissertação. Dutra (2017) faz uma análise entre as obras que possuem uma temática similar, com destaque nas tradições e suas influências no comportamento dos indivíduos. A autora aborda o luto e o patriarcalismo como formas de castrar e reprimir os desejos de suas filhas apresentando os desdobramentos no universo feminino.

Na tese “A pedra e a água: uma leitura comparada de *Pedro Páramo* (1955), de Juan Rulfo, e *Como água para Chocolate* (1989), de Laura Esquivel”, de Miranda (2013) faz uma comparação entre os romances dos autores mexicanos, partindo da constatação de que ambas narrativas ocorrem em meio à Revolução Mexicana que foi um dos movimentos mais complexos da história latino-americana. O objetivo é analisar os pontos de aproximação e contrastes entre eles, visto que a narrativa de Juan Rulfo é universalizante e pessimista enquanto a de Laura Esquivel é particularizadora e otimista.

Por fim, em “Rastreando identidades em ‘Mi negro pasado’, de Laura Esquivel” de Couto (2021) que analisa especificamente a obra apresentada no título e o romance *Como água para Chocolate*, no entanto é utilizado para definir as características gerais das obras de Laura Esquivel, não tendo nenhuma ligação direta com a minha dissertação.

Neste contexto, o objetivo deste trabalho é analisar a tradição do patriarcalismo, via *corpus* selecionado e seus desdobramentos, destacando a submissão da mulher inserida em tal contexto presente na família exposta na narrativa, com modos e valores, geralmente machistas, que são passados de geração em geração, para conseguir viabilizar uma leitura decolonial do romance e descortinar todas as suas denúncias acerca de novas formas de opressão para a manutenção do poder, quer na esfera familiar, como no sistema em si. Por meio da abordagem bibliográfica de fontes literárias e teóricas como suporte às reflexões de conceitos como patriarcalismo, colonialidades, decolonialidade, heterogeneidade multitemporal, e realismo mágico como forma de resistência expostas na literatura. Usaremos críticos e críticas essenciais como: Quijano, Mignolo, Barzotto, Lugones, Schmidt, Santos, Maia, Figueiredo e tantos outros e outras que apresentam conceitos e perspectivas atuais diante do papel de representatividade da literatura para as questões familiares, sociais e culturais da/na América Latina.

No capítulo I, “À guisa de um amparo conceitual latino americano” demonstro que a cultura de um país é o que o particulariza e o caracteriza. Seus costumes, modo de vida, a culinária e sua história colaboram com os papéis sociais dos indivíduos de um dado lugar. Assim também atua Laura Esquivel quando associa a história política e os costumes do México a um romance cheio de fantasias que, por vezes, o classifica como exemplo de narrativa para o realismo mágico, sendo uma forte característica latino-americana desde o século XX, inclusive com tom denunciativo na literatura em foco.

No segundo item, sigo com o conceito de colonialismo quando é abordado desde o início das colonizações na América Latina, a ideia de raça e de cultura até chegar à definição do termo, que é o conjunto de práticas e atitudes que têm como objetivo dominar os povos colonizados e garantir a hegemonia da nação colonizadora.

No último item deste tópico, também abordo o termo feminismo decolonial, desenvolvido por Maria Lugones que não deve ser considerado como uma teoria, mas como diversas práticas políticas transformadoras que consideram os sujeitos de maneira situada, ou seja, este está envolvido com lutas e grandes questões sociais como o combate ao racismo e a luta de gêneros, por exemplo.

Já no capítulo II, “Um panorama multicultural”, apresento um pouco do conceito de García Canclini sobre o hibridismo cultural, ou seja, mesmo com a tentativa de formar uma cultura de elite, houve e há uma mistura entre diversas raças e costumes, conforme podemos perceber nesse trecho:

Em casas da burguesia e de setores médios com alto nível educativo de Santiago do Chile, Lima, Bogotá, México e muitas outras cidades, coexistem bibliotecas políglotas com artesanatos indígenas, TV por cabo e antenas parabólicas com móveis coloniais revistas que informam como realizar especulação financeira nesta semana com ritos e religiosos seculares (GARCÍA CANCLINI, 2003, p. 74).

O crítico ainda acrescenta que a América Latina registra uma heterogeneidade multitemporal em sua cultura moderna, resultante da substituição do tradicional e do antigo devido ao desenvolvimento industrial e a urbanização. Com isso, criou-se um mercado artístico e literário através da expansão educativa que permitiu a profissionalização de alguns artistas e escritores, enquanto que o analfabetismo atingia metade da população.

Essa diferença entre a cultura culta e a popular teve maior relevância na literatura e histórias da arte, com a função de registrar geralmente o lado da elite. De acordo com García Canclini (2003), isso acontecia pela dependência dos intelectuais em relação às metrópoles, gerando uma grande preocupação dos escritores e artistas com os conflitos internos de suas

sociedades para se comunicar com os pequenos povos, pois a cultura nacional tinha como função reproduzir modelos estrangeiros e projetos para transformá-la.

No primeiro item deste tópico, abordo sobre como os diversos movimentos culturais iniciaram um processo de modernização e desenvolvimento nacional autônomo. Os artistas buscam analisar as divisões fundamentais do desenvolvimento desigual e dependente, ou seja, contrapor a “arte culta e popular, cultura e trabalho, a experimentação de vanguarda e a consciência social” (GARCÍA CANCLINI, 2003, p. 81). No entanto, as críticas ligadas à modernização capitalista no México também estiveram ligadas à formação de uma sociedade nacional, na qual se tentou inserir a arte e artesanato mexicanos a um patrimônio cultural.

Gaglietti e Barbosa (2007) acrescentam que, apesar da modernidade latino-americana ser tardia, apresentando um quadro de defasagem histórico-cultural, é possível perceber que, a partir da década de 90, não se pode negar que a América Latina tenha se modernizado. Mesmo que não diretamente, as práticas culturais começam a fazer parte do processo de desenvolvimento político, atuando como vias de expressões simbólicas por meio de ações afetivas.

Ainda neste tópico, apresento uma reflexão sobre a função da mulher na sociedade e, a seguir, me motivando a aprofundar no romance e encontrar muito mais do que eu podia imaginar, o que associado com outros trabalhos científicos me ajudou a compreender a minha função social, familiar e profissional e, assim, levando-me à outra perspectiva enquanto pesquisadora e mulher latino-americana, sujeito atuante no mundo do aqui e do agora.

No capítulo III, faço uma leitura decolonial das personagens, ou seja, os quatro pilares que se completam no romance: Mamãe Elena, Rosausa, Gertrudis e Tita. Na obra, temos uma característica patriarcalista que é, ironicamente, da matriarca Elena, seu poder de impor e oprimir suas três filhas; atitudes que acabam determinando o destino delas. Esse perfil adotado por mamãe Elena pode ter acontecido pelo fato de ela ter que assumido todas as responsabilidades de sua família, após a morte do seu marido e em meio a Revolução Mexicana, que foi um período de muita violência, principalmente para com as mulheres.

Toda dor e angústia causados por este fato acabam tendo um efeito negativo em suas características maternas, ou seja, em vez de proteger suas filhas para que não passem pelos mesmos sofrimentos, Elena acaba disparando humilhações e opressões a elas, principalmente à caçula Tita, que é questionadora e sempre se destaca em suas ações apaixonadas - Tita é a protagonista; uma vez que na cultura mexicana do início do século XX, cabia à caçula cuidar dos pais idosos e, por isso, ser proibida de casar: outro fio condutor de nossa narrativa. Este tópico ainda é subdividido pela análise de Rosaura que representa a desagradável manutenção

do sistema, de Gertrudis que representa a quebra de paradigmas sexuais e da análise da personagem principal Tita, que representa a culinária responsiva e o pilar de todo o enredo do romance.

Dessa forma, o foco dessa dissertação será analisar a tradição do patriarcalismo e seus desdobramentos, bem como a submissão da mulher inserida neste contexto presente em sua família e passada de geração em geração, mas mais do que isso, verificar nas tradições culturais latino-americanas novas formas de colonialidades as quais buscam deixar o poder sempre nas mãos dos mesmos e continuar o velho/novo ciclo de explorações de toda ordem. É importante ressaltar que, quando falamos em tradição, devemos considerar que ela é algo enraizado em nossa sociedade e difícil de ser rompida assim como as performances culturais. Logo, a discussão desses temas, em nível acadêmico, torna-se extremamente necessário se desejamos uma sociedade melhor, mais humana e igualitária.

CAPÍTULO I: À GUISA DE UM AMPARO CONCEITUAL LATINO-AMERICANO

A América Latina é um lugar de contradições, mestiçagens e transculturações. Isso se dá de maneira natural, pois foi moldada pela história: colonização europeia, escravidão, ditaduras, dentro outros. Apesar de os latino-americanos serem formados pela sedimentação e miscigenação de culturas indígenas, coloniais, espanholas, as quais, por muito tempo, foram vistas sob um olhar do “homem colonizador” (branco, estrangeiro, cristão), várias formas opressoras de poder sobre indivíduos que são considerados inferiores: mulheres, indígenas, negros, entre outros, foram desenvolvidas.

Toda essa realidade latino-americana tem sido transposta para a literatura e acarreta uma maneira própria de produzir textos literários. Dentre esses modos de fazer literatura, temos o chamado realismo mágico, que surge no *boom* literário latino-americano e age como uma resposta artística ao fantástico europeu, pois engloba fenômenos da agenda “surreal” local, ou seja, incorporando na literatura da América Latina traços “mágicos” que fazem sentido da e na América Latina.

Assim sendo, há que se destacar ainda o profícuo potencial emancipador das narrativas latino-americanas, especialmente no que se refere a nossa força sociocultural diante de um mundo que vive em constante transformação. Diante disso, é fundamental a importância de se refletir sobre essas produções a partir de determinados aparatos teóricos, tais como o pensamento liminar e o feminismo decolonial, haja vista a temática narrativa de nosso corpus, que apresenta. É o que pretendemos a seguir.

1.1 O realismo mágico como potencialidade de resistência

No século XX, a América Latina teve diferentes ditaduras e formas de resistências em cada país. Frente à essa conjuntura, os artistas subverteram a censura e o sistema e, por meio de suas artes, desenvolveram uma forma específica de interpretar essas singularidades. No que se refere aos escritores, há um destaque para um gênero que se renova nesse momento, a saber, o realismo mágico. Sendo assim, realizar análise desse gênero literário é uma forma de compreender que a resistência, por meio da literatura, pode acontecer de duas formas, segundo Maia (2016): por meio da exploração dos conceitos literários e políticos – com alto teor de abstração – e por meio das práticas literárias e políticas – considerando um viés empírico e historiográfico que começa com a leitura e se complementa com uma análise contextual.

A princípio, é importante destacar que o realismo mágico é peculiar a América Latina, mas é importante perceber algumas estruturas da literatura fantástica. Ainda, vale ressaltar, que o termo ainda é muito confundido com Real Maravilhoso, vertente cunhada por Alejo Carpentier, em *O reino deste mundo*. Diante disso, para que possamos compreender melhor as bases e as potencialidades de resistência do realismo mágico é preciso destacar um panorama do gênero insólito.

Nesse sentido, é importante ressaltar que houve um tempo que o fantástico se tornou a linguagem preferida dos escritores ao redor do mundo: a Europa se deslumbrou com as histórias sobre os gênios na garrafa e tapetes voadores. Então desenvolveu o maravilhoso ocidental, do Eldorado e das diferentes fauna e flora tropicais, uma floresta sem diversidade, seus lagos escuros e grutas. Maia (2016) define o fantástico (europeu) na literatura como um mundo exatamente igual ao nosso, ou seja, sem diabos ou vampiros, mas com a relação entre real e imaginário, causado por meio natural e sobrenatural ou pela relação entre os dois criando um efeito fantástico. Neste caso, é necessário que o texto faça o leitor considerar alguns personagens como criaturas vivas, mas existentes ao longo da narrativa. O efeito pode ser de assombro, como nos contos de mistério ou terror, por exemplo, quando a história se volta em torno do personagem-herói. Dessa forma, percebemos que o fantástico não tem o foco na obra em si, mas na experiência individual do leitor, ou seja, na intensidade emocional que ele provoca.

Além disso, é preciso separar o fantástico do estranho. Ao realizar a leitura considerando as leis da realidade como forma de explicar os fenômenos narrados, a obra então não é fantástica, mas estranha. Vale ressaltar também que para alguns autores, o sobrenatural era apenas um pretexto para descrever personagens e situações que nunca poderiam ser citadas nas obras realistas e, por isso, alguns temas da literatura fantástica podem ser vistos como uma lista de temas proibidos determinados por algum tipo de censura, seja uma censura institucionalizada ou por um algum tabu.

O real maravilhoso está relacionado ao realismo mágico e foi acarretado pela literatura fantástica europeia. Por isso, fala-se mais em realismo mágico, já que se considera que o maravilhoso faça parte dele. Azevedo e colaboradores (2018) afirmam que o realismo maravilhoso sugere aspectos da fé autenticamente latino-americana que é uma mistura das fés indígenas, africanas e europeias, o que configuraria o aspecto “maravilhoso” e único a esse gênero, totalmente conectado ao local. O realismo mágico é exclusivamente latino-americano e apresenta características específicas do lugar, uma vez que somente aqui essas experiências são realizadas e identificadas como tais no texto literário, sobretudo no que diz respeito à

mescla de referências das culturas dos povos originários como daqueles povos vindos de África, desde o modo de expor a sua religiosidade até o modo de preparar seus alimentos e de se portar socialmente. Não estamos dizendo que não há ‘magia’ na mescla cultural de outras partes do mundo, obviamente que há e que a literatura desses lugares por ventura a representa. Contudo, cada lugar tem suas especificidades e estas são representadas de forma única em suas artes e em suas literaturas.

O realismo mágico foi empregado como uma possível definição para a literatura que passou a ser produzida na América Latina no período pós-guerras. Contudo, as obras desse período tinham algumas peculiaridades que ainda não eram conhecidas da crítica até então como características regionais, mesclados a elementos sobrenaturais e a forma única de se falar da realidade latino-americana.

Considerando uma abordagem histórica, o realismo mágico surgiu em um dos períodos bem distintos da América Latina: a instalação de regimes de governos ditatoriais, entre as décadas de 1960-1970. O gênero se configura ainda como uma forma de driblar a censura aplicada pelos ditadores, pois por meio do quesito ‘mágico’ começam a acontecer coisas que não deveriam ter acontecido ou que não deveriam ter sido permitidos que acontecesse. Assim, por meio da história narrativa, criava-se uma versão de liberdade sobre uma história traumática do presente ou do passado.

O Realismo Mágico utiliza do fantástico, surreal como componente de destaque, porém, surge por meio de narrativas ficcionais em que o foco são os elementos e personagens que fazem parte do mundo real e também do surreal, do absurdo, do inalcançável, os quais não encontram na Ciência uma razão para sua existência, sendo totalmente além da realidade humana, mas que no entendimento da *diegese* fazem sentido.

Segundo Azevedo e colaboradores (2018) o realismo mágico possui uma característica fundamental que é a de conter uma história criada a partir de uma realidade, ou seja, não se baseia na imaginação do artista, e sim, na forma que ele representa a realidade. No entanto, o real maravilhoso, apesar de ser criado a partir do realismo mágico, tem como característica fundamental ser regional-cultural, sendo exclusivo da América Latina, já que possui um perfil mestiço, híbrido e, principalmente, sincrético.

O termo real maravilhoso geralmente é confundido com o realismo mágico, porém possui um uso bem mais restrito. Em 1948, Alejo Carpentier publicou o ensaio *Lo real maravilloso* que apareceu como prólogo de seu romance *El reino deste mundo*. Ele utiliza seus conhecimentos surrealistas adquiridos em Paris onde define o conceito de real maravilhoso para explicar sua obra e a realidade americana, sugerindo que existe uma

realidade maravilhosa na América Latina que une uma cultura mestiça e sua natureza exuberante, em que histórias e fatos podem causar algum estranhamento para os indivíduos estrangeiros. Este olhar surrealista na literatura provoca o uso da própria linguagem para desenvolver universos alternativos, que consegue negar a realidade a sua volta, criando um tipo de reatualização da própria utopia. Dessa forma, o surrealismo teve que revolucionar a poética na linguagem, buscando o valor emocional das palavras, diante disso, Uslar Pietri, Asturias e Capentier se separam dos movimentos europeus para desenvolver um movimento que tivesse raízes americanas.

Com o passar do tempo, a teoria do real maravilhoso foi sendo aprimorada e em 1964, Carpentier insere em seu livro de ensaios *Tientos y diferenciais*, a questão *De lo real maravilloso americano*. O autor afirma que a realidade maravilhosa americana se opõe ao elemento maravilhoso das culturas europeias e também do maravilhoso dos surrealistas. Assim ele retoma o seu texto de 1948 e inclui mais dois elementos básicos: “a ideia de realismo maravilhoso como uma forma de ser e pensar acima de uma temporalidade específica e a ideia de que se pode aplicar o termo à obra de outros escritores hispano-americanos e não apenas a si próprio” (FIGUEIREDO, 2010, p. 401).

Há vantagens em associar o termo maravilhoso com o realismo para definir a nova literatura hispano-americana: lexical, poética e histórica em que a definição lexical está associada ao extraordinário e a aquilo que foge da ordem prevista pelas coisas e pelos indivíduos, pois o maravilhoso se diferencia do que é humano para se associar ao que é produzido pelos seres naturais. A segunda vantagem está associada à ordem lexical, poética e histórica literária, quando se faz a associação da maravilha à história latino-americana.

Dessa forma, o real maravilhoso não é considerado apenas um movimento literário hispano-americano, e sim, como um tipo de discurso que permite direcionar as coordenadas de uma cultura, sociedade ou linguagem hispano-americana. Está associado à capacidade de perceber o maravilhoso que só existe em quem possui condições para isto. Ao ser percebida, haverá a necessidade especial para expressá-la por meio do domínio de uma linguagem própria, ou seja, é a forma como o indivíduo vê o mundo a sua volta.

Já o realismo mágico é definido por Figueiredo (2010) como uma criação estética, que partindo de uma realidade, converte-se como mágica, por meio de diversos recursos como o exagero e a hipérbole ou ainda a deformação da realidade até chegar ao grotesco. Assim, o realismo mágico seria a magia inventada pelo artista a partir de uma realidade concreta em que se altera intencionalmente com fins estéticos.

Considerando a literatura hispano-americana, existem poucas menções de obras de autoria feminina no realismo mágico. A primeira escritora feminina foi a mexicana Sor Juana Inés de La Cruz, que apareceu no século XVII. Contudo, até o século XX, a voz da mulher seguiu sendo marginalizada e excluída pela sociedade patriarcal, fazendo com que elas temessem ser condenadas só pelo ato de escrever. A partir de 1960, o número de obras públicas por mulheres começa a aumentar e na próxima década surge a crítica literária feminina, trazendo novas oportunidades para este universo que até então era dominado pelo patriarcado, com o objetivo de desmascarar os estereótipos construídos sobre os textos de autoria feminina que até então eram classificados como fúteis, coisas de mulheres, etc.

Já a década de 1980 foi o apogeu para as obras de autoria feminina, cujas escritoras ganharam maior destaque se igualando aos já consagrados escritores latino-americanos, dentre elas a escritora mexicana Laura Esquivel.

No título do romance *Como água para chocolate*, Laura Esquivel utilizou um provérbio popular mexicano, mas com uma ideia de realismo mágico, ou seja, “Como água para chocolate” é um ditado popular que significa estar chateado ou com raiva e, no romance a autora utiliza como se representasse a inquietude de Tita em sua trajetória pela história em que vários momentos passam por situações que a deixam “como água para chocolate”. Vale ressaltar que os ditados populares são muito comuns no México e são usados para ensinar algo bom ou alertar.

No romance *Como água para chocolate*, os capítulos são divididos em doze receitas que retratam a vida da protagonista, sendo importantes para ela, que descobre uma forma de expressar suas emoções por meio dos preparos dos pratos. Com isso, os preparos de Tita demonstram certa magia, apresentando episódios inexplicáveis pela lógica da realidade, no entanto, junto aos efeitos do realismo mágico latino-americano. No início do romance, tem um episódio em que mamãe Elena, grávida, cortava as cebolas e, com isso, Tita chorou tanto que acabou nascendo devido à grande quantidade de lágrimas. A causa do choro seriam as toxinas liberadas pela cebola, mas considerando o realismo mágico, os aromas dos alimentos fizeram com que ela nascesse chorando, enquanto a felicidade de se casar seria negada, como podemos acompanhar no seguinte trecho:

Dizem que a Tita era tão sensível que desde que estava no ventre de minha bisavó chorava e chorava quando esta picava cebola. Seu choro era tão forte que Nacha, a cozinheira da casa, que era meio surda, o escutava sem esforço. Um dia, os soluços eram tão fortes que provocaram o adiantamento do parto. E sem que minha Bisavó pudesse sequer dizer um pio, Tita despencou nesse mundo prematuramente, sobre a mesa da cozinha, entre os aromas de uma sopa de massinha que estava cozinhando,

os tomilhos, do louro, do coentro, do leite fervido, do alho e, é claro, da cebola. De tarde, quando o susto passou e a água, graças aos efeitos dos raios do sol, se evaporou, Nacha varreu o resíduo das lágrimas que haviam ficado no ladrilho vermelho que cobria o chão. Com este sal ele encheu um saco de cinco quilos [...] (ESQUIVEL, 1993, p. 3-4).

Com isso, a protagonista passa quase todos os momentos dentro da cozinha, criando suas receitas e escondendo os seus sentimentos durante um tempo no romance até que resolve tentar romper as barreiras impostas por sua mãe, mostrando a relação de poder que a mesma exerce sobre Tita, além da tradição familiar em que a filha caçula, “[...] era a indicada para cuidar da mãe até o fim de seus dias” (ESQUIVEL, 1993, p. 121).

A cozinha e as receitas típicas são as características principais do romance e é por meio delas que os eventos extraordinários acontecem. Um trecho do romance que elucida um desses momentos é quando Tita, após perder Nacha, a cozinheira que a criou como mãe, foi obrigada a preparar um jantar para sua família e para Pedro, o noivo da sua irmã Rosaura e também seu grande amor:

Tita apertava as rosas com tal força contra seu peito que, quando chegou à cozinha, as rosas, que em princípio eram cor-de-rosa, já tinham se tornado rubras pelo sangue das mãos e do peito de Tita. Tinha de pensar rapidamente o que fazer com elas. Estavam tão lindas! Não era possível atirá-las no lixo, em primeiro lugar porque nunca antes tinha recebido flores e em segundo porque fora Pedro quem as tinha dado. Súbito escutou claramente a voz de Nacha, ditando-lhe ao ouvido uma receita pré-hispânica onde se utilizam pétalas de rosa (ESQUIVEL, 1993, p. 38-39).

Essa receita ditada pelo espírito de Nacha causa diferentes sensações nos convidados, refletindo características do realismo maravilhoso. Além da beleza poética do momento do jantar, a autora ressalta os sabores da América Latina, especificamente do México.

Quando se sentaram à mesa havia um ambiente ligeiramente tenso, mas não aconteceu nada de mais até que foram servidas as codornas. Pedro [...] ao saborear o primeiro bocado do prato exclamou, cerrando os olhos em verdadeira luxúria: - Este é um prazer dos deuses. Mamãe Elena [...] incomodada pelo comentário disse: - Mas tem sal demais. Rosaura, pretextando náusea e enjoo, não pôde comer mais que três garfadas. Em troca, aconteceu algo estranho a Gertrudis (ESQUIVEL, 1993, p. 41).

A reação de Gertrudis é a mais incrível desse momento. Tita que não pode viver seu desejo por Pedro, o transfere para Gertrudis. A refeição lhe traz um efeito afrodisíaco e ela começa a sentir um calor intenso que nada era capaz de curar ou acalmar. Ela literalmente pega fogo, pois todo esse calor sexual emana a sua pele, se sente excitada, se masturba, foge de casa. Além disso, o cheiro das rosas do seu corpo estava tão forte que chegou até o local que estavam os revolucionários e federais, que participavam da Revolução Mexicana.

Gertrudis é uma personagem muito interessante, mas não é muito explorada na história. Depois deste episódio, ela volta como “generalá” do exército revolucionário, se tornando uma mulher imponente e temida pelos homens que participam da revolução. Esse teor político colabora com as características do realismo maravilhoso, pois constantemente, são usadas metáforas do real maravilhoso para representar os contextos conturbados da América Latina.

No plano da diegese, os episódios de realismo mágico ou de real maravilhoso não causam estranheza no leitor, apesar de distintos da realidade, aquela nossa do real cotidiano, os fatos fictícios têm, apesar do estranhamento, um certo sentido na narrativa, não há a quebra de compreensão tampouco de entendimento dos fatos. Vale lembrar que o real maravilhoso é mais, digamos, ‘apimentado’ que o realismo mágico ao propor, diretamente, um embate com o misticismo próprio das religiosidades mescladas nas Américas. Assim como as crenças sobrenaturais oriundas da natureza exuberante e dos aspectos todos que forjam essas nações já maculadas pela colonização, pela escravidão e pelas ditaduras; por isso mesmo, o real maravilhoso só pode ser um fenômeno desse lugar ao passo que o realismo mágico tenta responder ao fantástico em terras americanas.

Além disso, o romance utiliza alguns recursos do realismo fantástico para construir situações inusitadas e expor tanto o sofrimento contido quanto a libertação sexual. As mensagens de esperança e de força feminina aparecem ainda que de forma problemática e relacionadas ao amor romântico, apresentando o papel determinado pelas mulheres neste sistema. Desde crianças, as filhas de Elena são ensinadas a buscar um homem para se casar como objetivo de vida.

A protagonista Tita, por exemplo, se apaixona sem nunca ter uma conversa com Pedro, como se o amor fosse uma força inexplicável que vai fatalmente atingir todas as mulheres. Ainda criança, Tita já é avisada que não poderá se casar devido a uma tradição da família em que a filha caçula deverá cuidar de sua mãe até sua morte, deixando-a chateada com a notícia, visto que o casamento era o único objetivo de vida das mulheres.

1.2 A colonialidade do poder e seus desdobramentos

Segundo Quijano (2005), a América representa o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial, ou seja, representa a primeira identidade da modernidade. Dessa forma, dois processos históricos estabeleceram como dois eixos fundamentais de um novo padrão de poder: a diferença na estrutura biológica que colocava alguns indivíduos em

situação natural de inferioridade em relação aos outros e a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial.

Com isso, surgiu a ideia de raça relacionada às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, formando identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, entre outras. Essas novas identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes de acordo com o padrão estabelecido, classificando socialmente a população.

Na América, definir a raça foi fundamental para legitimar as relações de dominação impostas pela conquista, naturalizando as relações coloniais de dominação entre os europeus e os não europeus, estendendo-se por todo o mundo. Ao observarmos as linhas principais de exploração e dominação social em escala global, bem como as linhas matrizes do atual poder mundial, sua distribuição de recursos e trabalho, entre as sociedades, é possível perceber que a maioria dos explorados e discriminados são os membros das raças, das etnias que foram classificadas como colonizadas no processo de conquista da América.

A relação entre a cultura europeia e as outras culturas têm características de dominação colonial, pois não se trata somente de uma subordinação, mas de uma colonização de outras culturas. Isso acontece porque no início houve uma sistemática repressão de crenças, símbolos e conhecimentos que não ajudaram na dominação colonial global. Essa repressão atingiu as formas de conhecer, de produzir conhecimento e perspectivas, padrões e instrumentos de expressão formalizada e objetivada, intelectual ou visual, seguida pela imposição do uso de padrões próprios de expressão dos dominantes.

Os colonizadores impuseram também uma imagem mistificada de seus próprios padrões de produção de conhecimentos e significações. Primeiro, colocaram os colonizados longe do acesso dos dominados e os ensinaram de modo parcial e seletivo, para associar alguns dominados em parte do poder dos dominadores e, então, seduzir em busca do poder.

A cultura europeia se tornou um modelo universal e as culturas não europeias não poderiam existir e reproduzir-se fora dessas relações. Mas os efeitos da colonialidade cultural foram diferentes de acordo com os momentos. Na América Latina, a repressão cultural e a colonização do imaginário foram acompanhadas pelo extermínio das populações indígenas por meio da mão de obra descartável, violência da conquista e das doenças. A repressão cultural acabou dividindo a população em subculturas camponesas iletradas, condenadas à oralidade.

Entretanto, Quijano (2005) ressalta que nesse processo de constituição histórica da América, todas as formas de controle e exploração do trabalho foram articuladas em torno da relação capital-salário, bem como do mercado mundial. Assim, raça e divisão do trabalho foram estruturalmente associadas impondo uma sistemática divisão racial do trabalho. O autor afirma que:

Na área hispânica, a Coroa de Castela logo decidiu pelo fim da escravidão dos índios, para impedir seu total extermínio. Assim, foram confinados na estrutura da servidão. Aos que viviam em suas comunidades, foi-lhes permitida a prática de sua antiga reciprocidade –isto é, o intercâmbio de força de trabalho e de trabalho sem mercado– como uma forma de reproduzir sua força de trabalho como servos. Em alguns casos, a nobreza indígena, uma reduzida minoria, foi eximida da servidão e recebeu um tratamento especial, devido a seus papéis como intermediária com a raça dominante, e lhe foi também permitido participar de alguns dos ofícios nos quais eram empregados os espanhóis que não pertenciam à nobreza. Por outro lado, os negros foram reduzidos à escravidão. Os espanhóis e os portugueses, como raça dominante, podiam receber salários, ser comerciantes independentes, artesãos independentes ou agricultores independentes, em suma, produtores independentes de mercadorias. Não obstante, apenas os nobres podiam ocupar os médios e altos postos da administração colonial, civil ou militar (QUIJANO, 2005, p. 119).

A América ganhou uma privilegiada posição pelo controle do ouro, da prata e de outras mercadorias produzidas pelo trabalho escravo dos indivíduos não europeus que foram colonizados, pois sua localização próxima ao oceano Atlântico, permitiram o tráfico dessas mercadorias para o mercado mundial, reforçando e consolidando a dominação colonial branca sobre as demais populações mundiais.

Esse confronto entre espanhóis e ameríndios estendeu-se ao *criollo* (branco, negro e mestiço) que surgiu da importação de escravos africanos, bem como da população branca europeia que foram trazidas as Américas, por seus próprios interesses. Essa etno-racialidade se tornou a engrenagem da diferença colonial, que começou pela expulsão dos judeus, passou pelos debates sobre o lugar dos ameríndios na economia e no cristianismo e terminou com a exploração e silenciamento dos escravos africanos.

Foi a partir do circuito comercial do Atlântico que a escravidão se tornou sinônimo de negritude, fazendo do mundo moderno um exercício da colonialidade do poder. Esse imaginário mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, vozes escutadas/apagadas, de memórias compactadas/fraturadas, de histórias contadas com uma única versão que suprimiram outras memórias e histórias que se contaram ou ainda são contadas de acordo com o que a consciência colonial gera.

O colonialismo foi a consequência do imperialismo europeu que acarretou na conquista dos territórios das Américas, da África e de parte da Ásia com o objetivo de

instaurar e perpetuar o controle sobre os locais descobertos destruindo as estruturas sociais dos povos originários.

Segundo Gonçalves e Ribeiro (2018), colonialismo se deriva do latim “colônia” que significa terras novas para o cultivo, ou seja, representa as práticas, teorias e atitudes relacionadas ao estabelecimento e manutenção do império em que o Estado possuía domínio sobre as colônias conquistadas. Essa soberania foi possível devido à invenção da categoria cultural que permitiu a ocupação dos espaços, vistos como inferiores, por meio da cultura.

Com isso, percebe-se que o colonialismo consiste em um movimento de dominação das colônias e atualmente, atua como um conjunto de práticas e atitudes com o objetivo de dominar os povos colonizados e garantir a hegemonia da nação colonizadora, por meio do saber, da cultura, do senso comum, do comportamento, das crenças, das formas de relação de trabalho, etc.

Por meio das teorias pós-coloniais, o conceito de colonialidade foi desenvolvido por Aníbal Quijano que sugere diversas análises embasadas em aspectos raciais e capitalistas. A colonialidade está presente em três bases principais: poder, saber e ser. Segundo Quijano (2005), a colonialidade do poder se refere às desigualdades de gênero, raças e etnias com o homem branco no comando, ou seja, o conceito contemporâneo envolve principalmente o trabalho, a cultura e a produção de recursos de diferentes povos que tiveram contato com o europeu. Isso justifica a dependência da América Latina sob outros países europeus, inclusive dos Estados Unidos, pois essa submissão foi desenvolvida com o objetivo de dominar as diferentes raças, não somente biológica, mas também relacionadas ao trabalho e a cultura.

Quijano (2005) afirma que a colonialidade do saber está relacionada à epistemologia, ou seja, pela apropriação cultural ou ocultação de uma cultura considerada inferior para impor um conhecimento universal, especificamente um conhecimento ocidental que inferioriza tudo o que vem de saberes, conhecimentos e pensamentos não europeus. A colonialidade do ser foi utilizada primeiramente por Walter Mignolo para se referir sobre a experiência vivida dentro da colonização. Esse conceito explica o processo de desumanização no qual o colonialismo não impacta somente no imaginário, mas na própria experiência cotidiana.

Com isso, Quijano (2005) afirma que os campos afetados pelos três elementos (poder, ser, saber) como trabalho, sexo, autoridade, subjetividade e natureza são ignorados para que a colonialidade seja mantida. Esses padrões de poder e de ser é uma realidade do período colonial e incentiva a inferiorização dos indivíduos que não se encaixem. Já a colonialidade do saber serve para analisar o conjunto das epistemologias e dos pensamentos coloniais.

Ao longo de todo o romance de Laura Esquivel, quando as personagens são apresentadas, a linguagem de poder é de mamãe Elena, uma voz feminina que abrange a teoria de Aníbal Quijano, de modo a manter suas filhas, principalmente a protagonista Tita, com características de inferioridade ao poder materno. Mamãe Elena possui um poder abusivo, privando e oprimindo suas filhas de viver suas próprias vidas, mantendo uma relação sem comunicação, mas cheia de repressões e tristeza.

Na colonialidade do saber, de Quijano, além do legado de desigualdade e injustiças sociais acarretados pelo colonialismo e do imperialismo, há também um legado epistemológico do eurocentrismo, que impede a compreensão do mundo por meio das nossas próprias experiências, pois é o que acontece com Nacha. Na história, Nacha sempre foi explorada, porque não recebia para trabalhar como empregada doméstica, sendo respeitada somente por Tita. Portanto, ela também sofreu a colonialidade do poder de mamãe Elena e sofreu a colonialidade do saber, pois morava junto com uma família espanhola e deveria seguir os costumes da família, apesar de sua origem indígena.

Nacha aparece como uma personagem muito importante para a Tita, sendo considerada como uma mãe, pois era quem a personagem principal se apoiava em momentos difíceis, mesmo após sua morte. Nacha reconhecesse no olhar perdido de Tita, a necessidade de carinho, substituindo a hostilidade e infelicidade da mamãe Elena. Embora não esteja presente em boa parte da história, Nacha é a força motriz por trás da forte personalidade de Tita, atuando como um anjo da guarda e com seus conhecimentos indígenas.

Os conceitos desenvolvidos por Walter D. Mignolo (2003), falam sobre o pensamento liminar do comportamento da personagem principal, Tita é quem sofre as opressões sociais da época em que luta contra a efetivação do poder por parte da personagem mamãe Elena, que exerce a opressão na busca por dominação a todo e qualquer indivíduo que ela considere inferior, bem como pela própria criação familiar em um ambiente hostil, pois na fronteira entre México e Estados Unidos acontecia a Revolução Mexicana.

Barzotto (2017) afirma que a genealogia do pensamento de Mignolo colabora para construir, no universo intelectual, nossa epistemologia liminar, que significa expor as ideias das modernidades coloniais sem a influência do outro, ou seja, em última instância, essa epistemologia promove um pensamento liminar livre dos jogos de influência e de poder visto que é fruto de todas as experiências, passadas e presentes, nas quais as histórias locais sobrevivem, apesar de absorver os projetos globais.

A epistemologia é a área da Filosofia que estuda como compreendemos as coisas. Ela busca abarcar como o ser humano consegue adquirir o conhecimento necessário e quais as

suas diversas formas de buscá-lo. O pensamento liminar pode ser compreendido como o pensamento das margens ou epistemologia das margens, considerando que existe as margens das margens e o centro, que se encontra fraturado e ocupado pela “periferia”. Dessa forma, pensar e produzir sem a imposição do outro, segundo Mignolo (2003) significa uma forma de pensar que não se inspira em suas próprias limitações e não pretende dominar e humilhar.

É preciso considerar que o indivíduo local pensa e produz conhecimento a partir da sua vivência, por meio de suas observações do horizonte ideológico em que está inserido. Pensar em uma produção de conhecimento local é considerar um pensamento nas suas fronteiras culturais, políticas, sociais e geoistóricas, desde que sejam liberados os saberes subalternizados, ou seja, é preciso pensar por intermédio de uma perspectiva epistemológica que visa romper com a hegemonia eurocêntrica e estadunidense. Barzotto (2017) acrescenta que essa nova lógica de produção intelectual pensa na colonialidade do poder de forma livre, aceitando uma interseção das histórias locais mediante a imposição de novos projetos globais.

Essa nova forma de pensar de maneira híbrida e transcultural, é construída por meio das “contaminações” que geram sua existência, como forma de compreender a diversidade e incluí-la no âmbito intelecto-social. Diante da possibilidade de se redimensionar e questionar a verdade produzida por meio de um novo conhecimento, outras formas de difusão e elaboração do conhecimento necessitam ser construídas considerando os saberes que vão além da academia.

A epistemologia dominante e seus resultados sustentam uma norma padrão, que não deve ser questionada, com objetivo de delinear o comportamento dos sujeitos subjugados pelo processo da colonização. Com isso, diminui e controla historicamente suas concepções de mundo e seus direitos. Contudo, é importante abrir o conhecimento a todos e respeitar as epistemologias existentes, pois são frutos de processos históricos distintos.

Considerando um pensamento decolonial, Mignolo (2003) contribui para as produções de conhecimento distintas de modo a compreender e distinguir porque as coisas são como são e também se pensar a partir das margens. O projeto de descolonização epistemológica requer que seja considerada a identidade social não só para mostrar como o colonialismo tem criado identidades, mas sim para evidenciar como essas identidades têm sido silenciadas e desautorizadas epistemologicamente enquanto outras são fortalecidas.

Assim é possível compreender que:

[...] diversas formas de se produzir conhecimento têm sido deixadas de lado, sendo rejeitados por uma “epistemologia mestre” que presume o direito de julgar, por exemplo, o conhecimento gerado em diversas localizações culturais e sociais. Este

movimento de “descolonizar a epistemologia” propõe ainda, que os saberes tradicionais como os de povos originários, práticas médicas de povos colonizados e os saberes das parteiras, sejam alvo de uma reflexão profunda sobre a localização cultural e social de um conhecimento dito específico e não universal, como se pretende em uma episteme hegemônica (SANTOS; BATISTA, 2019, p. 4).

Ao propor uma epistemologia que pense a periferia a partir de suas especificidades, é preciso considerar o rompimento das normas hegemônicas da produção do conhecimento. Pensar na periferia é compreender em diferentes dinâmicas, que ultrapassam o território, a segregação, a cultura, etc. Santos e Batista (2019) afirmam que:

São nos territórios marginalizados onde são formadas as periferias, mas contrariando a própria etimologia do termo, esses territórios estão no coração dessa sociedade erguida sob a égide do mito da democracia racial. [...] Uma das marcas desse conflito racial é refletida nessa segregação espacial, onde as periferias em todo o território nacional são ocupadas majoritariamente pela população negra [...] Tanto a exclusão socioeconômica quanto a racial, são resultados "de uma sociedade constituída a partir da sobreposição de classes pelo viés da desigualdade econômica" (SANTOS; BATISTA, 2019, p. 7).

Diante das múltiplas configurações da periferia, traçar uma epistemologia que considera sua multiplicidade requer a compreensão de seus fenômenos e dos sujeitos que estão neste espaço. No entanto as mudanças desse espaço podem acontecer através de eventos políticos, sociais e econômicos que se modificam ao longo do tempo, podendo ser inéditos ou não.

Isto significa que qualquer resposta que tente reduzir estes eventos a um único processo, ou a qualquer um dos seus processos, no sentido de apenas de uma das suas particularidades, é parcial e, portanto, pouco explicativo. Diante de momentos marcados por grandes transformações, o grande desafio se torna compreender a realidade a partir da sua conjuntura, das suas possibilidades, e entender que não é possível transformar o conteúdo dessas conjecturas em uma só teoria. Com base neste aspecto, entende-se que a periferia está constantemente em mudança (SANTOS; BATISTA, 2019, p. 7).

O sistema mundial coloca os espaços periféricos em contínua transformação, tornando-os um *locus* importante, cuja força, atua majoritariamente na cultura e esfera epistêmica. Ao analisar as periferias da América Latina, é necessário considerar que os territórios periféricos têm colocado no sistema mundial campos políticos e contextos institucionais distintos, que estiveram presentes no passado e também na atualidade, colaborando com a compreensão de novas epistemologias antissistêmicas nos dias de hoje.

É necessário compreender que os latino-americanos foram colonizados, influenciados e dependentes durante grande parte da história, deixando reflexos na produção artística em

geral, em que, na atualidade, os indivíduos estão filtrando um passado de carências para projetar um futuro de negociações culturais para atender seus anseios. Com isso, é importante ressaltar que o conceito de pensamento liminar não tem uma definição exata, mas representa o conhecimento e as atitudes produzidas por indivíduos que se encontram em situações de inferioridade e começam a buscar condições que possam melhorar essas circunstâncias para que sejam sujeitos de suas próprias histórias.

O romance se volta para vários aspectos e teorias, como o “pensamento liminar” em que Mignolo (2003) sugere a superação das formas de controle dos modelos teóricos dos períodos coloniais, apostando nas diferenças resultantes das colonizações, ou seja, considerar diferentes vertentes como, por exemplo, a visão dos indígenas, negros, mulheres e outras minorias, enquanto os europeus estão no centro das teorias. Com isso, Mignolo (2003) afirma que é possível conhecer diferentes saberes com base nessa heterogeneidade, iniciando um processo de construção intelectual latino-americana.

Quijano (2005) acrescenta que a colonialidade do poder viabiliza a manutenção dessa inferioridade, pois representa novos tentáculos hegemônicos do colonialismo. Dessa forma, é possível compreender que enquanto a colonialidade do poder mantém as formas de exploração global na atualidade, o pensamento liminar pretende criar novas formas de estar no mundo.

Com toda essa opressão, a protagonista começa a buscar sua liberdade resistindo às ordens e opressão de sua mãe. O principal trecho que descreve essa libertação é quando Tita descobre um romance proibido entre sua mãe e José Trevino: “Tita abriu o cofre com mórbida curiosidade. Continha um pacote de cartas de um tal José Trevino e um diário. As cartas eram dirigidas a Mamãe Elena. Tita as ordenou por datas e se inteirou da verdadeira história de amor de sua mãe” (ESQUIVEL, 1993, p. 113).

Ao conhecer esse amor proibido, Tita percebe que sua mãe, que defendia tanto a tradição e a honra, já havia quebrado as regras sociais. Dando força à protagonista, Tita também luta pela liberdade de sua sobrinha, lutando contra as tradições de sua família e evitando que a maldição da filha mais nova se encerrasse, pois não mais aceitaria o fardo de cuidar da mãe até a morte.

Portanto, a narrativa não fala somente sobre um amor suprimido entre Tita e Pedro, assim como não é uma opinião crítica exclusiva aos costumes tradicionais da sociedade mexicana durante o período revolucionário do México, bem como não é um livro de receitas, mas a união de tudo isso.

Na narrativa de Laura Esquivel, a protagonista Tita constrói seus sentimentos pela conexão com o alimento e com o ambiente da cozinha, em que ela expressa um corpo silenciado, marginalizado, criado e sentenciado para ser servil ao lar. Laura Esquivel associa o romance às diversas ideias gastronômicas, que vão se moldando a uma expressão simbólica e metafórica que fomenta o desejo de empoderamento de Tita, contra a opressão patriarcal das mulheres.

Ao analisar as literaturas e culturas latino-americanas, como por exemplo, o romance *Como Água para Chocolate* de Laura Esquivel, é preciso considerar que nas entrelinhas de suas reflexões possui o estudo do lugar de cada produção estética, assim como o percurso cultural de uma geração ou nação. Especificamente, no caso da literatura é preciso considerar que o autor está sujeito ao seu tempo, fazendo com que as histórias nunca sejam neutras, mas parte integrante de uma realidade.

Porém, também é preciso considerar a autonomia teórica do autor, que apesar da dependência cultural, precisa se desenvolver a partir de si mesmo para reforçar as interpretações históricas, sociais e culturais que geralmente nos interessa recusar. Além disso, é necessário compreender que as práticas de dominação são tecidas e manifestam-se por meio das instituições do saber ou atreladas à vida cotidiana social.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Com isso, impõem-se uma classificação racial/étnica da população mundial como pedra angular do padrão de poder que tem origem e se expande por meio da América. Logo, o poder capitalista se torna mundial e seu novo padrão de dominação traz como eixos centrais: a colonialidade e a modernidade, com isso, instalam-se aos padrões de poder presentes até hoje.

Ao longo da evolução das novas características de poder foram surgindo novas identidades sociais da colonialidade como: índios, negros, amarelos, brancos, mestiços, etc., criando novas relações intersubjetivas de dominação, denominado como modernidade.

Considerando a história anterior ao capitalismo mundial, é possível perceber que nas relações de poder, alguns atributos da espécie como: sexo, idade e força de trabalho, tiveram um papel central na classificação das pessoas. Na América foi acrescentado o fenótipo. O sexo e a idade, apesar de serem usados como categorias sociais, são atributos biológicos diferenciais, mas a força de trabalho e fenótipo não são atributos biológicos diferenciais, ou seja, a cor da pele ou o tipo do cabelo não trazem nenhuma consequência na capacidade do indivíduo. Diante disso, a forma como esses elementos são usados para classificar os

indivíduos não tem ligação com a estrutura biológica dos mesmos, e sim, pelas disputas de controle dos meios sociais.

Essa naturalização do padrão europeu ocorreu como forma de justificar a produção da categoria raça, usando como base as diferenças entre dominantes e dominados nos tempos de invasão dos europeus à América, tornando-se um padrão de poder mundial, eurocentrado, colonial/moderno.

Uma das contribuições mais importantes das teorias pós-coloniais, sobre a atual reestruturação das ciências sociais, é ter registrado que o surgimento dos Estados nacionais na Europa e na América, entre os séculos XVII e XIX, aconteceu por meio da consolidação do colonialismo europeu para além do mar. Se faz necessário considerar o vínculo entre modernidade e colonialismo, pois não avaliar o impacto da experiência colonial na formação das relações modernas de poder, não é só incompleto, mas ideológico.

O Estado-nação opera como uma máquina disciplinar em que Mignolo (2003) chamou de sistema-mundo moderno/colonial, ou seja, os Estados modernos não devem ser vistos como uma unidade paralela às relações mundiais ocorridas ao longo dos anos, mas como função interior do sistema internacional de poder. Quijano (2005) afirma que a espoliação colonial acontece pelas diferenças entre o colonizador e o colonizado: a maldade, injustiça, a barbárie são ligados ao colonizado enquanto que a civilização e racionalidade são características do colonizador. Contudo, essas características relacionadas à exterioridade se excluem mutuamente.

Nessa visão, uma política justa é aquela, que por meios jurídicos e disciplinares, tentem civilizar o colonizado por meio da sua completa ocidentalização. Dessa forma, a modernidade pode ser entendida de duas formas:

A modernidade é um projeto na medida em que seus dispositivos disciplinares se vinculam a uma *dupla* governamentalidade jurídica. De um lado, a exercida *para dentro* pelos estados nacionais, em sua tentativa de criar identidades homogêneas por meio de políticas de subjetivação; por outro lado, a governamentalidade exercida *para fora* pelas potências hegemônicas do sistema-mundo moderno/colonial, em sua tentativa de assegurar o fluxo de matérias-primas da periferia em direção ao centro. Ambos os processos formam parte de uma única dinâmica estrutural (LANDER, 2005, p. 83).

Se for considerado o estágio mais baixo de desenvolvimento humano, segundo os viajantes, cronistas e navegantes europeus, seriam as sociedades indígenas americanas. Esse estágio classifica os indivíduos como bárbaros e analfabetos. Já o estágio mais alto do desenvolvimento humano é aquele alcançado pelas sociedades europeias, com características de civilidade, cientificidade e política.

Esse tipo de civilização europeia que se estendeu por toda a Europa, criando um imaginário de progresso que determinam as leis universais inerentes à natureza ou ao espírito humano, que atuam como um produto ideológico do dispositivo de poder moderno/colonial: por um lado praticavam a exclusão e o disciplinamento dos indivíduos que não se ajustavam aos perfis de subjetividade definidas pelo Estado; por outro lado, aplicavam a divisão internacional do trabalho e a desigualdade dos termos de troca e de comércio entre o centro e a periferia, ou seja, dos benefícios que as potências europeias tinham do domínio sobre suas colônias.

1.3 Em busca do feminismo decolonial

O termo giro decolonial significa o movimento de resistência teórico, prático, político e epistemológico à lógica da modernidade/colonialidade. Segundo Mignolo (2003) a origem do pensamento decolonial busca romper com a lógica monológica da modernidade, ou seja, propõe a construção de uma desobediência epistêmica à forma de pensar considerada racional, homogênea e com pretensões universais, que foi construída com base na ideia de um conhecimento eurocêntrico que teve como marco histórico a descoberta do Novo Mundo, no final do século XV.

Atualmente, os campos de estudos feministas e das questões de gênero estão fundamentados com a trajetória do conhecimento de Aníbal Quijano (2005) – sobre colonialidade -, de Walter Mignolo (2003) – sobre o pensamento libertário e igualitário, de Maria Lugones (2014) – filósofa feminista e desenvolvedora crítica da colonialidade de/para os gêneros, de Françoise Vergès – cientista política e feminista e de Djamila Ribeiro – sobre O que é lugar de fala (2019).

Para Quijano (2005), em seu estudo sobre colonialidade, apoia-se nas questões de raça e classe, esquecendo-se do gênero. A ideia de raça está fundamentada nas diferenças biológicas que são responsáveis por enquadrar os conquistados em um lugar de inferioridade em relação aos conquistadores europeus. Portanto, os europeus classificaram as populações dentro dos critérios eurocêtricos de humanidade e civilização, separando os povos ameríndios, africanos e asiáticos de acordo com a raça, ou seja, de acordo com sua origem e distinções fenotípicas entre europeus e americanos.

Para compreender melhor esse conceito de raça, faz-se necessário entender como tudo foi planejado, desde a Idade Média, e implementado entre os séculos XV e XVI. Foi nesse período que surgiu o conceito de raça e não foi aleatoriamente, mas tinha o objetivo de afastar

a minoria inferior do poder, que somente os europeus tinham acesso. Além disso, começou um período de escravidão, com a exploração de negros, mulheres, pobres entre outras raças que não estavam no padrão europeu, para a busca de recursos naturais.

A constituição da Europa, enquanto dominadora do poder, colaborou com a elaboração de uma perspectiva eurocêntrica do conhecimento, assim como, a formulação de ideias acerca das questões sobre as raças que foram impostas nas relações de dominação colonial. Essas práticas reforçaram as velhas tendências de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados.

Mignolo (2003) afirma que o pensamento liminar ocorre dentro do imaginário do sistema mundial moderno, contudo é reprimido pelo domínio da hermenêutica e da epistemologia que controlam a conceitualização do saber, ou seja, ele possui sua própria genealogia dos saberes.

Maria Lugones (2014) é uma filósofa feminista que nasceu na Argentina e tem como foco de estudo o gênero, como uma imposição colonial, partindo das contribuições do teórico peruano Aníbal Quijano, associando as discussões sobre raça, gênero, classe e sexualidade, quando a autora tentou explicar a indiferença em que os homens parecem lidar com os tipos de violência sobre as mulheres, principalmente aquelas que fazem parte do grupo minoritário, que são vítimas da colonialidade do poder, bem como da colonialidade de gênero.

Aníbal Quijano divide o poder colonial racista em poder sobre o trabalho e seus produtos, poder sobre o sexo e seus produtos e poder sobre o governo e suas instituições. Para Lugones (2008), Quijano erra ao adotar a mesma linguagem que os europeus, objetificando a mulher quando fala sobre o controle do sexo e seus produtos, pois não havia um poder patriarcal em curso nas sociedades pré-colombianas visto que o patriarcado surgiu no colonialismo.

Segundo Gonçalves e Rodrigues (2018), ao analisar a diferença colonial, considerando aspectos materiais, econômicos, políticos e culturais, percebem-se que os conceitos, construídos no Grupo Modernidade/Colonialidade, eram eurocêntricos e heteronormativos sobre gênero. Isso acarretou em um novo pressuposto de colonialidade: a colonialidade de gênero que envolve três questões: colonialidade e modernidade europeia, eurocentrismo e a interseccionalidade entre raça e gênero.

Maria Lugones (2014) afirma que quando o sistema moderno colonial utiliza maneiras e práticas discursivas para colonizar os nativos, recorre a uma dimensão de gênero. Nesse caso, aplica-se o conceito moderno de colonialidade quando busca o controle das condutas, bem como aplica-se o conceito de eurocentrismo, pois determina um padrão, ou seja, separa o

homem do ocidente que é superior ao homem não ocidental. Além disso, o sistema colonial de gênero associa raça, gênero, sexualidade e classe aplicando-se o conceito de interseccionalidade. Com isso, a colonialidade de gênero no sistema moderno colonial representa uma ferramenta importante para a compreensão do espaço Latino-Americano.

Nas sociedades pré-coloniais não havia um sistema patriarcal e, por isso, a ideia de gênero foi introduzida a partir da colonização em que machos e fêmeas foram classificados enquanto homens e mulheres e as etnias, também chamadas de raças, foram definidas como inferiores e superiores segundo um padrão fixo europeu. Nesse sentido, a mulher africana se torna duplamente desvalorizada por ser mulher e negra, fazendo com que seja duplamente subordinada. Assim, as mulheres colonizadas são inferiorizadas pelo capitalismo global da contemporaneidade, sofrendo violência do patriarcalismo, principalmente branco.

Maria Lugones (2014) afirma que não devemos apenas combater a colonização, mas também a colonização de gênero que ainda persiste nos dias atuais. Ela propõe que possamos contestar as formas de dominação para que então seja possível oportunizar construções epistemológicas em que as mulheres, que estejam vivendo qualquer tipo de opressão, possam ter outras oportunidades. A autora afirma ainda que as expressões de gênero marcadas pela oposição entre as tarefas e comportamento dos dois sexos, na qual a mulher fica encarregada pelas atividades domésticas separado do ambiente social e político, representaram um dos instrumentos de dominação colonial que somado à introdução do patriarcado se conseguiu silenciar uma grande parcela da sociedade.

Ignorar a capacidade intelectual da mulher, bem como reduzir seu papel ao de mãe, além de definir sua personalidade e caráter como sendo essencialmente passivo em oposição ao modo ativo e masculino de ser, permitiu o domínio capitalista na medida em que inferiorizou as mulheres colonizadas, sendo vistas como fêmeas e não mulheres.

Contudo, nada disso se fazia presente nas sociedades pré-coloniais. Nesse período os gêneros não tinham relação hierárquica e excludente na divisão de tarefas. Mas com o patriarcado, foram introduzidas entre os povos colonizados as categorias biológicas e binárias de gênero baseando-se em padrão europeu e quem não se encaixasse nesse modelo era marginalizado.

Essa compreensão permite que sejam considerados outros fatores de opressão sobre as mulheres que vão além de características visíveis como: masculino em oposição ao feminino, a sexualidade do homem em oposição da mulher, além do padrão do heterossexualismo e da dominação do patriarcado, como apresenta Quijano. É preciso pensar na interseccionalidade de gênero e de raça para compreender que quando Quijano fala que a dominação se dá pela

organização do trabalho e de suas riquezas, seja possível considerar a divisão do trabalho sobre os critérios da racialização que consolidou o poder colonial apresentando novas formas de controle, especialmente a partir do desenvolvimento do sistema capitalista.

Nesse contexto, a partir da primeira Revolução Industrial, o trabalho produtivo das mulheres passou a ser mais valorizado para o sistema capitalista por ser vista como uma mão de obra mais barata que o trabalho masculino. Além disso, as mulheres também eram responsáveis pelas tarefas domésticas e o cuidado com a família, ou seja, pelo trabalho reprodutivo e não remunerado. No caso das mulheres negras, até a abolição da escravidão eram vistas como mercadorias e não tinham direito a uma relação de trabalho.

Não é possível falar em nome da mulher de forma generalizada, como propõem o feminismo tradicional, visto que cada mulher tem suas próprias experiências e culturas. Além disso, é preciso considerar que sob o machismo ainda possui uma opressão, mais violenta acarretada pelo racismo colonial. Portanto, o discurso feminista decolonial de Lugones, descontextualiza outros discursos que se apoiavam nas necessidades das mulheres, mas ainda dentro de um contexto europeu. Para a autora, os discursos feministas eurocêtricos não abrangem as mulheres em situação de pós-colonialidade ou mesmo de colonialidade.

Pensando nisso, é necessário descolonizar o saber e o ser para dar espaço ao feminismo decolonial para que seja possível ouvir a voz dos não ditos, ou seja, das pessoas que participam de um grupo considerado inferior como mulheres, negras, indígenas, etc.

Assim, o feminismo decolonial debate temas relacionados à América Latina mostrando a importância das mulheres latino-americanas e dando voz a elas e deve abordar não somente as questões de gênero, mas também questões culturais, raciais e étnicas. Esse conceito teve início com princípios indígenas norte-americanas, quando estas participaram das conferências das Organizações das Nações Unidas (ONU). Contudo, ainda é um movimento em construção, pois busca responder às inquietações dessas mulheres que não se sentiam representadas assim como não tinham os seus direitos preservados.

Vergés (2021) propõe um feminismo decolonial radicalmente antirracista, anticapitalista e anti-imperialista, ou seja, é uma escuta dos combates das mulheres mais exploradas como empregadas domésticas, profissionais do sexo, trans, migrantes, refugiadas e aquelas em que ser mulher se traduz em uma posição social e política, e não na forma biológica. A autora propõe um feminismo aberto a questionamentos e a possibilidade de rever seus conceitos, não estando focado ao reconhecimento de uma instituição, mas sim, ancorando nas lutas, sejam elas com perdas ou alegrias.

Vale ressaltar que o feminismo decolonial não deve ser visto como uma teoria, e sim, como diversas práticas políticas transformadoras que consideram os sujeitos de maneira situada, ou seja, esse está envolvido com lutas e grandes questões sociais como o combate ao racismo e a luta de gêneros, por exemplo.

Além disso, precisamos considerar que esse conceito não surgiu neste século, pois foi impulsionado pelas primeiras lutas de descolonização que libertaram os povos indígenas e negros, afirmando assim que o feminismo decolonial não se refere somente ao interesse burguês quanto aos direitos das mulheres, mas também pela libertação e emancipação da sociedade em geral.

No romance *Como água para Chocolate* de Laura Esquivel, o conflito central é a cultura patriarcal e conservadora mexicana que prega, como tradição familiar, o costume da filha mais nova de não se casar, para que possa cuidar de seus pais na velhice.

Fazendo um levantamento das características das personagens femininas do romance, vemos que Rosaura, a filha mais velha, é submissa às ordens de mamãe Elena, refletindo a personalidade da mesma, ou seja, ela é a sucessora da postura patriarcalista de sua mãe. Já Gertrudis, a filha do meio e fruto da relação de mamãe Elena com José Trevino, isto é, possuindo sangue negro, não possui nenhuma semelhança com sua mãe e até rompe com o rígido sistema familiar, fugindo de casa com um soldado do exército, instalando-se em um bordel e se tornando *general*, em um período que não era permitido que uma mulher assumisse uma posição de poder. Tita, a filha mais nova, deveria seguir a tradição de cuidar de sua mãe até a morte e não possui total submissão como Rosaura e nem é tão revoltada quanto Gertrudis, pelo contrário, ela é uma personagem reflexiva, que aos poucos vai conquistando seu espaço e rompendo a tradição familiar.

Essa cultura familiar conservada por mamãe Elena se destaca quando Pedro quer pedir a mão de Tita em casamento: “Pois mais vale que lhe informes que se é para pedir tua mão, não o faça. Perderia seu tempo e me faria perder o meu. Sabes muito bem que por ser a mais jovem das mulheres te corresponde cuidar de mim até o dia de minha morte” (ESQUIVEL, 1993, p. 8).

Com este fardo de não poder seguir a própria vida, Tita fica dividida entre a tradição familiar, conservada por sua mãe, e o amor pelo jovem Pedro, que gostaria de se casar com ela. Não satisfeita em negar a mão de Tita para Pedro, a mamãe Elena ainda oferta a mão de sua filha mais velha, Rosaura, na qual Pedro aceita para poder ficar perto de sua amada: Pedro aceita a proposta de mamãe Elena, com a intenção que só assim poderia ficar perto de seu grande amor.

Como se não bastasse, Tita ainda teve que cuidar dos preparativos do casamento de sua irmã mais velha, como punição de sua mãe “por não ter querido estar presente no dia em que foram pedir a mão de sua irmã Rosaura, pretextando uma enxaqueca” (ESQUIVEL, 1993, p. 21).

Nos trechos apresentados acima, percebe-se a grande repressão patriarcal causada por mamãe Elena, que domina a vida de suas filhas, principalmente de Tita, que é silenciada por sua mãe ao longo do romance, encontrando na cozinha, uma forma de se expressar. Essa busca pelo poder, que acontece por meio do discurso colonial é fundamentada pelo autor Aníbal Quijano (2005) que define o conceito central da colonialidade do poder, do saber e do ser, principalmente na tradição familiar. A mamãe Elena representa o machismo e o conservadorismo do lugar e do tempo da narrativa, sobretudo em cima da sua filha mais nova Tita, representando metonimicamente a própria sociedade mexicana e suas mulheres.

O romance ao mesmo tempo em que quebra os estereótipos femininos, também reforça a noção deturpada da feminilidade ligada aos dotes culinários e do lar, apresenta também a rivalidade entre Rosaura e Tita disputando o mesmo homem, que fica restrita entre elas, pois a maioria das mulheres do romance se ajudam e se fortalecem. Gertrudis, Nacha e Chenchá apoiam Tita, mas não têm coragem de se colocarem contra a mamãe Elena. Gertrudis secretamente ensina a Tita como evitar uma gravidez e as vizinhas da família são favoráveis ao amor de Tita.

A quebra da relação entre mãe e filha é um ponto interessante do romance, pois não mostra um amor maternal mágico ou incondicional, não mostrando mulheres sensíveis e passivas a perdoar as atrocidades que acontecem com elas. Considerando o período que se passa a história no México, entre 1910 e 1934, seria normal mostrar como as mulheres eram criadas para odiar umas às outras, mas a autora indica como é possível burlar essa criação e como a união feminina pode ser forte.

É possível observar que o feminismo decolonial reivindica que sejam consideradas as diferentes experiências e culturas das mulheres que até hoje resistem à violência racista e colonialista. Essa proposta se aproxima do feminismo revolucionário que luta pelo fim da exploração das mulheres que realizam o trabalho de outras mulheres, por exemplo, mas não tem o foco sobre a opressão do patriarcado, pois também considera a opressão econômica do capitalismo.

Não adianta reivindicar direitos para alguns grupos de mulheres, se ainda existem mulheres sendo exploradas, mal remuneradas, sem acesso a uma saúde de qualidade ou que sejam vítimas de assédio e violência. Lugones (2008) afirma que o sistema colonial deixou

marcas que até hoje influenciam na sociedade como, por exemplo, a falta de solidariedade entre homens e mulheres latino-americanos.

Essa influência do período colonial acontece porque a princípio os homens e mulheres eram vistos como machos e fêmeas, respectivamente, e por meio de um processo de aculturação, o homem acabou assumindo um papel de chefe da família e, consequentemente, um domínio sobre as mulheres. Essa dominação patriarcal permanece até os dias de hoje.

Segundo Andrade e Teodoro (2020), do período colonial até a abolição da escravidão, o trabalho doméstico no Brasil era exercido em grande maioria por indivíduos africanos. Os europeus os traziam para o território brasileiro para utilizá-los como mão de obra nos engenhos de açúcar e nas minas de ouro. As mulheres africanas mais bonitas eram colocadas para trabalhar dentro das casas dos europeus como mucamas, cozinheiras e amas de leite.

Em 1888, com o fim da abolição, os negros não tinham oportunidades de trabalho devido à característica física fora do padrão europeu e então passaram a ocupar, em sua grande maioria, cargos informais com seus antigos senhores em troca de comida e lugar onde morar.

No Brasil, o trabalho doméstico continuou de forma informal provavelmente pela falta de uma legislação específica para esta classe de trabalhadores. Em 1943, foi aprovada a Consolidação das Leis do Trabalho pelo Decreto nº 5452 sendo um marco histórico do Direito do Trabalho no Brasil. Especificamente no caso dos domésticos, a Lei nº 5859/1972 vigorou por quase 43 anos e determinou direitos como as férias anuais remuneradas de vinte dias úteis a cada doze meses de trabalho, registro em carteira de trabalho, etc.

Com a Constituição Federal de 1988, os trabalhadores domésticos obtiveram novos direitos assegurados como o salário mínimo, décimo terceiro, repouso semanal, licença maternidade e paternidade, entre outros. Andrade e Teodoro (2020) acrescentam que a Lei nº 10208/2001 assegurou o ingresso facultativo dos empregados domésticos ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) que lhe dava acesso ao benefício do seguro-desemprego. A Lei nº 11324/2006 passou a assegurar a estabilidade da gestante, o direito às férias de trinta dias, etc.

Vale destacar que o Brasil foi o último país do Ocidente a abolir a escravidão, apesar de ser o maior número de escravos vindos da África se comparado com outros países também com passados escravocratas.

Em 1919, foram aprovados o Tratado de Versalhes e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) que mais tarde se tornaram a agência especializada das Organizações das

Nações Unidas (ONU). Contudo, somente com a Recomendação nº 201/2012 dispôs sobre os trabalhadores domésticos.

No campo do mercado de trabalho

[...] o padrão de inserção dos trabalhadores negros é pela informalidade e, conseqüentemente, os brancos ocupam mais postos de trabalhos formais, o que acaba interferindo sobremaneira na remuneração desses grupos. Os negros, sejam homens ou mulheres, ocupam os cargos mais mal remunerados do mercado de trabalho brasileiro, os quais, como regra, são preenchidos por pessoas com baixa escolaridade (ANDRADE; TEODORO, 2020, p. 576).

Dessa forma, contribui-se para as relações de dominação que são agravadas pela herança do patriarcalismo na qual, as mulheres não brancas possuem profundas consequências no tocante à divisão do trabalho.

Segundo Andrade e Teodoro (2020), os dados estatísticos de 2017, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apresentam que de 1995 a 2015 a taxa de participação no mercado de trabalho das pessoas com mais de 10 anos de idade aumentou de 73,5 milhões para 104,5 milhões. Além disso, a pesquisa aponta que 58,9 milhões são homens e 45,7 milhões são mulheres, porém a grande maioria das mulheres são negras.

De acordo com estes dados, pode-se concluir que as mulheres negras são mais valorizadas que as brancas, contudo ao analisar as ocupações dessas mulheres, bem como a quantidade de horas trabalhadas e sua remuneração, é possível perceber o contrário. A grande maioria está vinculada ao comércio e também aos trabalhos considerados como femininos, ou seja, aqueles relacionados ao ato de servir, ao cuidado, saúde e ensino. Considerando esse cenário de opressões que se faz necessário verificar a real situação das mulheres negras do Brasil.

Segundo os dados estatísticos divulgados pela Agência OIT no Brasil, em 2019, 6,3 milhões de trabalhadores brasileiros são domésticos, sendo 92,4%, mulheres e 62% desta quantidade, pretas e pardas. Além disso, é preciso considerar a jornada de trabalho e remuneração dessas trabalhadoras. Somente em 2013, com a Ementa Constitucional de 1972, assegurou-se o direito ao controle de jornada, mas ainda não foi suficiente para garantir o cumprimento de um limite de 44 horas por semana. Na verdade, a profissão de doméstica é sujeito às longas jornadas de trabalho com pagamento de horas extras, que são mais baratas para o patrão (ANDRADE; TEODORO, 2020).

Luchini e Tavolari (2013) realizaram entrevistas com trabalhadoras domésticas, principalmente negras, quando percebeu que as mulheres afro-americanas se familiarizam

com a linguagem e opressões de origem colonialistas em troca de uma certa ilusão de proteção. Ella Surrey, uma das entrevistadas, chega a afirmar que as empregadas domésticas são mais espertas que seus opressores porque sabem “jogar o jogo” de viver vida dupla: uma para eles e uma para si mesma.

Por baixo dessa máscara, existem muitos atos de resistência, tanto organizados quanto anônimos, em que de maneira habilidosa, as domésticas acabaram se adaptando mantendo até um notável senso de autovalor.

Com essa mentalidade de empoderamento, as empregadas não deixavam seus empregadores maltratá-las e ainda defendiam seus direitos. Essa consciência é definida coletivamente entre as mulheres afro-americanas, o silêncio não deve ser entendido como submissão. Durante muito tempo, esse espaço privado e oculto da consciência da mulher negra foi explorado pelas intelectuais negras dos Estados Unidos, que não viam as mulheres afro-americanas como vítimas, e sim, como sobreviventes.

As experiências das mulheres negras no trabalho e na família criam condições para que as contradições entre o dia a dia e das imagens controladoras das condições de mulher negra se tornem visíveis, colaborando para a desmistificação. Dessa forma, as mulheres negras dos Estados Unidos foram definidas como oradoras francas e ativas que buscam uma voz para expressar um ponto de vista coletivo e autodefinido das mulheres negras se tornando o tema principal do pensamento feminista negro.

Ao analisar essa realidade das mulheres, estamos nos referindo há séculos de exclusão e silenciamento feminino. O feminismo decolonial da América Latina se apoia no movimento das mulheres negras e não brancas reivindicando que o racismo é eixo central da opressão patriarcal-capitalista. É necessário elaborar formas de combater um imaginário racista que compreende que todos os indivíduos diferentes do padrão europeu são inferiores.

Durante muito tempo, as mulheres não podiam frequentar as instituições formais de ensino, acarretando no controle do conhecimento por parte dos homens, em sua maioria brancos, heterossexuais e com certo nível de poder. Com o passar dos anos, essas exclusões incentivaram diversos movimentos sociais de protesto contra as desigualdades, como por exemplo, o movimento feminista.

Segundo Castro e Egger (2012), para compreender os movimentos sociais é necessário considerar que ainda hoje, existem muitas lutas a serem travadas, não só para as mulheres, mas também para a Educação Popular, para as diferenças raciais, etc.

Ao longo da história, muitas mulheres se destacaram por buscar seus direitos como cidadã. Castro e Egger (2012) afirmam que Safo de Lesbos morava na Grécia onde era

proibida a educação formal de mulheres e então criou a escola para mulheres em ilha de Lesbos. Já Olimpy de Gouges condenada à morte por sua ousadia, foi a primeira mulher a utilizar uma linguagem inclusiva em textos e criou, em 1791, a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Os autores falam sobre mais algumas mulheres que merecem destaque por suas lutas feministas:

Nísia Floresta [...] é considerada a primeira feminista brasileira, desafiou a legislação assinada por Dom Pedro I, que impedia as mulheres de se matricularem em escolas avançadas. Ela investiu na educação sem distinção entre os sexos, lutou pela educação científica para mulheres e conseguiu a primeira escola exclusiva para meninas, o Colégio Augusto, no Rio de Janeiro, com métodos inovadores. O Colégio de Nísia investia numa educação com competência intelectual para as mulheres.

Por fim, mas não menos importante, Rosa Parks, costureira nascida no Alabama e ativista política pelos direitos dos/as negros/as. No dia 1º de dezembro de 1955, negou-se a dar seu lugar no ônibus a um homem branco, o que se tornou o estopim do boicote aos ônibus no Sul dos Estados Unidos. Rosa encontrou apoio num jovem pastor negro: Martin Luther King, que, posteriormente a esse fato, veio marcar o início da luta antissegregacionista e entrar para os livros de História para sempre (CASTRO; EGGER, 2012, p. 234).

Analisando a história dessas feministas, é possível perceber que cada uma teve a sua luta e sua contribuição para o direito das mulheres. Com isso, considerar uma epistemologia tradicional, como sugere as instituições formais de ensino, não atende às necessidades feministas.

Durante muitos anos, as mulheres foram esquecidas por elas mesmas e, conseqüentemente, foram esquecidas pela Academia Científica. Por isso, pensar em uma epistemologia feminista, é considerar valores, experiências, objetivos e interpretações de cada indivíduo do grupo, sem generalizar.

O século XIX foi um período importante para a identidade nacional e a exclusão de uma autoria feminina contribuiu para um domínio masculino de maneira direta e excludente. Esses autores masculinos falavam em nome da cultura, da cidadania e da hegemonia, partindo de uma lógica universal de concepção moderna. Neste século, houve uma estreita relação entre literatura e identidade nacional voltada para uma elite que buscava uma narrativa que pudesse, ainda que simbólica e ideologicamente, definir uma política independente bem como uma cultura singular, ou seja, demarcando sua história por meio de princípios de seleção e continuidade que definissem um acervo de caráter nacional.

Segundo Schmidt (2000), os princípios dessa nacionalidade se preocupavam com as características do meio, das raças, dos costumes e da natureza e, por isso, a construção social do Brasil, enquanto Estado moderno, resume-se em um povo soberano, com forte ideologia

estética e política em que as diferenças e conflitos internos, tornaram-se instrumento da empresa colonizadora que implantou sistemas de organização e exclusão.

[...] nacionalizar o nacional, o que soa aparentemente como um despropósito, significa, justamente, questionar a matriz ideológica do paradigma universalista que informou o princípio do nacionalismo brasileiro, responsável pela constelação hegemônica de forças políticas, sociais e culturais presentes na formação e no desenvolvimento da nação como narração (SCHMIDT, 2000, p. 89).

Talvez esse seja um dos motivos das escritoras femininas não aparecerem na moderna tradição crítica brasileira, pois apresentar a nacionalidade representava problematizar as bases das ideologias masculinas de nação. Porém duas escritoras conseguiram se destacar nesse meio: Ana César, uma jornalista, poeta e ficcionista que teve uma atuação marcante na imprensa brasileira no século XX:

Participou da Associação Brasileira de Imprensa, exerceu o cargo de vice-presidente da Escola Dramática Brasileira e foi membro do Conselho de Assistência e Proteção aos Menores Desamparados do Rio de Janeiro. [...] militou a favor da educação e da cidadania plena para as mulheres, contestando os muros da domesticidade feminina como o único lugar legítimo de atuação patriótica da mulher no seu papel de formadora da consciência cívica no seio da família. Ao defender a vital importância da formação intelectual no processo de emancipação feminina, a escritora vai de encontro ao discurso positivista que entroniza a mulher como guardiã da vida privada, a serviço do estado (SCHMIDT, 2000, p. 90).

E a segunda autora que merece destaque é Julia Lopes de Almeida que atuou mais de quarenta anos na literatura carioca, entre os séculos XIX e XX:

Foi patrona da Academia Carioca de Letras, militou no Congresso Feminista presidido por Berta Lutz e participou da fundação da Academia Brasileira de Letras, para a qual foi indicada. Por pertencer ao gênero feminino, sua indicação, no entanto, não foi homologada, tendo sido eleito seu marido, o também escritor Filinto de Almeida. [...] A descrição da narradora não deixa dúvidas quanto à percepção de Julia Lopes de Almeida do funcionamento do estereótipo racial, fazendo com que seu discurso aponte a ambivalência das alteridades por ele constituídas e enuncie o inconsciente da sociedade colonial brasileira, ou seja, uma cultura colonial transplantada não há possibilidade de afirmar uma origem, mas tão somente diferenças. Diferenças essas que foram reprimidas na insistência de uma comunidade sem fissuras, em cuja representação Júlia Lopes de Almeida expõe a herança colonial e o trauma da violência simbólica perpetrada contra o outro (SCHMIDT, 2000, p. 96).

Essa visão de que o colonizador possui o poder e o discurso colonial, remonta uma simplificação histórica e teórica que pressupõe a representação de uma identidade monolítica e não problematizada sobre o reconhecimento da diferença, que é necessária para que o discurso colonial tenha efeito político como poder disciplinador do outro. Assim o estereótipo

se torna um elemento fundamental do discurso colonial contribuindo com uma articulação de “fetichização e fobia, negação e projeção, defesa narcísica e identificação agressiva, a partir de processos de construção identitária e de significação recortados, respectivamente, pela psicanálise freudiana e lacaniana e pelo conceito derrideano de diferença” (SCHMIDT, 2000, p. 96).

Portanto, é necessário desvalorizar a história colonial escravista e violenta para criar mecanismos de conscientização coletiva sobre o respeito da comunidade negra e indígena, bem como a importância de políticas de reparação e de justiça. Com isso, o feminismo decolonial brasileiro se preocupa com a forma deturpada como os antepassados negros e indígenas são descritos na história do Brasil, partindo de um olhar do colonizador.

CAPÍTULO II: UM PANORAMA MULTICULTURAL

O processo de hibridação cultural da América Latina caracteriza-se como uma dinâmica sociocultural em que suas estruturas se combinam para gerar novas práticas, ou seja, o processo de imigração e migração de diversos povos e, conseqüentemente, de suas culturas, no continente latino-americano, impactaram a cultura local com novos elementos. Atualmente, os países latino-americanos se resultam da sedimentação, justaposição e entrelaçamento de tradições indígenas, hispanismo colonial católico e ações políticas e educacionais modernas. Para tratar da ampla multiplicidade da América Latina, Néstor García Canclini desenvolveu o conceito de heterogeneidade multitemporal, que representa as diversas sociedades com diferentes tradições modernas, tradicionais e antigas, o que acarretam em desajustes entre o modernismo cultural e a modernização socioeconômica.

Todavia, seu alvo são as culturas populares, assuntos relacionados aos bens simbólicos e à hibridação cultural, os quais são gerados pela heterogeneidade multitemporal, assim como pelos impactos da globalização - que está em constante evolução e transformação, integrando cada vez mais os diversos países do planeta. Dessa forma, Canclini propõe um debate sobre os usos populares e do culto, bem como os meios massivos de comunicação, pelo qual afirma que a união desses elementos acarreta no que ele define como culturas híbridas, ou seja, a combinação entre antropologia, sociologia e a arte

Uma das características mais marcantes do México é o paladar, principalmente nos sabores intensos e picantes. Além disso, o conceito de família e tradições é levado muito a sério no país. Dessa forma, o romance *Como água para chocolate*, de Laura Esquivel, traz uma receita da cultura mexicana em cada início de capítulo, apresentando forte carga de palavras e expressões utilizadas no país como, por exemplo, *champandongo*, *temales*, *chiles*, etc. Também destaca outras tradições do México, partindo do nascimento da personagem principal, Tita de la Garza, sobre a mesa da cozinha até a uma tradição familiar que a coloca como submissa à sua mãe, pois deveria servi-la até que ela morresse e, por isso, não poderia se casar ou sair de casa para traçar seu próprio destino.

A escolha da autora pela cozinha representa o espaço que as mulheres tinham para se expressar, seja por meio dos alimentos, por vezes apresentados como elementos “mágicos” da realidade daquela família, bem como o lugar onde os sentimentos e os anseios podiam ser exposto. Sendo assim, a cozinha, que a princípio poderia se apresentar como um local de confinamento, torna-se um lugar de libertação, visto que Tita transfere sua voz, desejos e pensamentos para sua comida.

2.1 - A Cultura Mexicana e suas tradições

*Cada um de nós nasce com uma caixa de fósforos dentro de nós, mas
não podemos acendê-los sozinhos.*

Laura Esquivel

Há alguns milênios, o ser humano começou a organizar-se e a viver em comunidade, ainda que de maneira rudimentar, no continente americano, por volta do sexto milênio a.C. A princípio, essas comunidades viviam de pequenas plantações e do que havia na própria natureza. Quando esses grupos começam a desenvolver características mais complexas de organização social, surgem então as civilizações.

As primeiras civilizações que ficaram conhecidas no continente americano foram a dos Norte Chico (2627 a. C.), Olmecas (1400 a. C.) e Chavín (1200 a. C.). A primeira civilização vivia na região onde se localiza atualmente o Peru, cultivava algodão, frutas e legumes e construíram pirâmides. A civilização dos Olmecas vivia nas regiões tropicais do México onde se localiza atualmente Veracruz e Tabasco, desenvolveram esculturas que representavam seus soberanos, eram bons agricultores e artesãos e desenvolveram calendários e escrita. A terceira civilização a se desenvolver na região dos Andes, na América do Sul, representa as primeiras formas do Estado Teocrático (REGERT *et. al.*, 2016).

As sociedades indígenas pré-colombianas se desenvolveram de formas diferentes em sua vida material e cultural, ou seja, as comunidades presentes na América não tiveram um grau de desenvolvimento tão produtivas quanto as que os espanhóis encontraram na Mesoamérica (maias e astecas), bem como no Altiplano peruano (incas) (PUPPIM, 2014).

No século XV, acredita-se que havia em torno de 100 milhões de indígenas na América. Quando os conquistadores espanhóis chegaram no Novo Mundo descoberto por Colombo, no século XVI, encontraram basicamente dois tipos de formações sociais: de um lado, as comunidades primitivas de caçadores, pescadores, coletores e agricultores primitivos e, de outro lado; as civilizações (sociedades de classe) em que se destacam três civilizações: Incas, Maias, Astecas.

As histórias das civilizações Incas, que eram localizadas no norte do Peru, são marcadas por figuras masculinas. Tal fato acontece porque a cultura inca não deixou registrado por escrito dos seus costumes e, quando os colonizadores europeus chegaram no local, no século XVI, iniciaram seus registros por meio de relatos orais e materiais visuais

produzidos pelos habitantes daquela região, dando início a um registro protagonizado por homens.

A civilização Maia vivia na região sul do atual México, que foi ocupada por diversos povos por volta de 7000 a. C. Ela possuía um território bem dividido e tinha uma cultura peculiar, evoluindo de pequenas aldeias para grandes cidades, por volta de 1000 a. C. Puppim (2014) acrescenta que os Maias falavam línguas aparentadas e desenvolveram uma das mais complexas e influentes culturas das Américas, chegando até a serem considerados tão importantes quanto a cultura grega.

A civilização Maia teve seu período de construção, crescimento, auge e queda – o que não representou seu fim cultural e étnico, pois boa parte da tradição Maia permanece viva, em grande parte na população Mexicana. A civilização Maia conquistou pequenos vilarejos, de modo a marcar sua representatividade nas instâncias culturais vigentes na época. Todavia, os Maias preferiam a vitória por meio de acordos e não necessariamente pelas guerras e, por isso, ficaram conhecidos como um povo pacifista, porém, expansivo com técnicas de negociação.

Contudo, no século XIII, os Astecas combateram os Maias e conquistaram o centro do Império Maia no Vale do México, desenvolvendo, posteriormente, um grande império em parte do México e da América Central. Puppim (2014) afirma que os europeus se espantaram com o império asteca e com suas relações hierárquicas e de dominação: eles se deparam com praças, mercados, pirâmides e palácios e uma cidade com quase 200 mil habitantes.

Puppim (2014) também fala sobre as vestimentas dos povos astecas:

Os homens vestiam *Maxtlatl*, tanga com as pontas bordadas que iam, na parte da frente e na parte de trás, até à altura dos joelhos, perpassando e sendo amarrada frontalmente na cintura. Completava a indumentária um *Tilmatli*, manto retangular preso sobre as espáduas e com amarração frontal. Por vezes, o homem usava por baixo deste manto uma espécie de túnica. Já para as mulheres, a prática vestimentar era composta de *Huipilli* peça da indumentária que cobria desde o pescoço e ombros à parte superior das pernas, e também pelo *Cueitl*, saia que recobria as partes médias e inferiores das pernas (PUPPIM, 2014, p. 84).

Além disso, os trajes habituais masculinos geralmente possuíam drapeados, enquanto que os trajes de guerra eram confeccionados para serem justos aos corpos e havia calças que iam até a altura dos tornozelos. A cabeça era ornada com madeira e plumas com formato de jaguares, águias e serpentes. O tecido mais utilizado era o algodão e os sapatos, apesar de não serem muito usados, geralmente eram sandálias de fibra ou de couro, com saltos ornamentados com ouros e outros materiais. Esses aspectos e detalhes revelam a riqueza e o cuidado com que essa população adornava o corpo e as vestes. Já nos trajes femininos, a

ornamentação era composta por espelhos, pedras preciosas e também pintura facial. As mulheres se perfumavam com incenso e mantinham os cabelos divididos ao meio e com uma franja frontal.

Ainda sobre os Astecas, Puppim (2014) esclarece que estes tinham orgulho de seus assassinos, ou seja, aquele que matava alguém de outro povo usava roupas melhores, entrada garantia em festas e mais mulheres. Um guerreiro que matasse mais do que quatro pessoas, podia dançar em cerimônias importantes e vestir ornamentos nos lábios, utilizar tiaras com penas de águia, etc. Além disso, os guerreiros utilizavam diferentes vestimentas de acordo com suas categorias como, por exemplo, o uso de adornos nos lábios e alguns ornamentos na cabeça eram exclusivos para os que estavam no topo da elite, ou seja, que tinham assassinado mais indivíduos.

Uma história se destaca na conquista do México, a figura do colonizador Hernán Cortez, pois cabe a ele a derrocada do poderoso líder Asteca, Montezuma. Não obstante, a autora de nosso *corpus*, a mexicana Laura Esquivel publica um romance para ressignificar a conquista do México por meio da conquista de Malinche¹, amante indígena de Cortez, responsável pela tradução dos idiomas aos conquistadores. Contudo, sabemos hoje que, se ela não realizasse os desmandos dos espanhóis, seria igualmente morta. Ainda hoje os mexicanos a culpam pela conquista europeia, chamando Malinche de *hija de la chingada*, grave e forte ofensa a uma mulher no México. Exatamente neste ponto o romance de Esquivel se debruça para demonstrar que Malinche não tinha outra saída e foi ela também vítima da conquista espanhola.

Quando o jovem Hernán Cortez chegou à ilha Hispaniola, que atualmente fica o Haiti, em 1504, já possuía terras e escravos. Contudo, ao descobrir novas possibilidades de conquistas em espaço mexicano, ele vendeu todos seus bens e partiu para a Ilha Fernandina em busca da fonte de ouro e para resgatar marujos que haviam ficado presos. Chegando lá, os índios lhe trouxeram milhos e galinhas, em troca de não invadirem suas terras. Mas os espanhóis não se contentaram, obviamente, e os índios os levaram para uma terra chamada Tenochtitlán (a cidade capital do Império Asteca). Há registros de muita guerra neste período.

Após o México tornar-se um Estado independente, ele passou por uma série de transformações como um período de Império, um período de Revolução Francesa, até se instalar o regime do líder Porfirio Diaz, que ficou conhecido como período Porfiriato, que durou de 1876 a 1911. Sua principal característica foi a modernização do México por meio de

¹ Cf.: ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. Buenos Aires: Suma, 2005.

uma agricultura em larga escala, ou seja, começa uma produção de latifúndios para exportação (RAMPINELLI, 2011).

Nesse período, havia a questão dos Ejidos – remontam aos Astecas - que são terras que pertencem à população rural tradicional para seu próprio sustento e, então, os latifundiários começam a invadir para transformá-la em propriedade privada. Além disso, esse período também foi marcado por uma população dividida entre analfabetos, em sua maioria indígena, e uma elite rural. Com a invasão dos latifundiários, as comunidades indígenas e camponesas foram obrigadas a vender sua força de trabalho como assalariados para expandir o latifúndio e gerar lucros. Uma guerra marcante foi a batalha contra os Yaqui:

De 1878 a 1885, por meio da qual o Exército Federal lhes arrebatou as férteis terras do Vale, uma das melhores do Estado de Sonora, para entregá-las aos latifundiários mexicanos e estadunidenses, nada mais significou que a penetração sangrenta e violenta do capitalismo na região. Açúcar, algodão e demais produtos para a exportação passaram a ser cultivados nessa região. Enquanto parte das famílias indígenas resistiam aos invasores, outros fugiam para zonas áridas das montanhas e mais outros eram presos e deportados como trabalhadores escravos para as plantações de tabaco e café no Valle Nacional ou de henequén em Yucatán (RAMPINELLI, 2011, p. 91).

Outra guerra similar foi contra os Mayas de Yucatán, na qual desapropriaram as terras para cultivar o henequém, destinado à exportação enquanto os moradores que foram desalojados, eram destinados a Cuba para trabalharem com as plantações açucareiras. Com a criação de ferrovias, o processo de exportação foi acelerado mudando a vida local e alterando os costumes dos camponeses e indígenas e proletarizando os trabalhadores e artesãos. Nesse processo, Porfirio Diaz acaba tendo um grande desgaste, pois a população começa a lutar para defender essas terras e buscar por uma Reforma Agrária. No meio dessa conjuntura, acontece uma eleição, em que Francisco Madero prometendo a Reforma Agrária acaba sendo eleito, mas continua ao lado dos latifundiários e vai contra os campesinatos, que lutavam por uma reforma agrária.

Com toda essa traição dos governos, camponeses do Norte e do Sul do México começam uma luta pela reforma agrária na qual propõe o ‘Plano Ayala’, o qual busca pela devolução das terras que foram invadidas, ou seja, que os Ejidos voltem a ser da população. Com a industrialização, os trabalhadores ferroviários são influenciados por trabalhadores estadunidenses e, então, começam uma luta de classes, por meio de greves organizadas a impactar todo o país. Dessa forma, a Revolução Mexicana marca o início da idade Contemporânea na América Latina, uma vez que “derrotou a hegemonia da oligarquia, substituindo-a por uma burguesia agrária, desencadeando mudanças significativas na

economia, na política, na diplomacia, nos campos social e cultural e nas relações entre Estado e Igreja”, ultrapassando suas fronteiras físicas (RAMPINELLI, 2011, p. 90).

Atualmente, existem valores culturais que aparecem em alguns símbolos do México e que servem de metáfora aos embates de culturas e de crenças que fundaram a nação desde a colonização europeia, como por exemplo, os nomes de praças, ruas, restaurantes, etc., os quais possuem nomes que remetem aos Astecas e outros povos que ali habitavam. Além disso, há três símbolos nacionais que estão ligados às antigas civilizações:

- Na cédula de Cem Pesos Mexicanos aparece a imagem de Netzahualcóyotl, - que foi um importante guerreiro, filósofo, arquiteto e poeta do povo Acolhua – e também de elementos de sua cultura como a arquitetura, esculturas e desenhos com características típicas;
- A Moeda de Dez Pesos Mexicanos possui o desenho da Pedra do Sol – que é um dos símbolos máximos do Império Asteca;
- A Bandeira é uma das mais emblemáticas lendas Astecas, pois possui o Brasão de Armas da Nação que representa a fundação de Tenochtitlan.

[...] os astecas, então uma tribo nômade, encontravam-se a vaguear pelo México em busca de um sinal que lhes indicasse o sítio exato onde deveriam construir a sua capital. O deus da guerra Huitzilopochtli havia-lhes ordenado que procurassem uma águia pousada em cima de um cacto que crescia sobre uma rocha submersa num lago. A águia teria no bico uma serpente que acabara de caçar. Após duzentos anos de deambulações, encontraram o sinal prometido numa pequena ilha no pantanoso lago de Texcoco. Aqui fundaram a sua capital, Tenochtitlan, que mais tarde se tornou conhecida como Cidade do México, a atual capital do México (PUPPIM, 2014, p. 106).

Drummond e colaboradores (2018) afirmam que o México possui uma cultura ancestral cheia de tradições, mitos e lendas. A maior celebração é o Dia dos Mortos, que é uma celebração atípica, com comportamentos únicos, que reforçam traços identitários dos mexicanos. É celebrado em novembro, entre os dias 1 e 2, com comidas típicas, músicas, bebidas e muitas cores para representar a alegria, a tristeza e a saudade daqueles que não estão mais presentes fisicamente.

Segundo a História, no dia 2 de novembro, os mortos voltam para a casa para obterem mais um dia com seus entes queridos, ou seja, acontece a ruptura entre a barreira que separa os mortos e os vivos. Os preparativos para o ritual possuem marcas da cultura local e conexões entre os dois mundos, como por exemplo, o ornamento de um arco de flores colocado nas entradas das casas para indicar as boas-vindas, bem como o preparo de comidas como *pan de muerto* – que é um pão doce e mole feito em formato de caveira e servido para os convidados: “É montado um altar repleto de elementos simbólicos, com fotos dos

falecidos, copo com água, sal, velas, incenso e flores” (DRUMOND E COLABORADORES, 2018, p. 3). Também utilizam os insumos que remetem aos sabores preferidos pelos mortos da família como tortilla, guacamole, etc.: “a cozinha mexicana é reconhecida como Patrimônio da Humanidade, devido a seu domínio e aperfeiçoamento agrícola, e sua combinação equilibrada de carnes, cereais legumes, verduras e frutas com as especiarias do Velho Mundo” (Idem, 2018, p. 6).

Todas essas marcas culturais, culinárias, étnicas e políticas forjam o processo de amadurecimento da sociedade mexicana e estão presentes no romance que elencamos para a nossa pesquisa, posto que, em *Como água para chocolate*, temos um México ainda em luta de classes, de etnias, de gêneros, bastante marcado pelas forças patriarcais e religiosas. Nesse sentido, a narrativa de Esquivel demonstra o quão guerreiro e potencialmente criativo é o povo mexicano, cuja existência é pautada, desde sempre, na multiculturalidade. A escritora tem como constante preocupação denunciar as estratégias machistas de sua sociedade e, com isso, recuperar os méritos das mulheres na construção do país. Por isso, suas protagonistas são mulheres que lutam por uma causa, um ideal, um amor, uma transgressão.

2.2 – O México e suas mulheres

Ao realizar as buscas sobre as mulheres pré-colombianas, é possível perceber que elas quase não foram retratadas na História, ou seja, nas pesquisas aparecem destaques sobre a política ou a religião representada por um grande líder (do gênero masculino). Contudo, o substantivo mulher aparece em pequenos trechos, como por exemplo:

[...] Antes do plantio, geralmente feito pelas mulheres, cabiam aos homens a derrubada das matas [...] Ainda assim a de tecelagem prosperou muito: em todas as colônias havia pequenos teares domésticos, trabalhados por mulheres e crianças que fabricavam tecidos de algodão, linho e lã [...] (HERMIDA, 1956, p. 18-124).

Dessa forma, desde a colonização da América, já é possível perceber como as mulheres das civilizações antigas eram vistas e subjugadas como inferiores. Durante a Colonização Espanhola, Hernán Cortez recebeu vinte escravas, dentre elas a indígena chamada Malinche que já mencionamos, sua amante e mãe de um de seus filhos.

A pesquisa de Oliveira (2006) revisita a história para recuperar os sujeitos apagados, entre esses silenciamentos destacam-se as figuras femininas que são adoradas e reverenciadas como seres sagrados, em especial, a importância política das governadoras como *capullas*, *curacas* e *coyas*. No entanto, com a implantação do sistema colonial, muitas lideranças

femininas passaram a ser depreciadas pelo registro patriarcal histórico. Portanto, faz-se necessário a reescrita do passado, destacando o papel de relevância das mulheres nas culturas Asteca e Maia. Conforme observamos em Herminda (1956), a figura feminina estava presente em grande parte das históricas incas, no entanto, elas estão sempre ligadas à servidão ao gênero masculino, tarefas domésticas, ajudantes, mães enquanto os homens estão ligados à guerra e ao governo. Contudo, uma minoria ainda retrata em seus mitos, figuras femininas guerreiras, decididas e fortes, o que induz a crer que as mulheres não eram tão submissas, mas foram colocadas desta forma devido a relatos de homens que buscaram enaltecer a figura masculina.

Recentemente, foi encontrado no norte do Peru, uma múmia bem conservada, que aparentava ter uns 30 anos de idade e ser de 450 d.C. Seu corpo possuía tatuagens de animais e formas geométricas e, ao seu lado, havia clavas de guerra, lanças e pedras preciosas, podendo indicar que as mulheres participavam de momentos de guerras e de bravuras, apesar de não aparecerem nas histórias oficiais (OLIVEIRA, 2006).

Dessa forma, a identidade étnica ficou associada, durante muito tempo, a um conjunto de atributos relacionados aos adornos, vestimentas, ferramentas, construções, etc. O próprio termo indígena expressa a visão dos colonizadores, os quais continuamente generalizaram os povos originários, como contrários dos valores europeus, portanto, justificavam suas premissas de superioridade pautados nos mais infundados absurdos, dentre eles, a religião. Somente com um plano internacional promovido por um movimento de garantia de direitos, que começou após a Segunda Guerra Mundial, a questão indígena passou a ter a expressão de reconhecimento dos direitos coletivos. Para se ter uma sutil ideia, no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), os indígenas aparecem como tema de preocupação, pela primeira vez, em 1949, com o objetivo de desenvolver pesquisas sobre a condição dos indígenas no continente americano. Todavia, mesmo já sendo tema de debate em alguns países como o México, por exemplo, até meados de 1980, as legislações nacionais de proteção às populações indígenas quase não eram questionadas. Além disso, o plano internacional tinha como objetivo resolver o problema do “atraso indígena”, o que estaria impedindo o avanço econômico e social dos países latino-americanos (NASCIMENTO, 2001).

Reconhecer os indígenas como detentores de direitos coletivos é importante para demarcar terras e desenvolver políticas públicas eficazes. Contudo, os documentos e conferências que foram acontecendo em favor dos povos indígenas não fazem divergências entre esses povos e seus gêneros, pois se preocupam apenas em garantir direitos aos indígenas de maneira geral.

Nascimento (2001) afirma que a organização das mulheres indígenas busca suas reivindicações, por exemplo, as indígenas zapatistas que contestam tanto a ação do Estado em relação às mulheres, bem como os códigos culturais que consideram opressores como não poder escolher a quantidade de filhos que querem ter. Com isso, tratar a questão indígena sobre o olhar coletivo também implica na violação dos direitos das mulheres indígenas. O romance de Esquivel traz a personagem Nacha, indígena do México, que convive com a família de Tita, atuando como cozinheira da família e uma espécie de segunda mãe. Portanto, percebe-se a objetificação dessa mulher originária, uma vez que trabalha para a família De La Garza sem receber pagamentos e tendo que responder a todos os desmandos e agressões da cruel matriarca, mamãe Elena: “Como Nacha tinha o encargo de sua educação culinária, Tita não só comia o de costume, como também comia, além de tudo, teredos de pita, caramujinhos, *tepezcuintle*, tatu, etc.” (ESQUIVEL, 1993, p. 23).

No México, a primeira pesquisa sobre as mulheres indígenas acontece em 1944, conforme trecho a seguir:

[...] a primeira pesquisa sobre mulheres indígenas data de 1944 com a obra: *La mujer tzeltal*, de Rosa Lombardo Otero. Nela a autora descreve como as diferenças de papéis de gênero dentro da cultura das mulheres tzeltal no município de Oxchuc colocavam mais obrigações e menos direitos para as mulheres. [...] A primeira iniciativa no sentido de promover estudos sobre as mulheres indígenas mexicanas ocorre na década de 1950 com Manuel Gamio, pesquisador e primeiro presidente do Instituto Indigenista Interamericano (NASCIMENTO, 2001, p. 37).

O projeto de Manuel Gamio previa um aumento de pesquisadoras e de publicações sobre as mulheres indígenas; contudo, não alcançou o sucesso desejado. Nascimento (2001) afirma que até 1960 só havia dois estudos sobre mulheres indígenas: um de Lombardo Otero (1944) e outro de Ruth C. Morales, que não chegou a ser publicado. Até final de 1970, as mulheres indígenas eram vistas como heroínas e dedicadas, mas vítimas dos homens e da sociedade em geral; fato que, infelizmente, ainda não mudou completamente de panorama.

Nascimento (2001) reforça que até 1970, os estudos científicos focavam sobre os papéis sociais entre os gêneros, a psicologia e a cultura. Durante 1970, começa-se a introduzir conceitos de gênero e compreender suas variações sociais. Em 1980, os conceitos de gênero e etnicidade começam a aparecer, dividindo-se em quatro principais correntes, conforme Nascimento (2001):

- Enfoque Culturalista: compara os traços culturais dos diversos grupos indígenas e suas instituições sociais com a cultura que prevalece na sociedade mexicana. Esse discurso parte

da ideia de que os povos indígenas causaram a vulnerabilidade social por quererem manter traços culturais diferentes da sociedade mexicana.

- Enfoque Classicista: reconhece que a base da pobreza, nas comunidades indígenas, ocorre devido à exploração econômica que eles têm sofrido há muito tempo. Os povos indígenas geralmente são artesãos, agricultores e trabalhadores eventuais que são explorados pela classe dominante.
- Enfoque Colonialista: afirma que há mais de 50 grupos linguísticos indígenas no México, os quais sobrevivem de um modo pré-capitalista na formação social mexicana.
- Enfoque Pluralista: surge no final de 1960 com a preocupação de antropólogos pelas questões indígenas e resolvem revisar os fundamentos teóricos da política indigenista daquele momento. Após 1970, começam a ganhar força e se unem ao Governo Federal na busca por melhorar as condições de marginalização e subordinação de grupos étnicos, reconhecendo e respeitando sua cultura e sua forma de vida cotidiana familiar e comunal.

Ainda que, desde o início do movimento indígena, exista uma crítica ao indigenismo integracionista do Estado Mexicano, na década de 1980, houve um aumento nas políticas públicas para os indígenas, porém não com os indígenas, como era de vontade deles.

Neste período, a América Latina começa a incluir a temática indígena em agências governamentais junto a outros temas relevantes como meio ambiente, direitos humanos, pobreza, etc. As zapatistas formalizadas a partir de 1993, ganham força e solicitam autonomia, bem como criticam a ação do Estado em relação ao movimento indígena, sendo o México, o principal inimigo após negarem as reivindicações na alteração da Constituição Nacional (NASCIMENTO, 2001). Entretanto, em 2001, houve um avanço, ainda que limitado, em relação à inclusão de demandas dos povos indígenas, inclusive das mulheres indígenas na Constituição Mexicana. Toda essa relação com a generalização indígena e a não valorização das mulheres, bem como a violação de seus direitos se refletem nas demais mulheres mexicanas. Entre 1970 a 1990, algumas literaturas apontavam a quantidade de mulheres ativas aumentou de 21,1% para 28,1%; porém, a maior concentração das mulheres no mercado de trabalho se reduz a um pequeno número de profissões. Em 1990, no Brasil, metade da quantidade de mulheres que faziam parte da População Economicamente Ativa (PEA), concentrava-se em seis profissões: domésticas, balconistas, vendedoras ou donas de comércio próprio, costureiras, professoras de anos iniciais e secretárias (MARQUES *et al.*, 2014).

Ao considerar as mulheres com direitos trabalhistas e previdenciários, 54% estavam concentradas em 12 funções: professores do ensino básico, enfermeiras, funcionárias públicas

de ensino superior, auxiliar de escritório, secretárias, caixa, recepcionista, vendedora, agente administrativo, trabalhadora em conservação de edifícios, cozinha e costureira. Contudo, as diferenças salariais de gênero são evidentes além da limitação para assumir cargos elevados.

Marques e colaboradores (2010) realizaram uma pesquisa sobre a situação das mulheres na América Latina e Caribe, entre os anos de 1990 e 2010. Esta pesquisa envolveu expectativa de vida, participação na População Economicamente Ativa, níveis de violência, atuação política. A quantidade de mulheres na América Latina e Caribe aumentou levemente de 50,27%, em 1990, para 50,61%, em 2009, enquanto que a taxa de fecundidade começou a cair, atingindo 2,5 entre os anos de 2005 e 2010. Essa redução acarreta na redução do crescimento populacional e mudanças demográficas e pode ser causada pelo aumento dos níveis de urbanização, uso de contraceptivos modernos, aumento de escolaridade das mulheres, mudança de valores, transformações culturais, entrada no mercado de trabalho, processo de divórcio, etc.

Entre 1990-2010, a expectativa de vida das mulheres aumentou em 4,4 anos, ou seja, foi de 72,4 para 76,7 anos. Esse aumento foi um pouco menor se comparado com o ganho dos homens, que foi de 4,6 anos. Contudo, não ocorreu o acréscimo em toda a América Latina, três países: Brasil, Colômbia e México, aconteceu o contrário. Além disso, também houve um crescimento no total de mulheres com idade entre 15-49 anos, bem como um aumento de mulheres com mais de 60 anos.

Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), a participação da mulher na População Economicamente Ativa (PEA), da América Latina e Caribe, também aumentou, porém, continua concentrada em quatro atividades econômicas: manufatura, comércio, serviços financeiros e outros serviços (educação, saúde e emprego doméstico). Contudo, o salário médio das mulheres continua a ser inferior ao dos homens. Os autores ainda enaltecem outro aspecto importante, a manutenção da dupla carga de trabalho, ou seja, a divisão entre o trabalho remunerado com o trabalho não remunerado como: as tarefas domésticas e cuidados com as crianças, idosos, doentes e incapacitados, que geralmente são de responsabilidade feminina. A desigualdade entre gêneros na América Latina e Caribe também acontece durante a velhice. Marques e Colaboradores (2010) igualmente afirmam que o percentual de mulheres acima de 60 anos que não tinham renda própria e também não recebiam aposentadoria, variava entre 15% a 47%. Isso pode ter sido acarretado por fatores como:

- a) a menor presença da mulher no mercado de trabalho nas décadas passadas e (b) o fato de ser maior a proporção de mulheres, que exercem atividades remuneradas

junto ao chamado mercado informal de trabalho, sem nenhum vínculo, portanto, a mecanismos de proteção social (MARQUES E COLABORADORES, 2010, p. 209).

As reformas previdenciárias realizadas, entre 1990 e 2000, substituíram os precários regimes públicos, alterando-os para regimes mistos, o que também não favoreceu as mulheres, pois aquelas que estão vinculadas aos direitos trabalhistas e previdenciários, acabam sendo penalizadas, por considerarem que as mulheres vivem mais do que os homens, igualando as idades de aposentaria entre gêneros, por exemplo, no México foi fixada uma idade de 65 anos.

A violação dos direitos das mulheres, bem como outros tipos de violências praticados contra elas, apesar de nível elevado, as legislações da América Latina e Caribe parecem ter avançado na tentativa de garantir uma integridade física e psicológica das mesmas. “Contudo, o status da violência contra a mulher é diferente entre os países da região: em alguns ela passou a ter caráter penal e em outros ela é considerada apenas uma contravenção” As estatísticas a respeito da violência não são confiáveis pela baixa notificação de ocorrências, ou seja, ainda que haja informações disponíveis para indicar o grau de violência exercida sobre a mulher nas regiões, esses dados não representam a realidade populacional.

A América Latina possui algumas das cidades mais violentas do mundo. A Ciudad Juarez, localizada na fronteira do México com os Estados Unidos, é conhecida mundialmente pela alta taxa de feminicídio, sendo registrado nos últimos dez anos, 400 corpos de mulheres, encontrados no deserto com sinais de violência sexual. Essa violência é uma tentativa de controlar a emancipação feminina e de fortalecer o sistema patriarcal vigente no México. Na representação política, vários países da América Latina introduziram leis de cotas ou ações positivas que aumentassem a presença feminina nos partidos e no poder legislativo, por exemplo, o México, em 1996. Essa realidade sobre a inferioridade das mulheres no México ainda está presente no contexto atual. Em 9 de março de 2020, as mulheres mexicanas convocaram uma greve nacional em protesto à falta de uma resposta contundente por parte do Estado, em relação à violência nos âmbitos públicos e privados (MENDEZ, 2020). Segundo o jornal *El país*, em matéria intitulada “Raiva e esperança na terra dos feminicídios: De Veracruz, o estado mexicano que registra mais casos de violência contra a mulher, se propagou a convocação da paralisação feminista”² informa que as repostas ao movimento vieram na sequência, especialmente de alguns órgãos, como o Instituto Mulher e alguns

² Informações extraídas do jornal online *El país*, do dia 10 de março de 2020, ou seja, um dia após as manifestações. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-10/raiva-e-esperanca-na-terra-dos-femicidios.html>

gestores municipais, que se entraram em contato com as líderes do movimento para iniciar um diálogo sobre as demandas apresentadas.

De acordo com o *Observatório Ciudadano Nacional del Femicidio*, grande parte do México não mantém um banco de dados que permita conhecer os reais números de assassinatos de mulheres e de feminicídio. Essa falta de informações afeta também outras formas de violência não letal. Em 2018, por exemplo, somente 10,6% dos delitos foram denunciados, ou seja, o restante não houve denúncia ou não iniciaram uma investigação. Isso acontece porque uma parte das mulheres acha que a denúncia é perda de tempo ou não confiam nas autoridades, pois os casos que vão a julgamento, as sentenças não acontecem publicamente não sendo possível monitorá-las (MENDEZ, 2020).

Ao nos voltarmos para nosso *corpus*, observamos que a obra de Laura Esquivel retrata essa sociedade patriarcalista, que reforça a condição de subalternidade feminina, mesmo em uma família composta de mulheres, conforme podemos observar em uma das falas de sua matriarca, mamãe Elena: “- Não tens nada que achar e acabou! Nunca, por gerações e gerações, ninguém em minha família protestou ante este costume e não vai ser uma de minhas filhas que o fará” (ESQUIVEL, 1993, p. 8).

A escritora mexicana Laura Esquivel nasceu em 1950, na cidade do México. Veio de uma família católica na qual, desde cedo, teve contato com uma realidade em que, conforme foi crescendo, levou-a estudar filosofias orientais, praticar meditação e seguir com uma alimentação vegetariana. Foi influenciada pela avó, que era a matriarca da família e que orientou a escritora a considerar a cozinha como o lugar ideal para as mulheres compartilharem seus pensamentos mais íntimos, pois na sua infância ela recorda que a avó reunia as mulheres nesse espaço, de uma forma simbólica e afetiva (ESQUIVEL, 1993).

Conforme apontamos na introdução, Laura Esquivel atuou em diversas esferas. A princípio ela trabalhou na educação infantil, mas, pela falta de materiais didáticos, começou a escrever peças de teatro para crianças e também para a dramaturgia da televisão pública infantil. A autora também enveredou pelos caminhos do cinema, e por meio do interesse de estudar essa arte, conheceu o ator Alfonso Arau, com quem veio a se relacionar. Em 1985, iniciou seus trabalhos no meio cinematográfico com o roteiro do filme “Chido Guán, o Taco de Ouro”, sendo indicada pela Academia de Ciências e Artes Cinematográficas do México, para o prêmio Ariel.

Entretanto, é na literatura que Laura Esquivel tem maior reconhecimento. *Como água para chocolate* é o seu primeiro romance e foi bem acolhido em seu país e fora dele, já que a história foi traduzida para 35 idiomas, se tornando um *best seller*. Considerado um sucesso

internacional, o romance vendeu mais de 4,5 milhões de cópias em todo o mundo, além de ter sido adaptado para o cinema com grande sucesso de público.

A relação da autora com a cozinha, herdada de uma tradição familiar, foi o mote principal para a escrita de seu romance. Nele, vemos esse espaço como uma expressão da mulher e de seus sentimentos, onde são traçados os sonhos de Tita, a protagonista e seu anseio por ter voz e ser dona do próprio destino.

Há que se ressaltar que além do campo artístico, Laura Esquivel também já atuou na esfera política. Em entrevista para o jornal *El país*³, ela comenta sobre sua atuação como deputada e suas expectativas no que se refere ao sistema democrático:

De la cocina pasemos a la política. ¿Cómo fue su experiencia como diputada?
R. Aprendí mucho y la verdad fue una experiencia interesante. Fui parte de la primera bancada de Morena. Fue muy bello, porque sí, fuimos un grupo de personas que la mayoría nunca habíamos tenido experiencia dentro de la política y teníamos un deseo de cambio, un deseo de dar lo mejor de nosotros y no teníamos estos vicios ni estos juegos de interés político, de te doy para que me des. Actuamos en verdad como un equipo y eso sí me gustó mucho. Pero ahora, después de esa experiencia y después de ver lo que pasa en el mundo, te soy sincera: yo no creo mucho ni en la democracia ni en la política. Creo que ya ahorita el mundo cambió y estas estructuras se van a empezar a desmoronar, porque tienen que ver con una forma de pensamiento individualista, competitiva.

Na verdade, Laura Esquivel se mostra bem comedida para tocar em questões polêmicas da atual conjuntura política, especialmente ao que se refere a polarização que acontece no Brasil (e em vários outros lugares do mundo). Recentemente a autora foi indicada para a embaixada Mexicana no Brasil, um possível movimento do atual presidente diante do processo eleitoral brasileiro. Em entrevista intitulada: “Até o Brasil definir seu futuro político estarei na cozinha semeando utopias”⁴, a autora se mostra animada com a possibilidade de exercer o cargo no Brasil, comenta sobre alguns temas políticos, como feminismo, meio ambiente e volta a falar sobre as estruturas democráticas atuais.

Embora não responda sobre alguns posicionamentos políticos de forma direta, ela sai em defesa de temas sociais importantes, como a defesa de um sistema que atenda aos anseios sociais de todos, uma sociedade que vise práticas “humanistas”, conforme ela mesma se

³ Entrevista concedida ao jornal *El país*, com o título Laura Esquivel: “Soy la más feliz en la cocina, cocinar es un acto de amor”. Data da publicação: 24 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://elpais.com/mexico/2021-12-25/laura-esquivel-soy-la-mas-feliz-en-la-cocina-cocinar-es-un-acto-de-amor.html>

⁴ “Até o Brasil definir seu futuro político estarei na cozinha semeando utopias”, diz escritora Laura Esquivel em entrevista concedida ao jornal *O globo*, que aborda a nomeação da autora para a embaixada mexicana no Brasil. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/ate-brasil-definir-seu-futuro-politico-estarei-na-cozinha-semeando-utopias-diz-escritora-laura-esquivel-futura-embaixadora-mexicana-no-pais-1-25422871>

declara, além de pautas ambientalistas, que estão em um de seus focos. A cozinha como espaço de esperança ou “utopias”, como ela mesma define, segue como um de seus interesses primordiais. E nesse espaço, e nas entrelinhas do texto, que ela aparenta a aguardar novos tempos de renovo, não somente no Brasil, mas em toda a América Latina.

2.3 – *Como água para chocolate*

O livro *Como água para chocolate* foi escrito em 1989 (1993; 2021), por Laura Esquivel. Protagonizado por Tita, esse romance alinha o prazer sensorial, culinário e sexual. A obra apresenta a cada abertura de capítulo uma receita da culinária mexicana, relacionada ao mês e ao fio condutor da história. Essas receitas, inclusive, podem ser executadas, o que nos mostra, logo de início, uma valorização cultural e das mesclas desse *locus*, haja vista que na culinária há traços indígenas e europeus, uma representação das mesclas culturais mexicanas.

Tita é a filha mais nova da família De La Garza. Eles moram em um rancho que se encontra em Piedras Negras, localizado no Estado mexicano de Coahuila, na fronteira do México com os Estados Unidos. A personagem está inserida em uma tradição que tenta romper: sendo a filha mais nova, ela não poderia se casar e deveria cuidar da sua mãe até que ela morresse. Conforme explica mãe Elena à própria Tita: “Se ele pretende pedir sua mão, diga que não faça isso. Estará perdendo o tempo dele e o meu. Você sabe perfeitamente que, como a filha mais nova, deverá cuidar de mim até o dia da minha morte” (ESQUIVEL, 1993, p. 8).

O livro é dividido em 12 receitas, uma para cada mês do ano; logo, doze capítulos que são abertos por sugestões culinárias factíveis, ocorrendo uma relação sensorial entre sabor e fatos que protagonizam momentos importantes na vida de Tita. Um exemplo é o próprio título do romance, por vezes, representa uma expressão mexicana que significa estar furioso, a ponto de explodir, sendo romantizado pela escritora, ou associando-o aos desejos sexuais, quando Tita e Pedro enfrentam e precisam negar sua paixão.

Após o nascimento de Tita, seu pai morre repentinamente, fazendo com que sua mãe sofra um choque, o que não permite que ela crie vínculo com sua filha mais nova, deixando sua educação para a cozinheira nativa da família: Nacha. Essa relação acaba transbordando e aparecendo em sua comida, o que não acontece no caso de mãe Elena, fazendo com que a mesma não consiga apreciar e reconhecer todo o esforço de Tita na cozinha. De uma forma ou de outra, todas as emoções de Tita moldam o sabor dos alimentos que ela prepara e, de uma

maneira insólita, sustentada pelo realismo mágico latino americano em essência, quem ingere seus alimentos passa a ter as mesmas emoções. Esse fenômeno parece ser um modo de Tita driblar a crueldade da mãe, do sistema, e do amor que lhe fora negado.

Nesse contexto, o diálogo entre a mãe Elena e Tita acontece de maneira negativa, marcado por repressão, angústia, frieza, etc. A mãe Elena cria suas filhas com pulso firme, pois assim como Tita, ela também teve um amor repreendido no passado por sua mãe, ou seja, toda essa submissão e preocupação em seguir as tradições são porque mãe Elena quebrou as tradições no passado, traindo seu esposo e tendo uma filha de um homem afro-americano.

Esse romance mostra as frustrações sofridas pelas filhas, mães, avós, etc. No caso de *Como água para chocolate*, a mãe Elena assume uma ideologia patriarcal, privando e oprimindo suas filhas, perdendo as características femininas, para assumir um arquétipo materno negativo, ou seja, há a rejeição das filhas pelo modelo matriarcal. Assim, Tita decide isolar-se e desenvolve diversos distúrbios emocionais, como supressão e perda.

Os desafetos de Tita e sua mãe vivem acontecendo, mas se intensificam quando o namorado de Tita resolve pedi-la em casamento e sua mãe oferece Rosaura no lugar, pois a Tita: “Claro, que se o que lhes interessa é que Pedro se case, ponho em consideração minha filha Rosaura, somente dois anos mais velha que Tita, porém plenamente disponível e preparada para o casamento” (ESQUIVEL, 1993, p. 10).

Seu namorado Pedro acaba aceitando como pretexto para ficar próximo de sua amada. Mãe Elena ironicamente encarrega Tita dos preparativos do casamento de seu amor com sua irmã, pois a mesma não esteve presente no dia do noivado, pois alegava estar com uma enxaqueca. Neste momento, é possível perceber que a mãe Elena adota uma posição que perpetua a opressão patriarcal, estabelecendo a estabilidade de seu poder e suas ordens:

As encarregadas desta tarefa foram Tita e Nacha. Nacha por sua experiência e Tita como castigo por não ter querido estar presente no dia em que foram pedir a mão de sua irmã Rosaura, pretextando uma enxaqueca.

– Não vou permitir teus desmandos – disse-lhe Mamãe Elena – nem vou permitir que estragues o casamento de tua irmã com tua atitude de vítima. De agora em diante vais te encarregar dos preparativos para o banquete e toma muito cuidado para que eu não te veja de cara feia ou cheia de lágrimas, ouviste? (ESQUIVEL, 1993, p. 20 e 21).

No romance, a comida não representa apenas alimento, ou seja, é a expressão de emoções, é um símbolo das relações e dos afetos. Acontecem, então, alguns momentos mágicos, quando Tita prepara a massa do bolo e deixou cair algumas de suas lágrimas de tristeza, esse fato acabou afetando a todos os convidados e destruindo o casamento da irmã

com um momento nostálgico e nojento, pois se transforma em uma sequência de vômitos, em que Rosaura acaba caindo e sujando seu vestido de noiva:

Uma imensa nostalgia se apossava de todos os presentes enquanto serviam o primeiro pedaço de bolo [...] O pranto foi o primeiro sintoma de uma intoxicação estranha que tinha algo a ver com uma grande melancolia e frustração que, apoderando-se de todos os convidados, fez com que eles terminassem no pátio, nos currais e nos banheiros, cada um com saudade do amor de sua vida. [...] Rosaura, entre arquejos, teve de abandonar a mesa de honra. Procurava por todos os meios controlar a náusea, porém esta era mais poderosa que ela. Tinha toda a intenção de salvar seu vestido de noiva dos vômitos de parentes e amigos, mas ao tentar atravessar o pátio resvalou e não houve um só pedaço do vestido que ficasse livre do vômito. Um volumoso rio macilento a envolveu e a arrastou alguns metros, fazendo que sem poder resistir mais lançasse como um vulcão em erupção estrondosas golfadas de vômito ante o horrorizado olhar de Pedro. Vômitos dos parentes e amigos, mas escorregou ao atravessar o pátio e não houve um centímetro do vestido que não tivesse ficado coberto de vômito. Ela foi arrastada em um denso rio de podridão por alguns metros; então, não pôde resistir e, como um vulcão em erupção, expelia grandes golfadas diante do olhar horrorizado de Pedro (ESQUIVEL, 1993, p. 31 e 32).

Quando Tita descobriu que seu sobrinho havia falecido, acusou mãe Elena por tal ato e afrontou a autoridade de sua mãe. Tal ação fez mãe Elena perder a cabeça e mandar levá-la para o manicômio por ter ficado louca. Isso fez com que a protagonista entrasse em uma tristeza profunda, como aparece em um trecho:

Algum dia, quando tivesse vontade de falar, gostaria de fazer John saber disso tudo. Por agora preferia o silêncio. Tinha muitas coisas para colocar em ordem em sua mente e não encontrava palavras para expressar o que estava ruminando em seu íntimo desde que deixou o rancho (ESQUIVEL, 1993, p. 88).

Até que uma visita familiar, junto com um prato tradicional, trouxe o espírito de Nacha que acariciava seus cabelos e fez com que Tita conseguisse expressar emoções e falar novamente. Quando Chenchá ofereceu uma sopa de rabada a Tita, nesse instante, relembrou os momentos felizes da sua infância e também com sua família, fatos como ir ao mercado comprar os ingredientes para fazer a receita junto com a Nacha. Chenchá e Tita acreditavam que a sopa podia curar qualquer doença, seja física ou mental. Foi só a Tita provar um pouco da sopa que já recuperou o juízo no mesmo instante.

Uma forma de manter as meninas sobre obediência são as histórias contadas pelos mais velhos sobre as mulheres que desobedeceram a seus pais e patrões e saíram de casa, na qual acabavam sendo castigadas com uma vida fácil e imunda, conforme mostra uma lembrança de Chenchá:

Invejava Tita por ter tido coragem de não regressar ao rancho. Oxalá ela pudesse fazer o mesmo, porém não se atrevia. Desde menina tinha ouvido falar do mal que desaba sobre as mulheres que desobedecem a seus pais ou seus patrões e que vão embora de casa. Acabam atiradas no rio imundo da vida licenciosa. (ESQUIVEL, 1993, p. 104).

O livro também mostra a relação dos mexicanos com os mortos, quando estes aparecem em situações difíceis e ruins, para pressionar ou colaborar com alguma situação. Por exemplo, no momento em que mãe Elena morre e continua a perturbar a jovem em forma de fantasma, até que Tita decide não ser mais submissa e assume sua própria identidade:

– Quem deveria ir é a senhora. Já me cansei de que me atormente. Deixe-me em paz de uma vez por todas! ir embora! Já me cansei de ser atormentada por você. Deixe-me em paz de uma vez por todas!

– Não farei isto até que que te comportes como uma mulher de bem, quer dizer, decentemente

? Como a senhora fazia? até que se comporte como uma mulher boa ou, ao menos, uma mulher decente!

–

– Sim.

– Pois é o que eu faço! Ou não teve a senhora uma filha ilicitamente? Mas é exatamente o que estou fazendo! Ou não teve um filho bastardo?

– Será amaldiçoada por falar-me assim! Você será condenada ao inferno por falar comigo desta maneira!

– Não mais do que a senhora está! Tanto quanto você!

– Cale a boca! Quem pensa que tu és? que é?

– Acho que sou o que sou! Uma pessoa que tem todo o direito de viver a vida como melhor lhe aprover. Deixe-me de uma vez por todas, não a suporto mais! Eu sei quem sou! Uma pessoa que tem pleno direito de viver onde quiser. E ainda por cima a odeio, sempre a odiei!

Tita pronunciou as palavras mágicas para fazer desaparecer Mamãe Elena para sempre (ESQUIVEL, 1993, p. 164).

Percebe-se que a preocupação em manter os padrões era tanta, pois até Rosaura aceita que seu marido mantivesse uma relação amorosa com Tita desde que ninguém mais soubesse, como ela mesma propôs no trecho:

-Como não entendo? Entendo muito bem o papel em que me deixas quando todas as pessoas da fazenda te veem chorando ao lado de Pedro e tomando-o amorosamente da mão. Sabes qual é? O de idiota! Com certeza não terás o perdão de Deus! E olha, a mim não importa se tu e Pedro vão para o inferno por andarem se beijando por todos os cantos. E mais, de agora em diante podem fazer isso quantas vezes quiserem. Contanto que ninguém tome conhecimento, a mim não importa, porque Pedro vai precisar fazê-lo seja lá com quem for, pois que não voltará a pôr uma só mão em cima de mim. Eu sim tenho dignidade! Que procure uma qualquer como tu para suas porcarias porque nesta casa vou continuar sendo a esposa. E diante dos olhos dos demais também. Porque no dia em que alguém os veja e me voltem a fazer cais no ridículo, te juro que vão se arrepender (ESQUIVEL, 1993, p.175 e 176).

Vale retomar que a história acontece no México, no início do século XX, período em que o país vivia a Revolução Mexicana (1910-1920). Neste momento histórico, a sociedade vivia em meio à tensão e situações de violência. Há diversos momentos na história em que enfatizam o terror vivido pelo povo durante a revolução como: tiroteios, mortes, violência e a escassez de alimentos. Um fato que ilustra esse conflito foi quando mãe Elena mata quase todas as galinhas para que os revolucionários não levassem tudo:

[...] pois o capitão também ignorou que na parte traseira da casa Mamãe Elena tinha, enterradas em cinza, uma grande quantidade de galinhas. Conseguiram matar vinte antes que eles chegassem. As galinhas se recheiam com grãos de trigo ou aveia e, com penas e tudo, se metem dentro de uma vasilha de barro envernizado. Com um pano tapa-se bem a vasilha e desta maneira se pode conservar a carne em bom estado por mais de uma semana (ESQUIVEL, 1993, p. 75).

Entretanto, quando os revolucionários chegam, encontram “uma mulher de fibra”. No primeiro movimento deles para entrarem na casa, mamãe Elena atira com a escopeta em uma das galinhas que eles haviam roubado. Por conta da valentia da matriarca, em meio a Revolução, eles acabam indo embora, sem cometer nenhuma mal as pessoas do rancho.

Nesse contexto, repleto de conflitos entre opressores, oprimidos e revolucionários, a condição feminina é metaforizada, subvertendo as convenções de uma sociedade patriarcal. Dessa forma, as mulheres do romance representam um protagonismo singular das mulheres hispano-americanas do século XX, o que torna o romance também um texto político, pois além de narrar sobre a subjetivação feminina, faz uma associação à produção da memória e da história de opressão patriarcal promovidas pela mamãe Elena, reproduzindo ações de violência masculina e machista (SANTOS, 2018).

CAPÍTULO III: UMA LEITURA DECOLONIAL DAS PERSONAGENS

Como água para chocolate é um romance repleto de vozes femininas. A família, composta apenas por mulheres, apresenta personagens que possuem diferentes olhares para a tradição e para as relações familiares.

Nesse sentido, mamãe Elena, a matriarca da família reforça um estereótipo patriarcal, mantendo tradições que outrora a prejudicaram. Uma personagem forte, é ela quem segue extremamente rigorosa com as filhas e com os empregados, não permitindo que ninguém se rebele contra as duas decisões, incluindo suas filhas, Rosaura, Gertrudis e Tita, que foram criadas sob uma lei de silêncio e obediência.

Entretanto, as filhas pertencem a uma outra geração. E nem sempre as tradições se mantêm. Mesmo crescidas podadas por meio do silêncio, algumas delas recorrem a outras formas de expressão. É o que ocorre com Tita, por exemplo, que encontra na cozinha e no preparo dos alimentos, a genuína expressão de si mesma. Na contramão dessa busca por voz, temos a figura de Rosaura, que segue à risca os padrões estabelecidos por uma sociedade patriarcal e mantido por sua mãe. Gertrudes, por sua vez, é a filha que se rebela, que rompe com as estruturas patriarcais; se torna *general*.

Esquivel constrói essa narrativa de mulheres, por meio do realismo mágico, e a partir de um significativo mosaico cultural, mesclado pelas crenças indígenas e europeias, o que acarreta em uma história que constrói e desconstrói estereótipos machistas, além de mostrar um outro lado da cultura mexicana, cheia de aspectos mágicos, personificados, por exemplo, no preparo dos alimentos, que tem íntima relação com o desenrolar da história. É a partir dessa perspectiva que nos propomos a olhar para a narrativa, ou seja, analisar as mulheres da família e suas relações com a tradição, com a cultura e com o alimento, em seus aspectos mais mágicos no sentido de olharmos para a cultura e para as tradições latino-americanas como possibilidades de uma leitura literária decolonial, no caso desse romance em particular, pois vislumbramos que a literatura possa promover mudanças socioculturais ao mesmo tempo em que entretém e que promove reflexões acerca do próprio uso e manutenção da cultura e das tradições em si.

À guisa de esclarecimento final, vale retomar apontamentos acerca do realismo mágico, tendência estética literária já anunciada nessa dissertação e que nasce como resposta ao Fantástico europeu, contendo traços bem particulares que a tornam essencialmente latino-americana à luz de os nossos encargos socioculturais, históricos e políticos.

Para melhor compreender conceitos e tendências que surgem na/da América Latina é salutar ter em mente o respeito contextual-histórico dessa zona mais cultural do que geográfica, já que abrange América do Sul, América Central e parte da América do Norte com o México. Não obstante, nunca podemos esquecer que à maioria de nações da América Latina converge um cenário bastante trágico: colonização europeia; escravidão dos povos negros; ditaduras militares.

No bojo desse quesito de negociação constante com as reminiscências de nossa História, o historiador chileno, José del Pozo, elabora um panorama completo acerca dos processos de luta latino-americanos, os quais culminaram em sucesso e independência de muitas nações. Ele próprio deixou o Chile por conta da ditadura e fixou residência no Canadá, tornando-se referência quando o assunto é América Latina e Caribe. Sobre esses pontos de trágica convergência, o estudioso chama a atenção para o fato de que o nascimento dos países latino-americanos surpreende pela simultaneidade e pela rapidez com que o processo se desenrolou, movido por inúmeras tensões sociais e episódios de violência. A independência dessas nações permitiu o começo de uma vida eleitoral, promovendo de imediato alguns benefícios aos mestiços e a parte da comunidade negra; contudo, sem enxergar as comunidades indígenas e as mulheres como um todo. Assim, o aparato estatal passa a criar forma, mas a edificação de uma nação livre e profícua fica pendente por todos os lados da América Latina, cuja enorme diversificação étnica dificulta pontos de contato e de pacificação. Segundo Del Pozo (2009, p. 48):

Assim, os líderes da independência que com o tempo se tornariam heróis do imaginário nacional deixaram sua marca no surgimento de novos países no mapa do mundo, mas conseguiram apenas um esboço de soluções para os problemas herdados dos tempos coloniais, geradores de novas tensões que marcariam as épocas posteriores.

Diante dessa breve contextualização histórica, já podemos perceber que na América Latina o conflito sociocultural sempre foi patente e, obviamente, tal realidade marca, querendo ou não, os produtos culturais advindos dessa zona de contatos étnico, linguístico, religioso, político e cultural de ímpar complexidade. Na Literatura, tal resposta e reflexo não poderia ser diferente; dessa feita, uma vez que as nações se consolidaram, buscaram igualmente consolidar sua maneira de representar a Arte diante da própria identidade reconstruída e revista à luz de tantas lutas e resistências. No Brasil, há o marco da Semana de

Artes Modernas de 1922 e na América Latina, de forma geral, apresenta-se o *Boom* literário latino-americano na década de 60 do século XX, gerador, inclusive, de vários prêmios Nobel de Literatura. A partir desse momento, os olhos do mundo demonstram interesse ao que é criado nesse espaço e se viram para a América Latina, com curiosidade, com inquietação e também certo fascínio. Para além da literatura, cinema e outras artes se desenvolvem enormemente desde então em solo latino.

É justamente nesse contexto produtivo e envolvente da intelectualidade latino-americana que nasce o Realismo Mágico. O realismo mágico é uma tendência de gênero literário que surge como uma espécie de ‘resposta’ de vanguarda ao fantástico europeu, já tratado aqui. Visa, paralelamente, desenvolver reações às ditaduras então vigentes na América Latina. Enquanto nomenclatura, a primeira vez que é abordado, o termo faz parte do universo da pintura, em 1925, com Franz Roh. Mais adiante, o venezuelano Arturo Uslar Pietri usa essa mesma nomenclatura na literatura, em 1948. Pouco a pouco, o nome vira conceito e, logo, uma tendência de produzir literatura que represente essa zona cultural denominada América Latina em todas as suas múltiplas facetas. O realismo mágico mostra a realidade a partir de uma perspectiva incomum, mas nesse caso, o sobrenatural e a realidade não são contraditórios porque a realidade já é peculiar por excelência e nela há, naturalmente, um sentido mágico, por isso o termo estar constituído de real+ismo + mágico; ou seja, uma conjunto de real, um realismo, que por si só já é mágico! Infelizmente, muitos pesquisadores preferem denominar de realismo maravilhoso, misturando os termos e épocas em que surgiram, pois primeiramente surgiu o realismo mágico e, depois, o real maravilhoso de Carpentier.

Nessa realidade que é dada como naturalmente mágica, os elementos de disposta magia constituem a normalidade das personagens, as quais não colocam à prova nem necessitam de evidências acerca de certos fenômenos que nesse lugar se desenvolvem. Quanto ao tempo da narrativa, esse se apresenta de maneira cíclica e os mistérios expostos na diegese não se explicam, nunca se explicam! A título de exemplificação e análise prática que antecede as personagens elencadas nesse capítulo III, explanamos antes a ideia por trás dessa tendência presente no romance: nem as demais personagens tampouco os leitores questionam um mistério que envolve a personagem Gertrudis porque enquanto Gertrudis janta codornas ao molho de rosas feito com paixão por sua irmã mais jovem Tita e, na mesa de jantar, começa a desenvolver um episódio de orgasmo sexual, pois magicamente os temperos de Tita faziam as pessoas sentirem, quando provavam seus pratos, o que ela sentia no momento de preparar os alimentos. Assim, Gertrudis anuncia a paixão sexual em plena mesa de jantar, a mesma

paixão que Tita tinha ao preparar o prato de codornas e rosas. Noutro momento da narrativa, Gertrudis literalmente ‘pega fogo’ enquanto se banha em um rudimentar banheiro externo da casa familiar e sai desnuda atrás de seu amante revolucionário que nessa ocasião por ali está cruzando a cavalo. Nenhuma personagem questiona essa exaltação sexual de Gertrudis, nem mesmo o fato de o alimento gerar tal reação em todos aqueles que o comem. A magia advinda do prato e do corpo da personagem são tomadas como parte do cenário e da vida de todos, naturaliza-se o momento mágico como elemento pertencente ao contexto exposto.

Quando se sentaram à mesa havia um ambiente ligeiramente tenso, mas não aconteceu nada de mais até que foram servidas as codornas. Pedro [...] ao saborear o primeiro bocado do prato exclamou, cerrando os olhos em verdadeira luxúria: - Este é um prazer dos deuses. Mamãe Elena [...] incomodada pelo comentário disse: - Mas tem sal demais. Rosaura, pretextando náusea e enjoo, não pôde comer mais que três garfadas. *Em troca, aconteceu algo estranho a Gertrudis* (ESQUIVEL, 1993, p. 41, grifo meu).

A reação de Gertrudis é a mais incrível desse momento. Tita que não pode viver seu desejo por Pedro, então o transfere, como que por magia, para Gertrudis. A refeição lhe traz um enorme efeito afrodisíaco e ela começa a sentir um calor intenso e profundamente sexual, o qual nada era capaz de abrandar: “as gotas que caíam do chuveiro não conseguiam tocá-lhe o corpo: evaporavam antes de sequer roçá-la. O calor que se desprendia de seu corpo era tão intenso que as madeiras começaram a estalar e a arder” (ESQUIVEL, 1993, p. 44). Tal excitação emana da sua pele, do seu corpo, fazendo-a se masturbar e fugir de casa, fugir do controle austero de sua mãe. De modo impressionante, contudo nunca questionado, o odor das rosas em seu corpo exala tão fortemente que chega até o local onde estavam os revolucionários e federais, os quais participavam da Revolução Mexicana. Depois desse episódio, ela adere ao movimento e retorna como “general” do exército revolucionário, tornando-se uma mulher imponente e temida pelos homens que participam da revolução. O teor político colabora com as características do realismo mágico, pois, constantemente, são usados metáforas e símbolos para representar os contextos conturbados da política e das causas sociais latino-americanas.

O realismo mágico da América Latina se alimenta de magia naturalizada, de elementos sensoriais que são provenientes de uma vasta complexidade étnica, de superstições e credos que existem somente nesse espaço cultural, de ritos e passagens que só fazem sentido nessa terra e nesse lugar que nutre o mistério como essência de vida. Como ocorre no

exemplo analisado, o romance de Esquivel, o tempo na narrativa, quando se trata de realismo mágico, é um tempo deveras distorcido, ainda que cíclico, uma vez que o passado e o presente se confundem constantemente.

Por outro lado, o Real Maravilhoso, espécie de “filho do realismo mágico” é um conceito e também uma tendência de produção literária latino-americana que se origina na base já fundamentada do realismo mágico, há pouco explicada. Um fato é inquestionável acerca do termo e de sua origem: o prefácio do livro *O reino deste mundo* ([1948] 2009) do cubano Alejo Carpentier. À guisa de curiosidade, especula-se que o prefácio ficou ainda mais famoso do que o próprio romance do autor. Essa narrativa ficcionaliza, de forma incrível e sedutora, a independência do Haiti, que vem a se tornar o primeiro reino negro do mundo fora de África. Em visita laboral ao Haiti, sob ordem do governo cubano, Alejo Carpentier fica completamente arrebatado pela riqueza natural, religiosa e cultural daquela ilha. Busca, assim, compreender como sua gente faz uso do sincretismo e da miscigenação para sublimar a herança escravocrata e colonial e, resistindo, prosseguir mantendo seus credos, ritos e memórias ancestrais. Aparentemente, Carpentier abstrai que na América Latina a magia é inerente e sobre esse efeito de fascinação, ao mesmo tempo em que cunha e descreve o conceito de ‘real maravilhoso, diz o autor:

... o maravilhoso começa a sê-lo de maneira inequívoca quando surge de uma alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação inabitual ou especialmente favorecedora das inadvertidas riquezas da realidade, de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com particular intensidade em virtude de uma exaltação do espírito que o conduz a um modo de ‘estado limite’. Para começar, a sensação do maravilhoso pressupõe uma fé. [...] E, no entanto, pela dramática singularidade dos acontecimentos, pela fantástica atitude dos personagens que se encontraram, em determinado momento, na encruzilhada mágica da cidade do Cabo, tudo se torna maravilhoso em uma história impossível de situar na Europa e que, no entanto, é tão real como qualquer sucesso exemplar dos consignados, para edificação pedagógica, nos manuais escolares. *Mas o que é a história da América toda senão uma crônica do real maravilhoso?* CARPENTIER, 2009, p. 12, grifo meu).

Conforme o grifo no excerto acima, o próprio escritor cubano denomina esse efeito de produção aqui locado como ‘real maravilhoso’. Portanto, não há justificativas para que os estudiosos da área confundam tal conceito com o realismo mágico e muito menos com o fantástico tradicional. Enfim, questões epistemológicas em torno de uma temática tão cara à

América Latina e às nossas investigações. Dessa forma, como o realismo mágico se pretende decolonial em nome de uma performance intelectual libertária para a América Latina, também elaboramos, a seguir, uma leitura decolonial das principais personagens do romance com vistas a demonstrar como valores culturais e tradicionais da América Latina podem ditar ou denunciar formas de manutenção de poder e opressão de sujeitos em suas formas de vida no território.

3.1 Mamãe Elena: na contramão da liberdade

Maneira de fazer:

Pões-se o vinagre no fogo e se acrescentam os chiles, aos quais previamente se tiraram as sementes. Quando começa a ferver, retira-se do fogo e põe uma tampa sobre a panela, para que os chiles fiquem macios (ESQUIVEL, 1993, p. 71).

No capítulo V do romance, intitulado “Chouriço nortista” nos deparamos com a receita destacada em citação, que inicia nossas reflexões. Todos os capítulos são iniciados dessa forma e as receitas apresentadas, além de um elemento mágico, apresentam uma íntima ligação com uma das mulheres que fazem parte da família. Esta, em especial, está relacionada com um momento muito importante na história: a matriarca da família, mamãe Elena, na defesa de seu patrimônio, frente aos ataques dos revolucionários, e na articulação de estratégias para a manutenção da ordem familiar, segundo os moldes patriarcalistas e tradicionais, que ele tanto defende,

Mamãe Elena é uma personagem construída sob os moldes patriarcais, por isso seu papel é manter intacta as estruturas sociais que lhe foram também impostas. Por isso, quando o assunto são as três filhas, o que ela almeja é que elas se casem, exceto quando se trata da mais nova, haja vista uma tradição que diz que a filha caçula não deve se casar para tomar conta da mãe. Para manter a tradição, ela não medirá esforços que impeçam Tita de escolher um outro caminho, conservando assim, os princípios que ela tanto defende, mesmo que para isso, ela tenha de virar as costas para a felicidade da filha.

Ao longo da narrativa descobrimos que na juventude, mamãe Elena nutria uma forte paixão por homem, mas o romance foi proibido pelos pais e, quando ela ia fugir com seu amado, ele foi morto, deixando-a grávida. Essa frustração é perceptível ao longo de toda a sua vida, cheia de amarguras com aqueles que estavam ao seu redor. Após esse episódio, ela é forçada a se casar com outro homem, para “esconder a sua vergonha”, ou seja, a gravidez fora

de um casamento tradicional. Esse comportamento, que tanto a fez sofrer, acaba sendo reproduzido com as filhas, da forma mais conservadora e cruel possível.

Apesar de Elena ser caracterizada no romance como uma figura de poder, ela não tem uma liderança voltada para a união e potência feminina, e sim, para a reprodução de um sistema retrógrado e patriarcalista. Ao se encontrar sobrecarregada devido às novas tarefas após a morte súbita de seu marido, ela rejeita sua filha mais nova desde o nascimento passando a enxergá-la como serva e envolvendo-a em um ambiente de opressão, confinamento e violência. A partir dessa rejeição, Tita encontra um laço materno em Nacha, mostrando que é possível transportar os aspectos maternos para figuras substitutas.

Segundo a tradição da família de Tita, a filha caçula deve ficar solteira para cuidar de sua mãe até morte e esse é o início do conflito entre Elena e Tita, pois Tita não quer seguir com a tradição. No romance, há uma tentativa de diálogo entre Tita e sua mãe, enquanto elas participam do ritual de preparação do chouriço, que é um momento que todas as mulheres da casa são obrigadas a participar. Então, Tita avisa a sua mãe que Pedro gostaria de falar com ela omitindo que sabia o motivo da conversa. Mamãe Elena encara a atitude da filha caçula como ato de rebeldia e desobediência encerrando a conversa afirmando: “Não tens nada que achar e acabou! Nunca, por gerações e gerações, ninguém em minha família protestou ante este costume e não vai ser uma de minhas filhas que o fará” (ESQUIVEL, 1993, p. 8). Esta fala mostra claramente a característica patriarcal que Elena tem sobre todo o rancho e como ela absorveu as ordens desse sistema.

O diálogo entre Elena e Tita ocorre de forma negativa, com lágrimas, repressão, frieza, etc. Essa posição de Elena é reflexo de sua criação, pois quando jovem, também foi proibida de se envolver com um rapaz, porque ele era mulato. Apesar do vínculo entre mãe e filha ser poderoso, no caso do romance, elas são inimigas devido a ideologia patriarcal de mamãe Elena, oprimindo suas filhas e assumindo um arquétipo materno negativo.

Quando Gertrudis sai correndo nua com o soldado revolucionário, Elena exerce mais uma vez o seu autoritarismo, proibindo que o nome Gertrudis fosse pronunciado em sua casa, queimando as fotos da jovem e também sua certidão de nascimento. Esse ato talvez simbolize a atitude de Elena no passado, porém a matriarca pretendia fugir com o homem que ela amava, mas não teve coragem de se rebelar contra sua família e mesmo que Jose Treviño estivesse morto, ela aceitou se casar como impôs sua família.

Segundo Jung (2000), o arquétipo materno acontece de várias formas, ou seja, apesar da figura materna ser universal: protetora e carinhosa, sua imagem é desenvolvida de acordo com as experiências individuais com sua própria mãe. Badinter (1985), em seu livro *Um*

Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno, acrescenta que o amor materno é um comportamento social e variável de acordo com a época e os costumes. Dessa forma, o amor é um sentimento humano como qualquer outro sentimento como medo, raiva, felicidade, entre outros e, portanto, é imperfeito em sua existência, pois pode existir ou não, acontecendo em maior ou menor intensidade, logo, o amor é construído e conquistado na convivência com os filhos.

No caso do romance, o arquétipo de mãe é negativo. Ao longo de toda obra, não há nenhuma demonstração de afeto ou carinho, mas uma abordagem rígida, especialmente com a filha mais nova, tratando-a como objeto e sem preocupar-se com os seus sentimentos como no nesse trecho em que Elena a vê chorando e em vez de dar consolo, com isso, identificamos os níveis de ameaça: “Escuta bem, Tita, estás me fazendo perder a paciência, não vou permitir que comeces com loucuras. Esta é a primeira e a última! Ou garanto que vais te arrepender” (ESQUIVEL, 1993, p. 22). Além de tudo, Elena manda Tita para um hospital psiquiátrico.

Além disso, como já mencionamos, Elena teve que se casar com alguém que não amava e não diz no romance quais as consequências que ela teve por ter uma filha fora do casamento. Talvez, por esse motivo, mamãe Elena se mantinha rígida com as filhas, com intuito de evitar que suas filhas passassem pela mesma situação. Esse comportamento acabava gerando os conflitos, especialmente com Tita, que era a filha mais atingida pela a tentativa de manutenção das tradições sociais mexicanas.

Há vários exemplos ao longo da narrativa que reforçam esse autoritarismo de mamãe Elena. A sombra de sua tentativa de fuga na juventude pairava sempre sobre sua casa e para afastá-la ela não media esforços. Um exemplo disso foi sua tentativa de afastamento de Tita e Pedro, já que ela sugere ao padre, na presença de Tita, que achava melhor que Rosaura e sua família fossem morar com um parente longe para ter melhor tratamento médico.

A única pessoa que não perdeu a compostura foi mamãe Elena, que estava muito ocupada em buscar uma solução para sua inquietude e, aproveitando um momento em que Tita estava suficientemente perto para não perder uma só das palavras que ela pronunciava, comentou com o padre em voz alta: (...) Creio que o mais conveniente seja que, quando tiver mais forças, vá junto com o esposo e o filhinho viver em San Antonio, no Texas, com meu primo. (...) As palavras que Tita escutou ressoaram como tiros de canhão dentro de seu cérebro. Não podia permitir que isso acontecesse (ESQUIVEL, 1993, p. 67).

A figura de mamãe Elena é bem complexa. Ao mesmo tempo que temos a matriarca forte e tradicional, que na juventude foi romântica e desejou a fuga com um amado que era completamente fora dos padrões sociais em que ela estava inserida, temos uma outra vertente dela, que fica ainda mais claro na passagem que relata os ataques de revolucionários na região

do rancho. Num primeiro momento temos a fragilidade da mulher que teme pelo seu corpo, tão vulnerável, especialmente em tempos de guerra. Uma das notícias que circulavam em dado momento do romance era da violência sexual cometida pelos revolucionários:

As referências que lhe haviam dado dos revolucionários não eram nada boas, e claro que tampouco confiáveis, pois provinham do padre Inácio e do Presidente municipal de Piedras Negras. Por eles tinha conhecimento de como entravam nas casas, como arrasavam com tudo e como violavam as moças que encontravam em seu caminho (ESQUIVEL, 1993, p.72).

Ao cuidar sozinha do rancho, contando com somente ajuda feminina, mamãe Elena ficou vulnerável aos ataques dos revolucionários, no que consistia uma grande ameaça ao corpo feminino. Na época da revolução mexicana, os homens tinham o dever de ir para a guerra defender seu país e suas ideologias, enquanto que as mulheres deveriam ficar em casa cuidando dos filhos até seus maridos voltarem, se voltassem. Entretanto, o papel de Mamãe Elena na guerra foi para além dos cuidados maternos, pois, munida de coragem, ela defendeu as mulheres da casa e o seu patrimônio, surpreendendo, inclusive os revolucionários, que diante da ofensiva da mulher, recuaram sem atentar contra ela.

Com a instabilidade política e escassez de comida, Elena não se deixa abalar, enfrentando os homens quando necessário e dizendo o que achava que eles deveriam ouvir. Além disso, ela defendia o que era seu com todas as suas forças, como podemos ver quando os revolucionários invadiram o seu rancho e o capitão ao pedir a colaboração de Elena com as suas causas, recebe a seguinte resposta: “E eu, lhes digo por bem que levem o que quiserem das provisões que encontrarem no celeiro e nos currais. Mas quanto às que tenho dentro de minha casa não as toquem, entendido?” Mesmo sendo ironizada, Elena não se rebaixa, pegando sua escopeta e dando um tiro em direção as galinhas do rancho, mostrando quem manda ali: “O próximo tiro é para o senhor e lhe asseguro que posso disparar antes que me matem, assim é melhor que nos respeitemos mutuamente, porque se morrermos eu não farei falta para ninguém, mas com certeza a nação sentiria muito a sua perda” (ESQUIVEL, 1993, p. 73-74).

Essa mesma forma de tratamento destinada aos revolucionários era também a imposta às filhas. A repressão sofrida por elas era extremamente forte. Mamãe Elena tinha um olhar e duras palavras que intimidavam qualquer um, pois era possível perceber que ela não brincava para defender seu rancho e suas filhas. Ao demonstrar coragem e firmeza, Elena novamente se mostra uma figura paradoxal, pois seu comportamento nada tem de submissão ou fragilidade, aspectos valorizados por uma sociedade patriarcal.

Mamãe Elena assume um comportamento de valentia mostrando-se destemida diante das situações. Sua valentia se torna motivo de admiração até do capitão revolucionário. Metaforicamente, Elena representa a parte opressora dos costumes e tradições patriarcalistas, que utilizam o poder para manipular e oprimir ao mesmo tempo em que representa a mulher que busca por seus direitos e assumindo-se como chefe de família.

Se por um lado Mamãe Elena enfrentava os homens, por outro ela também assumiu essas características opressoras, castrando a liberdade de suas filhas e de outras pessoas que viviam a sua volta. Este lado patriarcal fez com que Elena tivesse atitudes abusivas e castradoras com suas filhas, mas principalmente com Tita, como obrigá-las a lhe chamar de Mami, pois achava que a palavra Mamãe era depreciativa. A única que não pronunciava no tom correto era Tita, que recebeu uma infinidade de bofetadas sem saber o motivo.

Apesar de suas três filhas não terem más condutas, Mamãe Elena não abandonava o seu lado patriarcal de forma alguma, com a morte de seu marido e um contexto de guerra, seria esperado que a mãe se aproximasse de suas filhas e não o contrário. Mamãe Elena queria manter a submissão de suas filhas para que isto se alargasse aos maridos, reproduzindo assim este comportamento patriarcal em que as mulheres deveriam aceitar tudo sem questionar.

A matriarca não leva em consideração os sentimentos de suas filhas, como quando ofereceu Rosaura a Pedro no lugar de Tita, ou quando Chenchá deu a notícia que seu neto Roberto havia falecido, enquanto Tita teve um grande choque ao receber a notícia, ainda foi repreendida pela mãe: “Senta para trabalhar. E não quero lágrimas. Pobre criatura, espero que o Senhor o tenha em sua glória, mas não podemos deixar que a tristeza tome conta da gente, pois há muito o que fazer” (ESQUIVEL, 1993, p. 82). Neste trecho percebemos que não importa para Elena os sentimentos da família, e sim que seu poder fosse exercido.

Outro momento oportuno, que ilustra essa repressão para com as filhas e a recorrente manutenção de autoridade e das tradições se dá quando ela consegue afastar Pedro, Rosaura e o filho deles do rancho, separando de vez qualquer possibilidade de reaproximação entre o genro e Tita. Ainda, no momento de preparo da receita que inaugura esse subitem, temos o olhar preocupado de Chenchá, diante da apatia de Tita desde a partida de Pedro e do menino, por quem nutria um singelo amor:

Chenchá pôs a tampa e correu até a horta para ajudar Tita a procurar minhocas. De um momento para o outro chegaria à cozinha Mamãe Elena para supervisionar a feitura do chouriço e a preparação da água para o seu banho e estavam bastante atrasadas em ambas as coisas. O motivo era que Tita, desde que Pedro, Rosaura e o menino tinham ido viver em San Antonio, no Texas, havia perdido todo o interesse na vida, excetuando o que lhe despertava um indefeso filhote de pombo, que ela

alimentava com minhocas. Fora daí, a casa podia cair que ela não se importava a mínima (ESQUIVEL, 1993, p. 71).

A apatia de Tita era crescente: a separação do sobrinho era o que mais sentia. O amor era suprido pelo pombo filhote que havia sobrevivido da invasão dos revolucionários. Cozinha, que sempre fora a sua forma de linguagem mais profunda havia se tornado um martírio. Ela perdera a vontade de falar e, por conseguinte, de preparar os alimentos, por isso fazia sempre pela obrigação, muitas vezes forçada por Chença.

Além dos preparos dos alimentos, Tita também era encarregada do banho da mãe, carregado de rituais, os quais somente a filha caçula era a expectadora, afinal era ela a condenada a cuidar da mãe até a hora de sua morte. Esse também era outro momento de imposição de autoridade e repreensão, pois:

Na opinião de Mamãe Elena, com o banho acontecia a mesma coisa que com a comida: por mais que Tita se esforçasse sempre cometia uma infinidade de erros. Ou a blusa tinha uma ruguinha ou a água não estava suficientemente quente ou a risca da trança estava torta; parecia enfim que a única virtude de Mamãe Elena era encontrar defeitos (ESQUIVEL, 1993, p. 78).

Esse poder autoritário foi levado para além da sua morte, já que mesmo depois de falecer, ela seguiu aparecendo para a Tita, tentando impor suas crenças e tradições. As filhas, cada uma a sua maneira, tentaram romper com as imposições postas a elas, seja por meio da busca pela liberdade ou pelo encontro com a própria voz, expressa sempre nos alimentos e nas receitas de Tita. Entretanto, isso não ocorreu com todas: Rosaura, a primogênita, seguiu firme na perpetuação dos ditames patriarcais da mãe.

3.2 – Rosaura: a desagradável manutenção do sistema

Maneira de fazer:

Em uma caçarola colocam-se 5 gemas de ovo, 4 ovos inteiros e o açúcar. Bater até que a massa fique espessa e então acrescentar outros 2 ovos completos, repetindo este procedimento até que se acabe de incorporar todos os ovos, de dois em dois. Para elaborar o bolo de casamento de Pedro com Rosaura, Tita e Nacha tinham tido de multiplicar por dez as quantias dessa receita, pois, em lugar de um bolo para dezoito pessoas, tinham de preparar um para cento e oitenta. O resultado dá 170 ovos! E isto significa que tiveram de tomar providências para ter reunida esta quantidade de ovos, de excelente qualidade, em um mesmo dia (ESQUIVEL, 1993, p. 19).

Após tecer algumas reflexões sobre a matriarca da família, iremos nos voltar para as suas filhas. Iniciamos o subitem com a receita do bolo de casamento de Rosaura e Pedro, um

momento muito importante da história de Como água para chocolate e da vida da primogênita da família. Rosaura, a filha mais velha, não questiona a mãe quando ela arranja o casamento com o Pedro, o grande amor da irmã caçula. Pelo contrário, ela aceita e segue a risca os ditames da mãe, pois seu intuito é perpetuar esse estereótipo conservador e patriarcal.

Rosaura é a filha mais velha e possui uma postura de total submissão e obediência às ordens de Mamãe Elena, sendo um reflexo aos traços da personalidade de sua mãe. Quando criança, ela sempre teve um paladar exigente, mas tinha medo da cozinha. Por ser uma fiel sucessora e reprodutora da postura patriarcalista de sua mãe, ela aceita todas as imposições dela, até mesmo quando foi oferecida em casamento a Pedro.

Coube a Tita cuidar dos preparativos da união da irmã com Pedro. É ela que cuida do cardápio que será servido, incluindo o bolo, um dos principais atrativos alimentares desse tipo de celebração: “O esforço fenomenal que representava bater tantos ovos começou a fazer estragos na mente de Tita quanto estavam na altura apenas dos cem ovos batidos, parecia-lhe inalcançável chegar a cifra de 170” (ESQUIVEL, 1993, p. 21).

Obviamente que ficar responsável pelos cuidados do casamento da irmã era um suplício para Tita. Por seu lado, Rosaura não se inibia e nem demonstrava qualquer traço de empatia. Resultado do sistema que foi criada, a personagem chega a ser cruel com a irmã, de quem inveja várias coisas, entre elas, o amor que nunca teve, do futuro marido. Isso fica evidente já logo no início do romance, ainda quando se trata dos preparativos do enxoval, conforme elucida o trecho abaixo:

(...) Mas o importante era que graças a ele Rosaura pôde gozar dos tecidos mais finos e requintados para o seu casamento.
Tita ficou como que hipnotizada, observando a brancura do lençol. Foram só alguns segundos, mas suficientes para causar-lhe uma espécie de cegueira. Onde quer que fixasse a vista só conseguia ver a cor branca. Quanto a Rosaura, que se encontrava escrevendo à mão, só podia percebê-la como um nível fantasma. Dissimulou tão bem o que lhe ocorria que ninguém notou (ESQUIVEL, 1993, p. 26).

A rivalidade entre as irmãs é instaurada desde o momento do casamento. Ao preparar o bolo, Tita derramou lágrimas e mais lágrimas, que foram transpostas para ele. O efeito disso foi que ao comer um pedaço, os convidados sentiam-se tomados por uma sensação de nostalgia, e mesmo Mamãe Elena, com toda a sua frieza, derramou um pranto sem fim.

E isso não foi tudo. O pranto foi o primeiro sintoma de intoxicação estranha que tinha algo a ver com uma grande melancolia e frustração que, apoderando-se de todos os convidados, fez com que eles terminassem no pátio, nos currais e nos banheiros, cada um com saudade do amor de sua vida. Nem um só escapou do

feitiço, e só alguns afortunados chegaram a tempo aos banheiros (...) (ESQUIVEL, 1993, p. 32).

Após o casamento, a fragilidade do relacionamento das irmãs ficou ainda mais acentuada. Rosaura invejava a irmã em todos os sentidos. Com o intuito de se mostrar superior, tentava de todas as formas agradar o marido. E a cozinha era, mais uma vez, o ambiente de transposição desses sentimentos, tanto para ela, quanto para Tita.

Ainda, com relação a passagem do casamento, onde todos os convidados são acometidos por uma intoxicação alimentar, Pedro se valida desse fato para adiar a consumação do casamento. Após alguns meses enrolando, Rosaura afirma para Pedro que já se sentia melhor da intoxicação causada pelo bolo, então ele aceita que não pode se recusar a realizar o seu papel de reprodutor. Pedro inicia uma oração e, para o ato, utiliza o lençol nupcial que só deixava aparecendo as partes nobres da esposa e se afastando antes que ela se descobrisse (SANTOS, 2018).

Mas não era só Pedro que não amava Rosaura. Esta também não nutria nenhuma paixão por ele, o que só reitera nossa leitura de que o objetivo da personagem era perpetuar as tradições impostas pela mãe, mesmo que isso custasse a sua felicidade. E como temos uma obra em que as personagens traduzem seus sentimentos no espaço da cozinha, isso não é diferente com Rosaura: a falta de amor pelo marido também se reflete na cozinha. Ela nunca demonstrou ter essas habilidades, tão próprias de Tita. Mas, para provar que era melhor que irmã, tentava agradar o marido fazendo as refeições que ele consumiria. O resulta era sempre desastroso: “Obviamente o arroz virou papa, a carne ficou salgada demais e a sobremesa quase queimou” (ESQUIVEL, 1993, p. 40). A autora não se preocupa em descrever os processos, mas destaca o final desastroso: a refeição causa uma dor estomacal em toda a família, associando a pouca habilidade com a reduzida afetividade.

Essa relação do alimento com os sentimentos das personagens, especialmente ao que se refere a Rosaura é bem recorrente. A sua incapacidade de alimentar o outro vai além de não conseguir preparar os alimentos: quando ela se torna mãe, não consegue amamentar o filho. Novamente, quem vai ter esse papel é a irmã Tita, que é privada do amor com Pedro, mas reencontra outra forma de amor no sobrinho, a quem nutre de forma mágica.

Rosaura é profundamente apegada aos valores familiares tradicionais e obcecada por status social, fazendo de tudo para manter as aparências. Ela não é agressiva como Elena, mas guarda muitos ressentimentos de Tita a ponto de aceitar que Pedro e Tita tenham um caso desde que os outros não saibam: “[...] a mim não me importa se tu e Pedro vão parar no inferno por andarem se beijando por todos os cantos [...] contanto que ninguém tome

conhecimento, a mim não importa” (ESQUIVEL, 1993, p. 176). Ao analisar a situação de Rosaura, percebemos que para fazer a vontade da mãe e manter a tradição da família, ela se submeteu ao casamento com alguém que nem a queria, aceitando ser traída desde que ninguém soubesse.

Rosaura passou toda a sua vida reproduzindo as ordens de sua mãe, sendo infeliz e colocando a culpa em Tita, quando na verdade quem queria atingir a Tita era Mamãe Elena condenando também a felicidade de Rosaura, que terminou sua vida com os “lábios roxos, corpo esvaziado, olhos saltados, olhar perdido, que dava o último e flatulento suspiro. O diagnóstico de John foi uma congestão estomacal aguda” (ESQUIVEL, 1993, p. 192).

Dessa forma, percebemos que após a rejeição de Pedro e a morte de Mamãe Elena, Rosaura assume as características de sua mãe, utilizando o mesmo penteado e roupas de tons escuros, representando as tradições antiquadas de sua família e a implicância e reprovação das atitudes de Tita. O seu conforto era de que sua filha Esperanza iria cuidá-la até sua morte. Se Elena morreu por se negar a comer as comidas de Tita, Rosaura morreu por não conseguir nutrir nenhum sentimento afetivo positivo, seja em relação ao marido, filhos ou irmã (SANTOS, 2018).

3.3 – Gertrudis: quebra de paradigmas sexuais

Desprendem-se com muito cuidado as pétalas de rosas, procurando não picar os dedos, pois além de ser muito doloroso (o ferimento), as pétalas podem ficar impregnadas de sangue, e isto, além de alterar o sabor do prato, pode provocar reações químicas por demais perigosas (ESQUIVEL, 1993, p. 38).

Gertrudis é a filha do meio e fruto de uma relação extraconjugal de Elena com o verdadeiro amor da sua vida, José Treviño, em com quem foi proibida de se casar por possuir sangue negro. Sua personalidade não se parece em nada com a de sua mãe e de sua irmã e ainda é responsável por ser a primeira a romper o rígido sistema familiar ao fugir de casa com um soldado do exército e depois se instalar em um bordel até conseguir se casar.

O momento da revolta de Gertrudis acontece após comer uma receita de Tita “codornas em pétalas de rosa”, cujo trecho destacamos no início dessas considerações sobre a personagem. O prato foi preparado por Tita com tanto amor e desejo por Pedro que acabou liberando os desejos sexuais de sua irmã:

Mas Tita era incapaz de se lembrar deste pequeno detalhe diante de uma intensa emoção que experimentava ao receber um ramo de rosas das mãos de Pedro. Era a primeira emoção profunda desde o dia do casamento de sua irmã, quando escutou a

declaração de amor que Pedro sentia por ela e que tentava ocultar aos olhos dos demais (ESQUIVEL, 1993, p. 38).

Embora a família reaja de formas diferentes a este prato, Gertrudis começa a sentir um calor inexplicável e a exalar um cheiro de rosas no seu suor. Ela corre para tomar um banho frio, mas nem isso resolve: “as gotas que caíam do chuveiro não conseguiam tocar-lhe o corpo: evaporavam antes de sequer roçá-la. O calor que se desprendia de seu corpo era tão intenso que as madeiras começaram a estalar e a arder” (ESQUIVEL, 1993, p. 44).

Ela sai correndo nua e desesperada até que Juan, um soldado rebelde e veloz, que seguiu o cheiro de rosas e viu que Gertrudis precisava desesperadamente de um homem para apagar o fogo abrasador de suas entranhas. A situação aconteceu tão rápido que a escolta de Juan não conseguiu alcançá-los e ao dar meia volta, levaram o informe de que “o capitão havia enlouquecido repentinamente durante a batalha e que por esta causa tinha desertado do exército” (ESQUIVEL, 1993, p. 45).

Neste momento, Esquivel faz uma afirmação de que geralmente as histórias são escritas através das versões de testemunhas presenciais e que nem sempre correspondem à realidade. Durante o ocorrido, Tita observa tudo enquanto lavava os utensílios, mesmo com a visão embaçada por uma nuvem rosa, ela vê a irmã partir com Juan.

Tal acontecimento nos traz uma outra perspectiva, que é o ponto de vista feminino acerca dos fatos. Esquivel descredita as testemunhas masculinas, afirmando não corresponder ao que ocorreu, pois eles desconhecem o contexto, apresentando então a ótica feminina de Tita, reforçando que da mesma forma em que as mulheres da história são designadas para fazer os trabalhos domésticos igualmente deveriam contribuir com os registros oficiais (SANTOS, 2018).

Dessa forma, ao mesmo tempo em que Tita é colocada em uma posição de testemunha central, a autora também coloca a necessidade cultural de Tita mentir para sua mãe, optando pela versão dos federais, que justificaria o ocorrido ao patriarcalismo de sua família: “tinham entrado em tropel, tinham posto fogo nos banheiros e tinham raptado Gertrudis” (ESQUIVEL, 1993, p. 47). Assim, entramos em um momento crítico da história, pois ainda que Tita tivesse visto a verdade, ela decidiu manipulá-la e confirmar a versão daqueles que eram vistos como superiores.

Neste momento em que Gertrudis resolve fugir de casa, temos a visão da família tradicionalista no romance, pois a partir deste fato, Mamãe Elena decide esquecer que Gertrudis é sua filha e impõe que todos da casa também esqueçam que ela existe. Assim, a personagem foge para conseguir desfrutar de sua liberdade ainda que seja por um caminho

que a tradição familiar não aceita, estando envolvida com a revolução e morando em um bordel que é um lugar inadequado para uma moça de família (CARVALHO, 2016).

Gertrudis atua no romance como uma personagem de importância que eventualmente se torna reconhecida, principalmente pelos companheiros de combate homens. Após Gertrudis fugir com Juan em seu cavalo só deu más notícias para sua família através de uma carta que ela escreve para Tita: “Amanhã vou deixar este lugar, pois não é o que convém”. Além disso, ela também afirma que Juan “deixou-me porque suas forças estavam se esgotando a meu lado, sem ter conseguido aplacar meu fogo interior. Por fim agora, depois que uma infinidade de homens passou por mim, sinto um grande alívio” (ESQUIVEL, 1993, p. 104). Todo esse fogo sentido por Gertrudis pode ser consequência do desprezo que Elena sentia pelo sexo oposto e pelo prazer sexual no geral.

Além disso, ela se tornou generala, lutando com o próprio punho, diante de uma sociedade que não aceitava que a mulher se destacasse no poder. O fato dela conseguir poder é realmente incrível, considerando que as mulheres no México só podiam votar em 1947. Quando Gertrudis se torna generala no romance, Esquivel traz uma ressignificação importante do desejo sexual feminino, transformando-os em coragem e força em uma figura que, naquele período histórico, seria a figura de um homem. Esse empoderamento de Gertrudis, reescreve a mulher como o centro da ação com objetivo de romper com os paradigmas de gênero (SANTOS, 2018).

Após conseguir seu triunfo, a generala retorna para casa para mostrar para sua mãe, que já havia falecido, então não tem que lidar com uma possível discussão. Contudo, Gertrudis se tornou uma mulher respeitada pelos homens, mostrando que é possível ocupar os mesmos cargos.

Uma semana depois de sua chegada ao rancho da família, Tita estava preparando as rabanadas a pedido da irmã mais velha, pois era sua sobremesa favorita, mas ela precisa se ausentar da cozinha para conversar com Pedro e deixa Gertrudis conduzindo a calda através de um livro de receitas. Se Tita era o último elo entre uma sequência de cozinheiras que transmitiram seus segredos de cozinha de geração em geração, desde a época pré-hispânica, sua irmã mais velha demonstra exatamente o oposto: “Gertrudis lia a receita como se lesse hieróglifos. Não entendia a quanto açúcar se referia a receita ao dizer libras nem o que era um quartilho de água e muito menos qual era o ponto de bola” (ESQUIVEL, 1993, p. 157). Dessa forma, a autora reforça a ideia de que cozinhar é algo que se aprende e não que todas as mulheres já nascem com o gene da gastronomia.

Além disso, Esquivel reforça novamente a ideia de que cozinhar é uma linguagem social, quando Gertrudis frustrada por não conseguir executar a receita, solicita que Juan compreenda o modo de preparo. Após ler a receita Gertrudis afirma: “É melhor que tenhas entendido senão juro que te mando fuzilar” (ESQUIVEL, 1993, p. 162), já o sargento “tendo muito presente a ameaça que pesava sobre sua cabeça se não cozinhasse corretamente para sua superior, cumpriu com a missão, apesar da inexperiência” (ESQUIVEL, 1993, p. 162).

Apesar de Gertrudis estar inserida em um ambiente totalmente masculino e ser respeitada e temida entre os revolucionários, a autora não tira seus traços de feminilidade. No casamento de Esperanza, filha de Rosaura, ao descer do carro, Gertrudis quase perdeu o seu chapéu, com plumas de avestruz e seu vestido era o mais moderno e chamativo possível. Além disso, a autora ainda cita que o seu filho mais velho com Juan tinha se tornado um lindo mulato, ressaltando o valor da mulher e a liberdade para construir o seu próprio papel na sociedade, pois ainda que sua mãe tenha vivido em eterna frustração por não conseguir viver seu amor, Gertrudis pôde usufruir de tudo o que quis, desde sua profissão até o seu romance e por mais que Elena tenha tentado esconder seu caso extraconjugal, o filho de sua filha do meio veio com os traços do verdadeiro avô.

Metaforicamente, Gertrudis representa os revolucionários que lutam pelos seus direitos, mostra um processo de mudança do papel da mulher, social e sexualmente, libertando-as de alguns costumes e permitindo que elas exerçam papéis importantes na sociedade.

3.4 – Tita: uma culinária responsiva

Maneiras de fazer:

A cebola tem de estar finamente picada. Sugiro-lhes que colocar um pequeno pedaço de cebola na moleira, com a finalidade de evitar o desagradável lacrimejar que se produz quando alguém está cortando. O ruim de chorar quando a gente pica cebola não é o simples fato de chorar mas sim o de que às vezes se começa, como se diz, a gente se pica, e então não pode parar. Não sei se isso já lhes aconteceu mas a mim, para falar a verdade, sim. Uma infinidade de vezes. Mamãe dizia que era porque eu era tão sensível quanto Tita, minha tia-avó (ESQUIVEL, 1993, p. 03).

A personagem Tita é a mais nova das três filhas de mamãe Elena e vive com sua família em uma fazenda no México. O nascimento da caçula foi bastante incomum: ainda no ventre de sua mãe, Tita, por ser muito sensível a cebolas, chorou tão alto enquanto Elena cortava o vegetal que induziu seu parto prematuramente: “contava Nacha que Tita foi literalmente empurrada para este mundo por uma torrente impressionante de lágrimas transbordando sobre a mesa e o chão da cozinha” (ESQUIVEL, 1993, p. 4). Quando as

lágrimas secaram, a quantidade de sal que sobrou encheu um saco de cinco quilos. Considerando a ligação com o realismo mágico e/ou fantástico, até Nacha que era um pouco surda, escutou seu choro sem grande esforço, além disso, o contexto em que Tita nasce na cozinha faz uma ligação entre ela e o local em que irá permanecer durante sua vida.

Após o falecimento do pai de Tita, Elena não consegue manter o aleitamento e encarrega Nacha pela alimentação de Tita. Nacha é descrita no romance como uma mulher que “Nem sabia ler ou escrever, porém sobre cozinha tinha tão profundos conhecimentos como ninguém mais” (ESQUIVEL, 1993, p. 4). Analisando esse trecho, é possível associá-lo aos ideais e pensamentos da sociedade patriarcal, reafirmando que as mulheres não precisam estudar, pois isso não influenciaria nas suas habilidades na cozinha. Tita então se muda para a cozinha, sendo alimentada com chás e mingaus preparados por Nacha e se familiarizando com o lugar.

Aos quinze anos, apaixona-se por Pedro e é correspondida. Ela é impedida de se casar com o homem que ama, por causa de uma tradição de família quando. O amor entre Tita e Pedro é recíproco, mas eles não podem externá-lo e como se isso não bastasse, ainda vivem infelizes na mesma casa como cunhados, pois ao ir na casa de Tita para pedir sua mão, a mamãe Elena oferece a mão de Rosaura, a filha mais velha, que segundo ela está preparada para o casamento e Pedro, na intenção de ficar próximo de Tita, acaba aceitando.

A obra nos traz uma família somente de mulheres, em que Tita, a filha caçula, é obrigada abdicar de sua própria liberdade para servir sua mãe até a morte, sendo uma alusão à referência dos desejos reprimidos das mulheres mexicanas, quando a família ou a matriarca define o que deve ou não ser feito, ditando ordens que devem ser acatadas por todos. No romance, Elena define com quem ou não Tita e Rosaura deverão se casar, além de serem obedientes aos afazeres domésticos, etc. (CARVALHO, 2016).

O apego às tradições, a rígida educação e a responsabilidade que carrega por ser a mais nova, impedem que a personagem principal Tita seja feliz e também complicam o relacionamento entre ela e a mamãe Elena. Essa falta de coragem e a submissão excessiva são obstáculos na busca pela liberdade de pensamento e da felicidade. Tita representa metaforicamente a opressão que luta pela liberdade de poder fazer suas escolhas e de buscar a liberdade igual para todos.

Quanto Tita descobre que seu grande amor irá se casar com sua irmã Rosaura, ela sente um frio intenso que invadiu seu corpo e sua alma “o frio era tanto que lhe queimou as maçãs do rosto [...] este frio espantoso haveria de a acompanhar por muito tempo sem que nada o pudesse atenuar” (ESQUIVEL, 1993, p. 12). O frio que Tita sentiu está relacionado

com os acontecimentos negativos de sua vida, suas angústias, decepções, etc. Desde o início do romance a autora deixa claro que Tita é muito sensível tanto que já chorava no ventre de sua mãe por causa das cebolas.

Segundo Santos (1999) o romance também apresenta a valorização do elemento indígena. A inferioridade de Tita por ser a filha caçula e ter que seguir com a tradição de não poder se casar para cuidar de sua mãe até a morte, faz com que ela se aproxime de Nacha e Chenchá, que eram a cozinheira e a empregada indígena do rancho. A primeira foi sua mãe de criação e a segunda sua única amiga após a morte de Nacha e a fuga de Gertrudis. Ambas transmitem uma tradição pré-hispânica que vai contra a tradição colonial de Elena, unindo-as a Tita pelo fato de serem consideradas inferiores.

A construção da protagonista acontece por meio de dois elementos: o amor e a cozinha, assim o foco não está necessariamente no amor entre Tita e Pedro, e sim na crítica da ideologia patriarcal imposta. Na cozinha, Tita encontra um espaço próprio, subvertendo um lugar que sempre foi considerado de repreensão, confinamento e marginalização, principalmente para as mulheres.

Dessa forma, a protagonista não luta somente por benefícios próprios, mas também luta para romper com a tradição que oprime todas as mulheres ao seu redor. A personalidade de Tita se constrói gradativamente de modo reflexivo, pois ela vai conquistando seu próprio espaço, rompendo com a tradição familiar e criando uma forma de se comunicar através da comida. O sucesso de suas receitas não está ligado somente à combinação de ingredientes utilizados, mas porque ela descobre uma maneira de exteriorizar seus sentimentos como: ódio, paixão, tristeza, etc., cozinhando. É preparando os alimentos que ela começa a desenvolver receitas mágicas que passam para a comida o que ela está sentindo. Era na cozinha que Tita conseguia se livrar do rigoroso controle de Mamãe Elena e tudo o que os sabores misturados as suas emoções podiam provocar.

É possível perceber vários momentos que esse realismo mágico, com a comida, acontece no romance. Um desses momentos acontece no casamento de Rosaura, sua irmã, e Pedro, seu grande amor que também a amava, mas aceitou se casar com a irmã para poder ficar perto de Tita. Mamãe Elena designou a Tita a responsabilidade de fazer o banquete do casamento, o que lhe traz uma tristeza profunda deixando cair lágrimas de tristeza sobre a massa do bolo de casamento causando um alvoroço de tristeza e mal-estar nos convidados como se eles também sentissem a mágoa da protagonista.

Então a narrativa coloca em destaque a personagem Tita, pois logo após o casamento, a cozinheira Nacha morre e a protagonista atua mais intensamente na cozinha, que era o único

lugar que não estava sob o controle de sua mãe. Além de Nacha, tinha a Chenchá que também trabalhava no rancho da família e era como se fossem da família para Tita.

Outro momento que as emoções de Tita são transpostas para a comida é quando ela cozinha as Codornas em Pétalas de Rosa, que atua como instigadora de fortes emoções, conforme comentamos no subitem sobre Gertrudis. Pedro entregou um buquê de rosas a Tita, devido seu primeiro ano como cozinheira e desse sentimento ela fez a iguaria. Logo após comer aquele prato, Pedro de olhos fechados não consegue deixar de dizer que “nunca tinha provado algo tão delicado” (ESQUIVEL, 1993, p. 42), era o mesmo que dizer eu te amo para Tita, uma forma de expressar seu prazer sexual físico, que estava reprimido, por meio da comida. Entretanto, essa sensação de prazer sexual após a ingestão do alimento acaba atingindo Gertrudis, a irmã mais velha de Tita, que não reprimia sentimentos e com tanto fogo saiu correndo nua pelo pátio e fugiu com um soldado revolucionário, como vimos anteriormente.

Após o casamento, Pedro vem morar na casa de mamãe Elena, Tita encontra uma forma de se conectar com seu amor: por meio da comida. Logo mamãe Elena percebe a conexão e faz o possível para mantê-los a distância, até que Rosaura tem o seu primeiro filho. Tita cria uma ligação maternal muito intensa pela criança desenvolvendo leite materno para alimentá-lo.

No batizado de Roberto, primeiro filho de Rosaura, Tita consegue expressar suas emoções novamente no Guisado de peru com amêndoas e gergelim. Rosaura não participou do evento por se sentir indisposta, assim Tita sai mostrando seu sobrinho a todos, com tanto orgulho e afeto que sentia por ele. Após comer o guisado todos sentiram uma euforia pouco comum, como nunca tiveram sentido, porém essa reação não foi somente pelo amor e alegria que Tita sentia por Roberto, mas também por algo que aconteceu no preparo: “Tita, de joelhos, inclinada sobre a pedra de moer, movia-se rítmica e cadenciadamente enquanto moía as amêndoas e o gergelim”, então seus seios balançavam livremente abaixo de sua blusa enquanto gotas de suor escorriam sobre seu corpo. “O cheiro das amêndoas dourando no comal, a melodiosa voz de Tita cantando enquanto cozinhava, tinham despertado” o instinto sexual de Pedro que se dirigiu para a cozinha e ficou petrificado na porta ao ver a postura sexual que estava Tita. (ESQUIVEL, 1993, p. 54).

Elena, ainda não satisfeita, manda Rosaura, Pedro e seu neto para bem longe do rancho, trazendo uma tristeza profunda a Tita, que perde o prazer de cozinhar e cumprir as tarefas domésticas. Mas nada comparado quando o seu sobrinho morreu por falta de comida. Em estado de choque e inconformidade, ela se revolta com a mãe fazendo Elena interná-la em

um hospício: “enfrentou firmemente o olhar da mãe enquanto acariciava o chouriço e depois, em lugar de lhe obedecer, pegou todos os chouriços que encontrou e os partiu em pedaços, gritando enlouquecida: - Olhe o que eu faço com suas ordens!” (ESQUIVEL, 1993, p. 82).

Este momento em que o médico, Dr. John, vem buscar Tita representa uma nova experiência para a protagonista. O médico não a leva para o hospício, mas para sua casa, prestando atendimento e cuidado até que ela melhore, entregando a Tita um novelo de lã e agulhas para tricotar. Ela tricota a manta exageradamente transferindo para a mesma toda a sua infelicidade.

Esta fase da vida de Tita é importante para o amadurecimento, autodescoberta, libertação, pois “ao lado da mãe, o que suas mãos tinham de fazer estava friamente determinado” e “ao vê-las agora livres das ordens da mãe não sabia o que pedir-lhes que fizessem, nunca havia decidido por si mesma” (ESQUIVEL, 1993, p. 88-89).

Este período que Tita ficou na casa do médico foi importante para sua libertação do medo e repressão causados por sua mãe. Então ela decide retornar ao rancho para cuidar de sua mãe, que está paraplégica e pela primeira vez consegue sustentar seu olhar, exprimindo força para conseguir romper com qualquer regra que ela possa querer impor.

Tita cuida de sua mãe até sua morte e então descobre um grande segredo por meio de algumas cartas guardadas no cofre de Elena: sua mãe tivera um amor frustrado no passado e uma filha ilegítima, ela foi proibida de se casar com o amor da sua vida por ser negro. Sendo obrigada a se casar com Juan de La Garza, o pai de Tita. Além disso, descobre também que sua irmã Rosaura pretende manter a tradição familiar e fazer de Esperanza, que nasceu logo após a morte do primeiro filho, cuidar dela até sua morte. Isso fez com que Tita voltasse a se expressar através da comida, colocando tanta raiva no alimento da irmã que acarretou em sua morte por sérios problemas intestinais.

Segundo Santos (1999), com o nascimento de sua sobrinha, Tita começa a lutar contra as tradições antigas que moldaram a sua vida, pois acredita que ser mulher não pode ser um obstáculo para a realização de sonhos. Dessa forma, nas entrelinhas, o romance tem como eixo principal a questão feminina, principalmente, na insistência de Elena em manter a estrutura social do colonialismo, bem como da tradição familiar.

O fato de se calar a tudo o que a mãe dizia e ordenava levou Tita a ter relações amorosas às escondidas, posteriormente com seu cunhado Pedro, que era o grande amor de sua vida, mas que se casou com Rosaura por sugestão da mamãe Elena.

É possível observar que Tita passa por várias cenas de estresse causadas pela falta de carinho da mãe, o excesso de tarefas domésticas, a hostilidade da mãe, a tradição de não poder

se casar, entre outros acontecimentos que vão fazendo a personagem acreditar que não teria escolhas.

Durante muito tempo, a cozinha foi considerada um espaço de confinamento e de reclusão, mas no romance se tornou um lugar de destaque estando diretamente ligada a Tita e suas conquistas. A forma como a protagonista se comporta na cozinha representa o movimento de luta que a mulher enfrenta na sociedade patriarcal, reforçando que as mulheres devem ter a mesma participação que os homens nas diferentes esferas e tomadas de decisões.

Santos (1999) acrescenta que Tita representa a mudança do comportamento feminino, lutando contra as tradições herdadas do colonizador e enraizadas na sociedade em que estava inserida. Ao questionar os padrões de comportamento estabelecidos pelos colonialistas, começa a ter voz e destruir as barreiras impostas por sua mãe. Dessa forma, ao tomar decisões e correr atrás do que realmente deseja, ela abandona a submissão para ter voz ativa no meio social em que vive.

É preciso reforçar que o fato de Tita ter que abrir mão de sua felicidade e seus desejos para cuidar de sua mãe até a morte, não é algo que ela nasceu para fazer, e sim, como algo social e culturalmente imposto por sua família. Após a morte de Chenchá, Tita ainda se torna a cozinheira da família, não pela natureza da mulher de servir ao lar, mas pela tradição familiar opressora que Elena impõe a ela.

Mesmo após a morte de Elena, nos momentos em que Tita ficava insegura ou iria fazer algo que antes não poderia devido às opressões de sua mãe, o espírito de Elena aparecia para repreendê-la, só desaparecendo quando Tita resolve enfrentar de vez e dar um basta neste autoritarismo, se livrando finalmente desta tortura psicológica: “Deixe-me de uma vez por todas, não a suporto mais! E ainda por cima a odeio, sempre a odiei” (ESQUIVEL, 1993, p. 59).

Com a morte de Rosaura, Tita começa a cuidar de Esperanza e faz questão de mandá-la para a escola, quebrando o paradigma de que só os homens teriam direito à educação, à leitura e ao conhecimento, apesar de também ter lhe ensinado os segredos culinários da família De La Garza. Assim, Esperanza e seu marido Alex, filho de John vão para Haward dar sequência aos seus estudos, deixando Tita sozinha com Pedro no rancho.

Finalmente Tita e Pedro puderam viver seu amor, sem o julgamento de ninguém, sem Elena, sem Rosaura ou qualquer outro indivíduo que pudesse querer contrariar. Pela primeira vez, eles poderiam se amar livremente sem tomar uma série de precauções para que não os vissem. Assim que ficaram sozinhos, Tita e Pedro foram para o quarto escuro em que sempre se encontravam as escondidas, mas agora estava totalmente transformado com sedas brancas,

tapetes de flores e círios que iluminavam o ambiente. Eles pensaram que o outro havia preparado o quarto daquela forma, mas a emoção foi tanta que eles não viram Nacha acendendo a última vela antes de desaparecer.

Pedro e Tita começaram a se abraçar e se admirar com ternura até que soltaram a paixão que por tantos anos ficou contida. Os golpes na cabeceira e os gritos ativaram o sexto sentido dos animais que logo fugiram do rancho como se soubessem que algo iria acontecer. Quando Tita estava chegando ao seu clímax, seus olhos se iluminaram e ela viu um túnel brilhante que lhe fez recordar das palavras de John, isso conteve sua emoção.

[...] se por uma emoção muito forte chegarem a acender todos os fósforos que levamos em nosso interior de uma só vez, se produz um resplendor tão forte que ilumina mais além do que podemos ver normalmente e então, diante de nossos olhos, aparece um túnel esplendoroso e que mostra o caminho que esquecemos no momento de nascer e que nos chama para reencontrar nossa perdida origem divina. A alma deseja reintegrar-se ao lugar de onde provém, deixando o corpo inerte... (ESQUIVEL, 1993, p. 202).

Ela queria sentir essa emoção muito mais vezes, então tentou normalizar sua respiração e começou a prestar atenção nos sons que seus corações faziam, principalmente o de Pedro, que pulsava sobre os seus seios, mas que foi interrompido bruscamente. Neste momento Tita percebeu que junto com Pedro haviam ido os seus fósforos e seu fogo interior iria se apagando pouco a pouco, pois faltaria o alimento principal. Assim, ela se arrependeu de não ter entrado no túnel luminoso como provavelmente fez Pedro e por medo de ficar vagando pelas trevas por toda a sua eternidade, pois um frio intenso logo a consumiu.

Finalmente, ela buscou uma colcha para se cobrir que também cobriu os três hectares do rancho, e fósforos. Ela começou a comer os fósforos, lembrando dos momentos com Pedro para tentar recriar o instante do êxtase e da abertura do túnel luminoso, até que ele apareceu junto com Pedro a sua espera. Seus corpos físicos então começaram a estralar como fogos de artifício, colocando fogo em toda a colcha que cobria o rancho, que durou mais ou menos uma semana e, assim, uma capa de cinzas de vários metros se alastrou pelo rancho todo. Portanto, infelizmente percebemos que, nesse romance, o fogo da paixão que aquece e alimenta, também destrói e tormenta dadas as circunstâncias socioculturais e temporais envolvidas nesse contexto.

PONDERAÇÕES FINAIS

Início as minhas considerações finais afirmando que é extremamente importante utilizar o meio acadêmico para dar espaço ao direito de discurso, de representação, de reflexão das mulheres e de todos os sujeitos que foram representadas no romance, ou seja, apresentar as suas perspectivas na arte e na história, dando-lhes o protagonismo de suas vontades e percepções para o futuro. Considerando que a cultura latino-americana ainda possui raízes muito fortes do patriarcalismo e do colonialismo, pois é composta por uma equipe de líderes com a predominância de homens, faz-se necessário promover obras como essa, as quais permitem várias reflexões acerca de nossas sociedades.

Laura Esquivel, em seu romance *Como água para Chocolate*, cria códigos dentro do romance tradicional por meio dos diários, receitas culinárias e contextos históricos para representar uma realidade latino-americanas usando o México como uma espécie de metonímia cultural, por onde tradições culturais mantêm o elo social, mas igualmente podem manter o processo de opressão. Ao lançar mão do realismo mágico, a autora relaciona a libertação da protagonista Tita com os acontecimentos e sentimentos transmitidos pela comida, em um lugar onde sempre foi considerado como parte da cultura feminina, representando a sua submissão à cultura dominante e patriarcal: a cozinha.

Percebe-se que as manifestações da tradição, da cultura gastronômica e o enredo são entrelaçados no romance, proporcionando uma história cheia de camadas, especialmente ao que se refere às mulheres, seus espaços de pertencimento e a reconfiguração de suas formas de expressão. Ao longo da história, Esquivel mostra como a cultura patriarcal consegue reduzir a mulher para o segundo plano, aprisionando-a a construções sociais e aplicações de tradições para beneficiar uma parcela da sociedade. Entretanto, por meio do realismo mágico, a autora reconstitui esses espaços, permitindo que, por meio deles, as mulheres alcancem sua voz e sua liberdade.

Essa nova forma inovadora fez do romance uma referência, sendo um dos motivos para ser abordado nessa dissertação. Ao analisar a obra de forma geral, é possível perceber a relevância do contexto histórico da Revolução Mexicana associados à forma narrativa do Realismo Mágico e situações que acontecem por meio da comida. Isto permite que seja compreendido uma posição alternativa sobre os desdobramentos dos principais eventos que formam o contexto da narrativa da família De La Garza, pois há a valorização e protagonismo das vozes femininas como forma de reescrever uma história que foi escrita, em sua grande maioria, por homens.

Esquivel evidencia a presença da mulher na história, utilizando de suas experiências e vivências individuais e coletivas que foi, por muito tempo, silenciada principalmente nos meios científicos e políticos. A personagem Tita, protagonista do romance, representa a mulher que foi colocada como inferior e direcionada a cozinha como forma de submissão e opressão. Contudo, a protagonista transforma a cozinha em sua forma mais significativa de expressão, reivindicando, por meio dos alimentos preparados, carregados de elementos mágicos, a sua representatividade e ressignificando esse espaço que era invisível.

Para as reflexões aqui propostas, realizamos algumas leituras teóricas que embasaram nossas reflexões, e que foram abordadas ao longo do texto, como um olhar para o realismo mágico e sua íntima relação com as produções latino-americanas.

Antes de adentrarmos nas análises propostas para o romance, buscamos conhecer um pouco de Laura Esquivel, uma autora que também tem uma significativa relação com a cozinha e que a transpõe para o romance analisado. Esquivel, em várias entrevistas, sempre reitera a importâncias das mulheres da família para a sua formação e o quanto o espaço da cozinha sempre foi um reduto de histórias contadas por essas mulheres, principalmente pela sua avó.

No último capítulo, buscamos compreender um pouco mais sobre as representatividades das principais personagens, por meio de uma leitura decolonial das mulheres da família De la Garza, Mamãe Elena, Rosaura, Gertrudes e Tita. Vimos que a matriarca é representada como a mantenedora do patriarcalismo e da opressão, mesmo tendo sofrido por conta desses padrões quando era jovem.

As filhas sofrem, cada qual a sua maneira, com essas imposições tradicionais e opressoras da mãe. Rosaura se casa com Pedro mesmo sabendo o quanto ele e a irmã se amavam. Segue a risca os costumes da mãe, mesmo custando sua felicidade e sua vida, por isso, é uma personagem amarga e invejosa, com atitudes que beiram a crueldade. Gertrudes, a filha do meio, é a que vai em busca da liberdade, rompe os padrões, alcança um lugar de poder. Porém, é excluída do seio familiar e ignorada pela mãe, que não aceita a “vergonha” que seus atos causam a família.

Por fim, temos Tita, a protagonista da história. Desde o nascimento, a caçula é renegada pela mãe, sendo criada na cozinha, junto com as empregadas, em um claro movimento de exclusão. Entretanto, esse ambiente é o espaço de sua expressão e, dotada de habilidades culinárias, ela transfere para os alimentos as suas tristezas e paixões, interferindo diretamente no rumo das histórias. Tita consegue se comunicar através da comida,

representando o empoderamento que pode ser gerado mesmo em meio à opressão causada pelas tradições da família ou convenções políticas e sociais.

Nesse contexto, percebe-se que a autora refuta a ideia de que as mulheres já nascem com as funções definidas e que é mito essa ideologia de que toda mulher nasce para ser mãe e cuidar do lar. As representações das relações sociais e afetivas são construídas através das ações dos sujeitos envolvidos.

Toda a narrativa como meu processo investigativo na construção dessa dissertação, fez-se, acima de tudo, refletir acerca da minha própria condição de mulher e de trabalhadora na sociedade brasileira atual, também latino-americana e, dessa forma, maculada pelas dores da colonização, da escravidão e das ditaduras. Assim, vejo-me e sinto-me muito mais latino-americana agora; seu de onde e para quem falo, estou consciente do meu poder discursivo e, sobretudo, da necessidade de mantê-lo altivo e representante da minha pessoa enquanto sujeito social, enquanto mulher, trabalhadora, alguém que promove mudanças sociais ao passo que existe e reflete acerca das condições do momento. Se no Brasil não temos as mesmas tradições familiares mexicanas, temos outras que visam manter as mulheres em situações menores, precisamos igualmente continuar a lutar pelos direitos de equidade laboral e de existência humana. O percurso do Mestrado em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados me fez ver o mundo e as pessoas de outra maneira, de um modo completamente distinto do que enxergava antes; sou agora mais crítica, menos inocente, mais conhecedora dos meus direitos assim como dos meus deveres e sei, indubitavelmente, do valor das mulheres e da literatura para uma sociedade mais justa e mais humana. Aprendi demais nessa jornada, conheci pessoas, fiz amigos, conheci intelectuais brilhantes, críticos que dedicaram uma vida toda a pensar e a enaltecer a América Latina, os quais conseguiram, com isso, promover mudanças outrora inimagináveis.

Espero, afetuosamente, que meu trabalho possa também inspirar alguém a pensar a América Latina, a se sentir de fato latino-americano, como ocorreu comigo em todo esse processo. Saio desta pesquisa uma outra pessoa, definitivamente uma outra pessoa; orgulhosa de pertencer a esse espaço cultural único, incomparável, o qual sofreu e ainda sofre inúmeras espoliações externas, mas se mantém digno, resistente, lutando constantemente para garantir o seu pedaço de sol no mundo. A América Latina é verdadeiramente apaixonante e só pude comprovar isso mediante as oportunidades que me foram dadas nesse curso de Mestrado em uma universidade federal, da qual tenho enorme orgulho de ter frequentado.

Um salve à América Latina! Um salve à literatura dela proveniente!

REFERÊNCIAS

- ALVES, D. F. *Real Maravilhoso e Cinema: O Universo Ficcional de Gabriel Garcia Márquez Revisitado Nos Filmes Como Água e Chocolate e A Casa Dos Espíritos*' 21/02/2014 103 F. Mestrado Em Estudos Literários Instituição De Ensino: Universidade Federal De Uberlândia, Uberlândia Biblioteca Depositária: Sisbi - Sistema De Bibliotecas Da Universidade Federal De Uberlândia.
- ANDRADE, D. E. C. V.; TEODORO, M. C. M. *A colonialidade do poder na perspectiva da interseccionalidade de raça e gênero: análise do caso das empregadas domésticas no Brasil*. Volume 10 – nº 2, Ago, 2020.
- AZEVEDO, A. M. E. PEDROSO JUNIOR, N. C. MORAES, P. E. B. *Linguística e literatura: intersecções e transversões*. Vol 1 – Campo Grande, MS: Life Editora, 2018.
- BADINTER, E. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Elisabeth Badinter; tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARZOTTO, L. A. *Nuestra Cultura Local: por uma epistemologia das margens*. 2017. Disponível em <<https://desafioonline.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4538>> Acesso em 03 ago. 2021.
- BRASIL, *Emenda Constitucional nº 72, de 2 de abril de 2013*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm> Acesso em 25 jul. 2021.
- CARPENTIER, A. *O reino deste mundo*. Tradução Marcelo Tápia. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CARVALHO, K. T. *Como água para chocolate: a reafirmação do papel feminino mediante o processo tradutório da culinária mexicana*. 2016. Disponível em <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14881/1/2016_KarenTolentinoCarvalho_tcc.pdf> Acesso em 12 out. 2021
- CASTRO, A. M. A.; EGGER, E. *Alguns apontamentos sobre a epistemologia feminista*. SOCIAIS E HUMANAS, SANTA MARIA, v. 25, n. 02, julho/dezembro 2012, p.231-238.
- COUTO, N. H. *Rastreando Identidades em "Mi Negro Pasado", de Laura Esquivel*' 20/01/2021 95 F. Mestrado Em Linguística e Letras Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Irmão José Otão.
- DEL POZO, J. *História da América Latina e do Caribe: dos processos de independência aos dias atuais*. Tradução de Ricardo Rosenbusch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- DRUMOND, T.; VIEIRA, R.; ABRITTA, C. C. A. *Dia dos mortos no Brasil e México: fusão, cultura e tradições*. 2018. Disponível em <<https://seer.cesjf.br/index.php/revistadegastronomia/article/viewFile/1855/1195>> Acesso em 09 mai. 2021.

DUTRA, S. C. P. *As tradições do patriarcalismo nas obras 'A casa de Bernarda Alba', de Federico García Lorca e 'Como água para chocolate', de Laura Esquivel*. Dissertação de Mestrado, UFRN, 2017, 105 f.

ESQUIVEL, L. *Como água para chocolate*. Tradução de Olga Savary. - 1. ed. Martins Fontes, 1993.

ESQUIVEL, L. *Como água para chocolate* [recurso eletrônico] / Laura Esquivel; tradução Monica Maia. - 1. ed. -Rio de Janeiro: BestBolso, 2015. Disponível em <<https://docero.com.br/doc/x8cv0ex>> Acesso em 04 jun. 2021

FARAH, L. C. *O acaso e a conquista do México (1519-1521)*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 04, Vol. 02, pp. 27-48. Abril de 2020. ISSN: 2448-0959.

FIGUEIREDO, E. *Conceitos de Literatura e Cultura*. Eurídice Figueiredo, organizadora. – 2 ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora, 2010. 490 p.

GAGLIETTI, M.; BARBOSA, M. H. S. *A questão da hibridação cultural em Néstor García Canclini*. Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS, 2007.

GARCÍA CANCLINI, N. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade / Néstor García Canclini*; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa, tradução prefácio à 2. Ed Gêneses. 4. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

GONÇALVES, J. S. RIBEIRO, J. O. S. *Colonialidade de gênero: o feminismo decolonial de María Lugones*. 2018. Disponível em <<https://7seminario.furg.br/images/arquivo/46.pdf>> Acesso em 01 jul. 2021.

HERMIDA, A. J. B. *História das Américas: segunda série*. Editora do Brasil S/A – São Paulo, SP, 1956.

IPEA. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*, 2017. Brasil. Disponível em <<https://www.ipea.gov.br/portal/>> Acesso em 25 jul. 2021.

JUNG, C. G., 1875-1961. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo / CG. Jung*; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Perrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LANDER, E. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latinoamericanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005.

LUCHINI, N. TAVOLARI, B. *Patricia Hill Collins – Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência e política de empoderamento*. 2017. Disponível <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4123078/mod_resource/content/1/Patricia%20Hill%20Collins.pdf> Acesso em 07 ago. 2021.

LUGONES, M. *Rumo a um feminismo decolonial*. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

MAIA, G. L. *Alumbrar-se: Realismo Mágico e Resistência às Ditaduras da América Latina*. ANAMORPHOSIS – Revista Internacional de Direito e Literatura v. 2, n. 2, julho-dezembro 2016.

MARQUES, R. M.; BARBOSA, E. C.; HUTZ, A. *A situação da mulher na América Latina e no Caribe*. Temporalis, Brasília (DF), ano 10, n.20, p.197-220, jul/dez. 2010.

MENDEZ, C, F. *Ser mulher no México é viver com medo e conviver com a impunidade*. 2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/ser-mulher-no-mexico-e-viver-com-medo-e-conviver-com-a-impunidade.shtml>> Acesso em 02 abr. 2021.

MIGNOLO, W. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MIRANDA, K. R. M. *A Pedra E A Água: Uma Leitura Comparada De Pedro Páramo (1955), De Juan Rulfo, E Como Água Para Chocolate (1989), De Laura Esquivel'* 19/04/2013 227 F. Doutorado Em Letras Instituição De Ensino: Universidade Est. Paulista Júlio De Mesquita Filho/Assis, Assis Biblioteca Depositária: Fcl Assis.

NASCIMENTO, P. S. *Mulheres Zapatistas: poderes e saberes. Uma análise das reivindicações das mulheres indígenas mexicanas na luta por seus direitos – anos 1990*. 2012. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88721/nascimento_ps_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 11 mai. 2021.

OLIVEIRA, S. R. *Por uma história do possível: o feminino e o sagrado nos discursos dos cronistas e na historiografia sobre o “Império” Inca*. 2006. Disponível em <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/2321>> Acesso em 08 abr. 2021.

PUPPIM, R. *O legado da indumentária asteca e maia: um estudo cultural*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (Nível Mestrado) da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), 2014.

QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina - A colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas*. Buenos Aires. CLACSO, 2005.

RAMPINELLI, W. J. *A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, luta de classes e a relação com povos originários*. Revista Espaço Acadêmico – Nº 126 – Novembro de 2011.

REGERT, R.; BAADE, J. H.; RIBEIRO, A. P.; ZIEDE, M. K. L. As civilizações Pré-colombianas no continente americano. *Revista da UNIFEDE*, Brusque, v.1, n. 18, mai/ago, 2016.

SANTOS, A. C. Algumas reflexões sobre a voz feminina na moderna narrativa hispano-americana. *Anuario brasileiro de estudios hispánicos*, 9 (1999), 117-128. ISSN 0103-8893.

SANTOS, D. M.; BATISTA, C. L. V. *Epistemologias periféricas: por uma epistemologia das margens e nas margens*. 2019. Disponível em

<<https://www.even3.com.br/anais/vicbeo/171386-epistemologias-perifericas--por-uma-epistemologia-das-margens-e-nas-margens/>> Acesso em 15 ago. 2021.

SANTOS, J. A. *A construção das subjetividades femininas em Como água para Chocolate, de Laura Esquivel*. – João Pessoa, 2018, 82 f.

SANTOS, J. O. D. S. *Como Água Para Chocolate: da linguagem verbo- audiovisual ao ensino de língua estrangeira* 24/04/2014 152 F. Mestrado Em Lingüística Aplicada Instituição De Ensino: Universidade De Taubaté, Taubaté Biblioteca Depositária: Depto. Ciências Sociais E Letras.

SCHMIDT, R. T. *Mulheres reescrevendo a nação*. 2000. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9858>> Acesso em 06 ago. 2021.

VERGÉS, F. *Um feminismo decolonial*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. 2021. Disponível em <<https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/03/Um-feminismo-decolonial.pdf>> Acesso em 09 dez. 2021.

VITAL, S. M. M. *Entre O Banquete E O Corpo: a carnavalização em "Como Água Para Chocolate"* 08/07/2016 116 F. Mestrado Em Letras- Linguagem E Identidade Instituição De Ensino: Universidade Federal Do Acre, Rio Branco Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Da Ufac.